



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Departamento de Design

**RECRIANDO A REALIDADE SOBRE O
CONSUMO DE DROGAS**

O design como propulsor de criação de diálogos construtivos com foco na descriminalização

Brasília, 2018



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Departamento de Design

RECRIANDO A REALIDADE SOBRE O CONSUMO DE DROGAS

O design como propulsor de criação de diálogos construtivos com foco na descriminalização

Pedro Joffily de Araújo

13/0016349

Relatório apresentado ao Departamento de Design sobre o projeto desenvolvido durante a disciplina de Diplomação em Programação Visual no curso superior de Design (Desenho Industrial) da Universidade de Brasília – UnB. Orientação,

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Garrossini

Brasília, 2018



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Departamento de Design

RECRIANDO A REALIDADE SOBRE O CONSUMO DE DROGAS

O design como propulsor de criação de diálogos construtivos com foco na descriminalização

Prof^a. Dr^a. Daniela Garrossini

Prof^a. Dr^a. Nayara Moreno

Prof. Dr. Rogério Camara

Brasília, 2018

Dedico esse trabalho a todos os brasileiros injustamente presos por causa da hipocrisia, do falso moralismo e do racismo. Também ao meu _____ D____. O mundo não precisava ser desse jeito.

Agradeço à minha família, que me educou com amor, respeito, autonomia, carinho e liberdade.

À universidade, que me proporcionou muitos momentos de aprendizado através de experiências diferentes da minha vivência anterior.

À minha orientadora, por acreditar no potencial desse projeto e me ajudar a desenvolvê-lo.

Aos meus amigos que me apoiaram, tranquilizaram e compreenderam de muitas formas durante os últimos meses.

À Paula e ao Victor, por transformar esse processo em algo muito mais agradável e fácil.

A todas as mais de vinte pessoas que entrevistei para essa pesquisa; cada momento foi uma lição diferente.

RESUMO

Nessa tese de conclusão de curso, apresento a Guerra às Drogas enquanto paradigma social proibicionista, existente há décadas, e globalmente, com várias análises de diferentes áreas do conhecimento humano que apontam sua filosofia, aplicação e consequências como desnecessárias, violentas, racistas e anti-científicas. A partir dessas análises e de uma inquietação pessoal, ao perceber-se como a vivência humana com as drogas foi bastante deformada ao longo do último século, procura-se criar uma maneira de se conversar sobre o tema, pela perspectiva do design enquanto ferramenta política para estabelecer espaços de construção simbólica, subjetiva e coletiva. Essa construção se dá através de dissidências no discurso, dos significados dados coletivamente que habitam a imaginação, analisada como fragmentada e distorcida pelo presente contexto político neoliberal global e pela inserção vertical autoritária da Guerra às Drogas no cotidiano. Ao criar esse espaço e propor conversas construtivas, procura-se entender como essa construção pode trazer respostas quanto a como lidar com esse paradigma existente no mundo e na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Guerra às Drogas, discurso, design político, abertura, imaginação.

ABSTRACT

In this thesis, the War on Drugs is shown as a prohibitionist social paradigm, present globally for decades, with various analysis from different fields of human knowledge that point its philosophy, application and consequences as unnecessary, violent, racist and anti-scientific. From this analysis and from a personal uneasiness, as it is realized how human experience with drugs has been really deformed in the last century, this thesis tries to create a way to talk about the issue, through the perspective of design as a political tool to establish spaces of symbolic, subjective and collective construction. This construction happens through dissent in speech, meanings given collectively, that inhabit the imagination, analysed as fragmented and distorted by the present global political neoliberal context and by the vertical and authoritarian insertion of the War on Drugs in everyday life. By creating this space and enabling constructive dialogues, this research seeks to understand how this construction can give answers about how to deal with this existing paradigm in the world and in Brazilian society.

KEYWORDS

War on Drugs, speech, political design, openness, imagination.

SUMÁRIO

1 Introdução 9

1.1 Objetivos 11

1.2 Etapas da pesquisa 13

PARTE I – A GUERRA ÀS DROGAS

2 Histórico da Guerra às Drogas 14

3 Alternativas à Guerra às Drogas 22

PARTE II – A VIVÊNCIA DENTRO DA GUERRA ÀS DROGAS

4 Os eixos de funcionamento da Guerra às Drogas 26

4.1 Racismo institucional 26

4.2 Demonização das "drogas" 28

4.3 Ignorância 30

4.4 A materialidade da Guerra às Drogas 32

5 O discurso, a imaginação e a Guerra às Drogas 37

PARTE III – O DESIGN PARA COMPREENDER E MUDAR A REALIDADE

6 Design enquanto comportamento humano 50

7 Design político 56

8 Design, abertura e produção de conhecimento 64

PARTE IV – METODOLOGIA E APLICAÇÃO DO PROJETO

9 Tentando conversar sobre drogas 70

10 Engajamento enquanto pesquisa qualitativa 73

10.1 Plano de pesquisa / preparar 76

10.2 Formato das entrevistas / criar o espaço 79

10.3 Realização da pesquisa / engajar 86

10.4 Análise das entrevistas / refletir 94

10.4.1 Do texto à formação discursiva 95

10.4.2 Da formação discursiva à formação ideológica 96

10.4.2.1 Racismo institucional 96

10.4.2.2 Demonização das "drogas" 98

10.4.2.3 Ignorância 104

10.5 Voltando às questões de pesquisa 108

PARTE V – CONCLUSÃO 111

PARTE VI – BIBLIOGRAFIA 113

Anexo I – Formações discursivas 116

1. Introdução

A realidade existente ao redor do consumo de drogas na atualidade é bastante específica. Apesar de imensas variações ao redor do mundo, causadas por diferenças culturais, sociais, geográficas e jurídicas, é notável que nas últimas décadas o proibicionismo ganhou bastante força como método e filosofia para se lidar com as drogas de maneira geral. Essa maneira, também conhecida como Guerra às Drogas, teve (e ainda tem) uma força institucional, financeira, midiática e discursiva brutal, com impactos materiais observáveis em diversas áreas da sociedade global, das mais objetivas às mais subjetivas.

É possível escrever, assim como muitos já escreveram e ainda escrevem, páginas e páginas e páginas de análises dos resultados da Guerra às Drogas, em diversas áreas do conhecimento humano, como sociologia, psicologia, psiquiatria, química, história, economia, comunicação, pedagogia, direitos humanos, apenas para citar alguns. Porém, o ponto de vista aqui adotado para a pesquisa, e que é justamente comprovado por inúmeras análises de diversas áreas, partindo desde pesquisadores independentes até instituições globais, é o de que a Guerra às Drogas simplesmente não responde à altura aos objetivos que diz que tem, e que ao contrário, piorou consideravelmente a realidade em que acontece o consumo e tráfico de drogas. A intenção aqui é de, inevitavelmente inserido nesse contexto atual brasileiro criado pela Guerra às Drogas e outros fatores históricos, usar esse lugar de pesquisa para compreender a Guerra às Drogas como uma série de mecanismos que, devido a sua imensa força de ser instaurada graças aos aparatos e desejos do Estado, consegue recriar a realidade do consumo de drogas; a Guerra às Drogas ressignifica fundamentalmente o que é o droga e o que é consumi-las, apossando-se de termos, conceitos e ideias, e deformando experiências, espaços e interações (de maneira material e direta). Isso é visível principalmente no discurso e nas interações, experiências e vivências que alimentam e se alimentam do discurso.

Analisando-se o histórico da Guerra às Drogas, é possível perceber que existem intenções e mecanismos específicos que constroem a materialidade dessa

campanha. A partir de uma análise envolvendo conceitos de discurso e design, essa pesquisa pretende mostrar essa recriação da realidade que a Guerra às Drogas atinge como um processo natural do design, que se alimenta das intenções e mecanismos presentes nesta. Aqui se argumenta que essa política se sustenta e se manifesta basicamente em racismo institucional, demonização das "drogas" e ignorância. Isso é evidente no histórico e na materialização da Guerra às Drogas, mas o interesse dessa pesquisa reside mais em observar isso no discurso e no imaginário sociais recriados a partir da existência da Guerra às Drogas. Essa intenção vem da ideia de que o discurso, enquanto ato de criação de significados de elementos organizados em um repertório de conceitos e experiências possíveis, é um campo onde a Guerra às Drogas se infiltrou com profundidade, e na análise dessa pesquisa, causou muito estrago, impossibilitando a criação de diálogos, o surgimento de ideias, o vislumbre de novos futuros. Essa pesquisa, além de analisar esse estrago, pretende também fazer sua parte para recuperar uma parte desse dano. Essa intenção vem da observação de que no discurso também pode-se criar dissidências, "rachaduras" na realidade. Isso obviamente não terminará com a Guerra às Drogas, nem imediatamente convencerá as pessoas de que essa luta é importante, mas é no discurso que se pode criar possibilidades de novos mundos, o que me parece um pré-requisito para tentarmos começar a entender o que podemos fazer politicamente no Brasil, agora que a nossa realidade social e nosso imaginário foram brutalmente deformados pela Guerra às Drogas. Essa pesquisa pretende analisar e, inevitavelmente, participar do discurso e da interação que se tem socialmente com o assunto "drogas".

A partir daí veio a materialização dessa pesquisa como uma pesquisa qualitativa com a intenção de possibilitar diálogos sobre drogas. Na forma de entrevistas semi-estruturadas, cria-se um espaço para possibilitar a criação de novos significados, novas expectativas, novas maneiras de se ver (e de se criar) a realidade quando o assunto é drogas, inscrevendo essas novas maneiras de ser no imaginário e coletando relatos de como as drogas são significadas pelas pessoas no seu cotidiano e que experiências fizeram parte dessas significações.

E como entra o design nisso tudo? Não como o “produto final” que se espera de uma pesquisa dessas. A compreensão de como o design funciona na realidade contemporânea é fundamental para entender que tipo de transformação social queremos, e como é possível alcançar coisas assim. O design como mediação, como processo humano de transformar a realidade, como consequência natural da existência humana, como política, é o design que entra nessa pesquisa, na sua concepção e na sua materialização. Pensar o design como uma maneira de se comportar, de engajar socialmente e de causar transformações sociais a partir dessa própria concepção é a ideia dessa pesquisa.

1.1 Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa é projetar uma interação que possibilite a construção de diálogos sobre o consumo de drogas, de maneira que as pessoas envolvidas se comportem de maneira mais aberta e empática, gerando reflexões pessoais e significativas sobre os significados e vivências diferentes que constroem nossas perspectivas.

Os objetivos específicos são:

- definir as perspectivas que serão utilizadas dentro da pesquisa para analisar os discursos que existem sobre esse tema;
- desenvolver ferramentas, conceitos e formatos específicos para criar o espaço fértil para a construção de interações de (re)construção e reflexão de significados e vivências;
- analisar como o discurso aparece, e o que é proferido, a partir das perspectivas de análise determinadas anteriormente;
- priorizar a abertura, a vulnerabilidade e a empatia como ferramentas do design para que as interações construam reflexões no diálogo com a subjetividade de cada pessoa.

1.2 Etapas da pesquisa

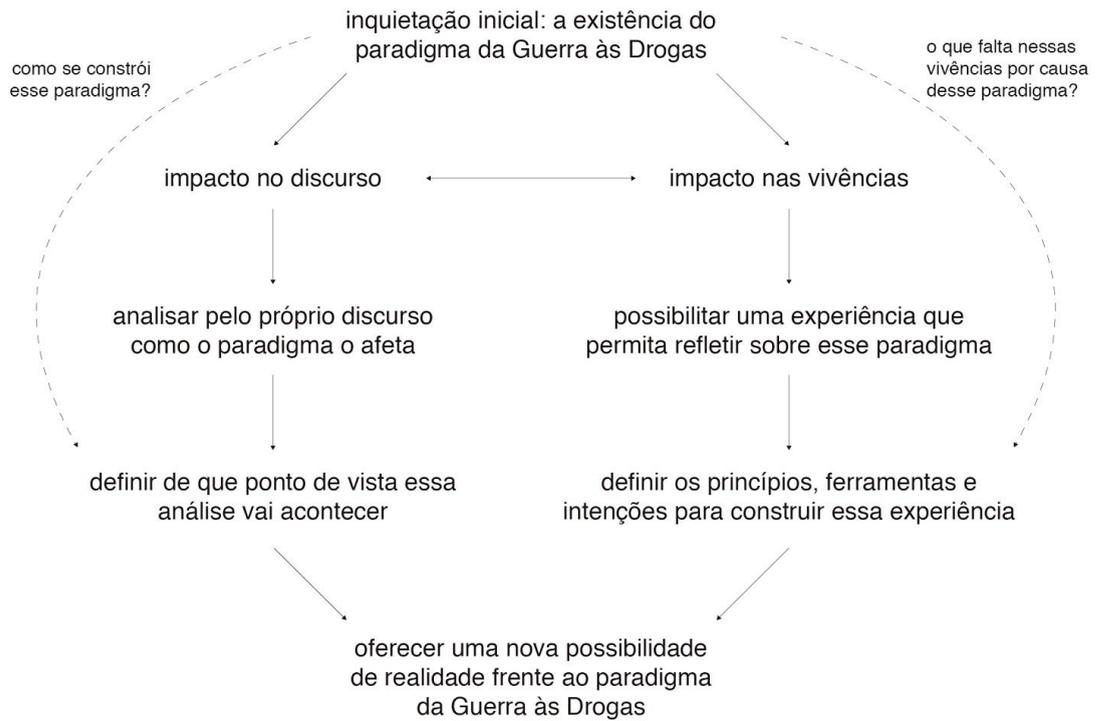


Figura 1 – Fluxograma das etapas da pesquisa¹

¹ Fonte: imagem do autor.

PARTE I – A GUERRA ÀS DROGAS

2. Histórico da Guerra às Drogas

O proibicionismo não esgota o fenômeno contemporâneo das drogas, mas o marca decisivamente. (FIORE, 2012, p. 9)

Eu já usei drogas. Toda a minha família também, mesmo as crianças. Todos os meus amigos já usaram também. Afirmo com muita tranquilidade que todos os meus vizinhos, todos os colegas de trabalho, todos os professores, todas as pessoas que vejo no meu transporte público, todos os políticos do Congresso Nacional, e inclusive você, também já usaram drogas.

Se falarmos apenas de drogas ilícitas (ou psicoativas, termos mais ou menos sinônimos no contexto social atual), essa conta cai muito, e não dá pra deduzir quem já usou e quem não usou. Mas esse número ainda é alto. Eu já fiz uso de drogas ilícitas e já conheci (e sou amigo, e parente de) pessoas que já usaram. Quando fiz o uso de maconha pela primeira vez (e repetidas vezes ao longo da vida), tive uma percepção que já compartilhei com outras pessoas e que não fui só eu que senti: que a minha vida inteira me contaram uma mentira. Porque eu não perdi controle imediato da minha vida; eu não perdi interesse em todos os outros aspectos da minha vida; eu não me afastei de todo mundo; eu não vendi móveis da casa para comprar drogas; eu não comecei a usar drogas mais pesadas; mas o que mais me surpreendeu na experiência foi que eu alterei a minha mente e percepção, uma coisa bastante óbvia para o uso de psicoativos, mas que nunca tinham tentando me explicar como é essa sensação. Fui pego completamente de surpresa. E foi uma boa sensação. E não foi algo maníaco, violento, alucinado; foi calmo, tranquilo. Foi confuso, mas eu ainda era eu mesmo. Eu ainda tinha 100% de noção do que estava acontecendo. E claro que isso não seria garantido se eu não estivesse num contexto amigável: na casa de uma amiga, com pessoas queridas e responsáveis, com uma substância de qualidade.

Começo com esse relato porque essa experiência me levou a pensar de maneira muito diferente sobre drogas em geral. Tudo que eu achava que sabia sobre drogas estava distorcido e não correspondia com a realidade. Mas nós, como sociedade, temos conversas, campanhas, propagandas e políticas voltadas unicamente para disseminar a história de que as drogas são um inimigo público. São intrinsecamente negativas e destruidoras. Seus males são irreversíveis. Quem se envolve com drogas não têm caráter, ou são muito fracas, ou não têm mais jeito. E minha experiência comigo mesmo e com pessoas que conheço deixa claro que essa não é a única possibilidade envolvendo o consumo de drogas.

Também percebi após essa experiência como é difícil falar sobre isso. Existem espaços bastante bem definidos em que é possível, e geralmente esses espaços contam com pessoas que também passaram por essa experiência de descobrir uma nova realidade por trás das drogas, ou pessoas com quem temos bastante intimidade e sentimos a confiança e segurança necessária para falar sobre isso. E confiança e segurança são essenciais nesse contexto. Justamente por ser um tema tão polêmico e "tabu", algumas pessoas podem ser extremamente reativas ao assunto, causar um grande mal-estar, iniciar debates, conflitos, ou sentir tristeza, raiva, ofensa, decepção e confusão. Sem falar nas ameaças legais de falar sobre drogas; apesar de não ser proibido falar sobre, a ideia de apologia às drogas é constantemente usada como instrumento para tentar silenciar pessoas (e até pesquisas científicas)². E devo dizer como é importante pra mim poder conversar sobre o uso de drogas (o meu e o de outras pessoas) com pessoas em quem confio, porque é importante para mim saber as experiências das outras pessoas, saber como eu me sinto sobre o assunto, sobre o que as pessoas sentem sobre o assunto, porque é assim que eu consigo entender melhor a minha personalidade, os meus hábitos, a minha maneira de ver o mundo, e o mais importante, compreender como é possível usar drogas de maneira responsável e sem atrapalhar a minha vida e a de outras pessoas.

² G1. 'É uma ofensa à ciência', diz médico especialista em drogas intimado a depor por 'apologia ao crime'. Disponível em: <<https://goo.gl/4LH2FX>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

Essa conversa ser difícil de existir é algo muito ruim, principalmente porque eu e várias outras pessoas, espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, abordando esse tema a partir de inúmeras áreas do conhecimento humano, chegamos na mesma preocupante conclusão: a política atual sobre drogas não faz sentido. Ela não ajuda em nada. Pelo contrário, ela piora, deteriora, violenta, empobrece, mata, desperdiça, invisibiliza e ignora a realidade e as pessoas. Comprovar esse ponto nem é o foco dessa pesquisa, pois muitas outras pessoas já fizeram isso brilhantemente, sob o olhar de diversos pontos de vista diferentes, alguns chegando a apresentar soluções ou pelo menos maneiras de melhorar a realidade atual. Essa pesquisa é mais sobre simplesmente conversar sobre esse tema, sendo isso, na minha opinião, algo mandatório para ser possível discutir políticas públicas sobre drogas em sociedade. Porém, essa pesquisa entende como de extrema importância entender o contexto dessa proibição e seus mecanismos de atuação, explicando as necessidades urgentes do desmantelamento dessa política, chamada daqui para frente de Guerra às Drogas.

Não é possível contar a história da humanidade sem contar paralelamente a história das drogas. As drogas acompanham o ser humano em diversos contextos, do profissional ao familiar, do religioso ao profano, do público ao particular³. É notável a participação das drogas em inúmeros contextos que buscavam uma relação próxima com o divino, com a morte e com o desconhecido, em várias culturas diferentes. Não é a intenção dessa pesquisa relatar a quantidade de usos possíveis das drogas ao longo da humanidade, apesar de ser um tema fascinante, inclusive dentro do ponto de vista do design, mas é importante para a pesquisa refletir sobre possíveis maneiras diferentes de interações sociais com as drogas, e no passado podemos ter referências interessantes disso; as definições de "droga" em sociedades antigas comumente apresentavam a característica de que seus efeitos nos corpos humanos podem ser benéficos ou maléficos, a depender da dose, do contexto de uso e da pureza da substância. A simultaneidade dessas substâncias em relação a seus

³ NUNES, Laura M.; JÓLLUSKIN, Gloria. O uso de drogas: breve análise histórica e social. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**, São Paulo, v. 4, p.230-237, 2007.

potenciais maléficos e benéficos (e dentre os benéficos, também usos ritualísticos, religiosos, médicos e recreativos) nunca foi negada.

Porém, o que se vive na atualidade, com pouquíssimas exceções entre os países, é o paradigma proibicionista da Guerra às Drogas⁴. Em relação à população mundial, poucas pessoas que estão vivas hoje em 2018 tiveram a oportunidade de participar de uma sociedade em que a Guerra às Drogas não é tratada como a única política possível de exercer em relação a drogas. Claro que o passado também tem exemplos de perseguição, criminalização e escandalização com o consumo de drogas, mas hoje em dia vivemos, como o nome “Guerra às Drogas” explica bem, uma verdadeira guerra declarada, sem precedentes. Ela é comumente associada com a filosofia e políticas exercidas pelo então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, nas décadas de 60 e 70, mas no contexto global, tem origens até em 1912, na Primeira Conferência Internacional do Ópio, que teve a primeira intenção global clara e bastante direcionada no controle do uso de drogas das pessoas. Tal conferência teve, porém, muito menos peso que a Convenção Única de Entorpecentes, de 1961, patrocinada e sediada pelo EUA, sob validação da ONU, cujos signatários se comprometeram à luta contra o "flagelo das drogas". Com tais projetos, misturam-se interesses morais, religiosos, econômicos, políticos e sociais na proibição de substâncias; no contexto dos EUA, são apontados como motivos para tal perseguição o desejo das indústrias farmacêuticas de monopolizar a produção de drogas, o medo que a crescente desordem urbana provocou nas elites sociais, e as intenções conservadoras, controladoras e racistas destas elites. A papoula (da onde se faz o ópio), a coca e a maconha foram as plantas/substâncias mais duramente restringidas nesta convenção, cujas resoluções foram seguidas com afinco por seus signatários. O paradigma do proibicionismo assim ganha muita força como o discurso da (única) coisa certa a se fazer.

O discurso do proibicionismo foi importado pelo globo todo e reforçado em todos os continentes, mas o contexto latino americano é especialmente preocupante. É

⁴ FIORE, Mauricio. O lugar do Estado na questão das drogas: O paradigma proibicionista e as alternativas. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 92, p.9-21, mar. 2012.

notável a força, a truculência e o poder que grupos conservadores desses países usam contra as populações de seus países, em diversos episódios da história do continente. A desigualdade também é um grande agravante, e como veremos mais a fundo, tem um papel primordial no funcionamento da Guerra às Drogas aqui. O Brasil demonstra bastante conservadorismo no tema desde cedo, chegando a adotar uma lei proibindo a maconha em 1932, 5 anos antes mesmos dos EUA. A América Latina também se contextualiza na Guerra às Drogas global como um de seus palcos principais, visto que países como Colômbia, México, Paraguai e Brasil se destacam como sendo países de grande produção e tráfico de drogas, e também de países-corredores, onde muita droga passa de seus pontos de produção para outros continentes como América do Norte, Europa e África. Isso aumenta consideravelmente os desafios que a região tem com esse tema.

Em seu artigo, Mauricio Fiore argumenta que há 2 premissas que os articuladores da Guerra às Drogas usam para implementar sua política: a primeira é "o consumo de drogas é uma prática prescindível e danosa, o que justifica sua proibição pelo Estado", e a segunda é "a atuação ideal do Estado para combater as drogas é criminalizar sua circulação e seu consumo". Apenas o estabelecimento dessas duas premissas é bastante útil para sugerir que a Guerra às Drogas não é algo neutro, natural ou livre de ideologia, como muitos acreditam. Ao formular essas frases dessa maneira, é possível começar a imaginar porque tais premissas simplesmente estão erradas (mesmo que vários acreditem piamente nelas). É interessante enunciar em voz alta o discurso apenas para deixar mais à mostra a estrutura de uma argumentação, e isso pode ser o suficiente para algumas pessoas começarem a ver suas rachaduras. Mas Fiore detalha como essas premissas vendem uma ideia bastante diferente da realidade. As críticas presentes no artigo giram bastante em torno da ideia de que a Guerra às Drogas não consegue nem chegar perto dos seus próprios objetivos, nos próprios termos. Apesar da imensa força e duração com a qual a Guerra às Drogas age, seus objetivos de exterminar ou reduzir o uso e comércio de drogas é uma realidade muito distante. O consumo e o comércio não caem, nem a violência vinculada à sua origem e à sua repressão; usuários abusivos

de drogas são (ainda mais) marginalizados e poucos recebem o tratamento adequado.

Vamos explorar em detalhes mais à frente como a Guerra às Drogas funciona na esfera sensível, mas por hora é importante destacar que, apesar das inúmeras evidências de que é uma grande falha, ela continua sendo não só uma política fortíssima e inquestionável, mas um paradigma de pensamento. Fiore mostra que as premissas apresentadas como pilares da filosofia da Guerra às Drogas estão erradas: a primeira, de que "o consumo de drogas é uma prática prescindível e danosa, o que justifica sua proibição pelo Estado", mostra-se errada porque:

- o consumo de drogas não é prescindível, no sentido de que socialmente sempre existiu e existirá, e considerá-lo descartável é irreal;
- o consumo de drogas não é necessariamente danoso, pois depende muito do contexto em que acontece, por quais razões e sob quais circunstâncias;
- nem o fato de ser potencialmente danoso justifica sua proibição;
- logo, sua proibição não é justificável, inclusive sendo uma solução extremista e anti-científica para algo que deve ser observado pela ótica da saúde pública.

O argumento das drogas serem prescindíveis ignora a imensa gama de contextos, potencialidades e tipos diferentes do consumo de drogas: das legais às ilegais, das tóxicas às não tóxicas.

O uso desse enorme conjunto de produtos, plantas e moléculas tem diversas motivações e parte delas são de indiscutível importância para a humanidade: ajudam no enfrentamento de doenças e infecções, aliviam a dor, apaziguam a ansiedade, melhoram o desempenho, despertam prazer, excitam, inspiram reflexões, facilitam relações sociais e, o que talvez seja uma combinação de cada uma dessas coisas, suspendem a forma ordinária de perceber o mundo. Por essas e muitas outras razões, os seres humanos as procuraram em toda a história e continuarão a fazê-lo. Como outras experiências e práticas liminares, essa alteração é arriscada e, por isso mesmo, o consumo de substâncias psicoativas foi sempre cercado de controles e interdições sociais. O exagero da premissa proibicionista é fazer do Estado, cujo motivo primordial de existência é a garantia de liberdades e direitos individuais, o

promotor dessas interdições por meio da criminalização que impeça a adultos dispor de seus corpos. (FIORE, 2012, p. 13)

Fiore argumenta também que qualquer ação individual humana tem um potencial danoso, como locomoção, esportes, sexo etc, e nem por isso sua proibição parece cabível para contornar os possíveis problemas decorrentes disso. Apenas ao observar a regulação que o Estado já impõe em medicamentos e tabaco (substâncias que definitivamente carregam riscos em seu consumo), por exemplo, pode-se concluir que uma regulação na produção e na comercialização, sem criminalizar ou proibir o consumo, e aliada a campanhas de conscientização e educação, já é muito eficaz em diminuir os problemas de saúde e sociais decorrentes do uso abusivo. E mesmo assim, o consumo dessas substâncias não está livre de riscos; pelo contrário. O uso de tabaco e de medicamentos, até os que não precisam de receita médica para serem adquiridos, é responsável por inúmeras doenças e mortes pelo mundo todo ano.

A presunção de que o consumo de drogas é essencialmente danoso está bastante ligado com a ideia de que o vício é causado pela natureza da própria substância analisada. É famosa, por exemplo, a ideia de que o crack vicia instantaneamente, no primeiro uso. É reconhecido que diferentes substâncias têm níveis potenciais de abuso e vício, mas ao classificar diversas e diferentes substâncias dentro da mesma categoria da ilegalidade, é comum associar-se a ilegalidade com o grande potencial de vício; afinal, por que seriam ilegais se não são extremamente perigosas? Diversas observações científicas e cotidianas, porém, apontam que substâncias legais como álcool e cigarro tem um potencial de destruição e dano muito maior que substâncias ilegais como maconha, LSD, ecstasy e cogumelos⁵.

É importante ressaltar a nova perspectiva em relação ao vício de drogas que é sugerida por novas interpretações e edições de pesquisas científicas realizadas e

⁵ The Economist. Scoring drugs. Disponível em <<https://goo.gl/MyUeYm>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

explicadas por diversos pesquisadores^{6 7 8}: a ideia é que desenvolvimento do vício é muito mais comum e provável quando o indivíduo já se encontra isolado e marginalizado da sociedade, sem a possibilidade ou a capacidade de criar relações familiares, amorosas, profissionais e sociais em geral, responsáveis por dar sentido e facilitar a vida em sociedade. O oposto do vício não seria abstinência, e sim conexão; pode-se interpretar o vício, então, enquanto uma conexão mais negativa e imediata com alguma substância, hábito, objeto etc, servindo de substituta das relações que realmente constroem uma rede que conecta o indivíduo com a realidade social, através de empatia, compaixão e solidariedade.

A segunda tese que Fiore explicita, de que "a atuação ideal do Estado para combater as drogas é criminalizar sua circulação e seu consumo", também não se sustenta, pois:

- a criminalização enfraquece, marginaliza e piora a situação de usuários de drogas abusivos, e desnecessariamente encarcera e persegue pessoas apenas por usarem determinadas substâncias, sendo amplamente racista;
- a criminalização não diminuiu o consumo nem o comércio, e também não oferece em larga escala tratamentos dignos para usuários problemáticos, sem conseguir também diminuir o número de overdoses;
- a criminalização não diminuiu a violência associada ao narcotráfico nos países periféricos, até por fazer parte dessa violência, e inclusive esta é abertamente racista;
- a criminalização é uma política muito cara e com imensos efeitos colaterais na sociedade por causa da truculência com que acontece.

⁶ KURZGESAGT – IN A NUTSHELL. Addiction. (5min45s). Disponível em: <<https://goo.gl/vFbN5s>>. Acesso em: 29 out. 2015.

⁷ HARI, Johann. Everything you know about addiction is wrong. (14min42s). Disponível em: <<https://goo.gl/YMx1A1>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

⁸ VARELLA, Drauzio. Um novo olhar sobre drogas - Carl Hart. (14min34s). Disponível em: <<https://goo.gl/UugkQH>>. Acesso em: 4 set. 2014.

É notável que o século do proibicionismo é também o século do crescimento do consumo de drogas. A relação não é causal, mas demonstra a ineficiência do proibicionismo. A criminalização mostrou-se responsável pelo aumento da violência associada à sua repressão e também à maneira como os grupos que traficam drogas ilegais se sustentam: através da demarcação de território e influências pela violência e exploração humana e ambiental. A violência especificamente depende também de muitos fatores geopolíticos e sociais, visto que a América Latina é um dos lugares mais violentos referente ao tráfico de drogas, apesar de a Europa, por exemplo, grande compradora e consumidora de drogas ilegais, não enfrenta o mesmo tipo de violência na mesma escala.

Ao longo dos anos, a Guerra às Drogas teve resultados tão frustrantes que as convenções internacionais sucedentes tomaram a postura de que, apesar dos objetivos iniciais serem inalcançáveis, sua continuidade é necessária para evitar “catástrofes” de consumo e comércio. Essa realidade é facilmente perceptível quando se observa as “vitórias” dessa política: pequenas apreensões e prisões de membros do tráfico (comumente os menos importantes do sistema de tráfico, os mais substituíveis, os mais frágeis etc), sem conseguir alterar os preços ou as taxas de consumo das drogas.

A criminalização do usuário de drogas também dificulta muito sua recuperação quando necessária. A marginalização social já é um grande empecilho, impedindo uma vida social fértil que possibilite relações saudáveis com amigos, família, colegas de trabalho etc. A criminalização em si também cria um imenso estigma social por tratar como igual todas as drogas ilegais, negando suas especificidades e contextos fundamentais para uma compreensão completa do tratamento que o indivíduo precisa no momento. O risco de encarceramento costuma colocar os usuários em perigo também, por não se saber a procedência do que se usa, e coagindo o usuário a se botar em situações de risco pela necessidade de se esconder para adquirir ou usar a droga. Por fim, o próprio encarceramento, principalmente no contexto brasileiro, um dos mais lotados, perigosos e com taxas de recuperação baixas,

costuma selar o destino do usuário enquanto criminoso com poucas oportunidades de socialização e reinserção na sociedade.

3. Alternativas à Guerra às Drogas

Sabe-se que existem alternativas a esse paradigma. São de difícil implementação por causa da "popularidade" da Guerra às Drogas, e isso inclusive compromete o sucesso de tais alternativas (até porque o narcotráfico funciona em escalas regionais e globais), mas se demonstram mais eficazes, simples e suaves. Tais alternativas assumem, diferentemente dos perpetradores da Guerra às Drogas, que usuários de drogas não merecem ser criminalizados por seu consumo, que usuários problemáticos se recuperam com integração, empatia e conexão (ao invés de marginalização e isolamento), que a extinção das drogas não é um objetivo alcançável e que a violência com a qual o Estado age não vale a pena, analisando-se custos humanos e materiais. Algumas experiências políticas e científicas pelo mundo até mostram resultados "extras" dessas alternativas, como a descoberta de remédios e tratamentos alternativos, movimentação da economia a partir de novos nichos de consumo e novas posturas para com drogas; mais positivas, conscientes, brandas e compreensivas.

A experiência política de Portugal é a mais interessante na perspectiva dessa pesquisa. Depois de uma crise de opióides "infestando" o país criticamente na década de 80, o governo, depois de tentar utilizar o terror e a violência para conter o consumo e perceber sua inutilidade, decidiu descriminalizar pequenas posses de todas as substâncias, inclusive as consideradas mais pesadas em geral, como cocaína e heroína. O Estado oferece tratamento para usuários problemáticos, que, se flagrados com altas quantidades, podem ser multados e são advertidos pelo governo a aparecer em centros de tratamento para aprender sobre redução de danos, tratamentos e serviços disponíveis. Essa política não resolveu 100% do problema e precisa de atenção, manutenção e compromisso para que seja eficaz; mas é claramente mais humana e razoável do que a criminalização, com resultados

muito mais eficientes e imediatos, como a redução de transmissões do vírus HIV, de overdoses e de crime associado ao tráfico e uso de drogas⁹.

O que é interessante aqui é como Portugal, um país profundamente católico e conservador (ao contrário de outros exemplos comumente citados quando se fala de políticas alternativas às drogas: Uruguai, Holanda e estados dos Estados Unidos), conseguiu fugir da solução fácil pronta da Guerra às Drogas em direção a uma política humanitária, eficiente e revolucionária. Como Susana Ferreira explica em sua reportagem para o jornal britânico The Guardian:

A incrível recuperação de Portugal e o fato dela continuar estável ao longo de várias mudanças de governo – inclusive líderes conservadores que iriam preferir retornar ao estilo estadunidense de Guerra às Drogas – não seria possível sem uma enorme transformação cultural, e uma mudança em como o país via drogas, vícios – e a si mesmo. De vários jeitos, a lei só foi reflexo das transformações que já estavam acontecendo em clínicas, farmácias e ao redor de mesas de cozinha pelo país. A política oficial de descriminalização facilitou muito para que uma grande gama de serviços (saúde, psiquiatria, emprego, moradia etc), que lutavam para utilizar melhor seus recursos e expertise, pudessem trabalhar juntos e com mais eficácia ao servir a comunidade.

A linguagem mudou também. Os que eram conhecidos ofensivamente como "drogados" começaram a ser reconhecidos, mais abertamente, mais simpaticamente, e mais corretamente, como "pessoas que usam drogas", ou "pessoas com desordens de vício". Isso também foi crucial.

A mudança cultural a que Susana se refere começa com o tratamento diferenciado que alguns médicos e psiquiatras começaram a desenvolver autonomamente no fim da década de 70, sem apoio do Estado – inclusive sofrendo ameaças e hostilização de políticos, cidadãos e traficantes. Seus programas envolviam o que hoje conhece-se mais como redução de danos: distribuição de agulhas limpas, aconselhamento, doações (itens de higiene, comida, cuidado pessoal etc), terapia de

⁹ FERREIRA, Susana. Portugal's radical drugs policy is working. Why hasn't the world copied it yet? Disponível em: <<https://goo.gl/ZNcgTy>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

substituição (o que envolve ainda permitir o usuário o consumo, mas de uma substância mais pura) etc. Enquanto isso, a solução (ou falta dela) estatal continuava ser a do encarceramento, isolamento e abstinência forçada, com resultados pífios e danos colaterais "insolúveis". Com o tempo, foi ficando claro que, para atingir o objetivo de neutralizar a crise instaurada no país e ajudar quem precisava, Portugal precisava mudar a maneira de encarar o problema: "A política nacional é tratar cada indivíduo diferentemente" [...] "o segredo é nós estarmos presentes".

A política de Portugal começou basicamente com a insistência de médicos com a maneira que se demonstrava correta e eficiente para ajudar os usuários problemáticos: redução de danos. Essa filosofia implica necessariamente em uma inversão do olhar que se tem do usuário de drogas problemático: em vez de ser encarado como um "drogado", vagabundo, criminoso e todos os estigmas associados a ele, é necessário encará-lo como um ser humano, com toda a sua dignidade, história, sentimentos e complexidade. É necessário entender sua história de vida, como um processo complexo que culminou, no momento, nessa fase de uso problemático da droga.

A prática de redução de danos pode ser definida como "uma abordagem ao fenômeno das drogas que visa minimizar danos sociais e à saúde associados ao uso de substâncias psicoativas"¹⁰. Essa perspectiva traz, como a política implementada em Portugal, uma compreensão holística e socioeconômica da situação do usuário, compreendendo sua história, seu contexto de vida, e o papel que diferentes elementos da sua vivência têm no seu consumo de drogas. Ao encarar o usuário de drogas como uma pessoa complexa, autônoma e responsável por si mesma, é mais fácil compreender seu comportamento, suas vontades, seus dilemas, e a partir daí criar uma ponte, um diálogo, através da empatia e abertura. Na entrevista de Drauzio Varella com Carl Hart, percebe-se no pesquisador estadunidense a

¹⁰ CENTRO DE CONVIVÊNCIA 'É DE LEI'. O que é redução de danos? Disponível em: <<http://edelei.org/pag/reducao-danos>>. Acesso em 2014.

capacidade de encarar o usuário de drogas como um ser humano capaz de sentir, pensar e decidir por si mesmo, a partir de seus desejos, valores e circunstâncias sociais. Ao ser perguntado sobre a situação que Varella relata (a entrada de crack em uma prisão de São Paulo nos anos 90 acabou tendo como consequência a queda do uso de cocaína injetável, e de infecções pelos vírus HIV e da hepatite C), Carl traz uma explicação que vem a partir da mera compreensão da situação do preso: injetar é muito mais desagradável e difícil (pela especificidade do equipamento) do que fumar, logo, é mais fácil (e mais aconselhável) atingir o mesmo efeito da droga através do fumo. A prática de redução de danos parte da ideia de que, em vez de criminalizar e forçar o usuário a se abster de uma droga completamente, é necessário informar, ensinar e facilitar o consumo, de forma cada vez mais consciente, saudável e autônoma para o usuário. A partir daí, sua inserção social é muito mais suave e efetiva.

Políticas públicas com essa perspectiva alcançam resultados inegáveis na recuperação de usuários problemáticos; mas, como a página na internet do Centro de Convivência "É De Lei" aponta, "podemos inferir, de forma sucinta, que a violação dos Direitos Humanos entre usuários de drogas incide especialmente sobre aqueles que, em função de desigualdades sociais de várias naturezas e determinadas por pertencimentos a certa classe social, etnia ou gênero, orientação sexual e religiosa, e que estigmatizados, obtêm menor acesso aos espaços de afirmação e garantia de seus direitos. Ressaltamos assim, que a atual política de drogas brasileira e a legislação reguladora da produção, comércio e consumo de substâncias psicoativas não têm respondido de forma eficiente e efetiva a problemática das drogas, e têm sido responsáveis por consequências bastante danosas para usuários de drogas e a sociedade de uma maneira geral".

PARTE II – A VIVÊNCIA DENTRO DA GUERRA ÀS DROGAS

4. Os eixos de funcionamento da Guerra às Drogas

Nessa pesquisa, pretendo detalhar o funcionamento da Guerra às Drogas a partir da classificação de suas ações em três eixos constituintes: o racismo institucional, a demonização das drogas e dos usuários, e a ignorância geral do assunto. Tais eixos se sobrepõem bastante e essa classificação não é absoluta e não necessariamente compreende todos os aspectos presentes na implementação da Guerra às Drogas na história da humanidade; mas também sugere um panorama interessante para compreender em que escalas do discurso e da realidade essa política opera.

4.1 Racismo institucional

Este é o eixo que constitui uma das principais maneiras de possibilitar que a truculência da Guerra às Drogas seja aplicada de maneira tão desproporcional e desigual, tanto no contexto geopolítico global quanto no contexto nacional de um país diverso etnicamente como o Brasil, possibilitada por essa estrutura massiva e também diversa que é o racismo. O racismo é usado como método e como justificativa para a política, cujo histórico de segregação e controle racial é evidente. A Guerra às Drogas se apoia claramente no racismo, apesar de ser também uma de suas maiores propagadoras, através da criação de um inimigo social a partir da estrutura racista pré-existente. No histórico da criação de políticas de cerceamento de produção, consumo e comércio de drogas, houve (e há) várias intenções, por parte de políticos e elites sociais, de proibir e marginalizar o consumo de drogas, que se baseiam na associação das drogas com minorias étnicas, ou seja, com caracterizações racistas de degeneração, promiscuidade e arruinamento da vida^{11 12}.

¹¹ LOBIANCO, Tom. Report: Aide says Nixon's war on drugs targeted blacks, hippies. Disponível em: <<https://goo.gl/D5QxAq>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

¹² GRASS: History of Marijuana. Direção de Ron Mann. Produção de Keith Clarkson. Canadá: Unapix Home Entertainment, 1999. (80 min.), son., color.

A própria maneira como a Guerra às Drogas age no Brasil é extremamente racista; a perseguição de negros pela polícia, a violência e constrangimento policial e judicial racistas, a aplicação desproporcional e racista das leis, o desrespeito a direitos humanos de negros, a desproporcionalidade com a qual a violência "colateral" da Guerra às Drogas atinge pessoas negras¹³, o encarceramento e genocídio de negros e a associação do negro com as características de violento, degenerado e vagabundo, que são compartilhadas com as características percebidas em "usuários de drogas".

Daí surge o estereótipo do "usuário de drogas" e do traficante, que são negros. Esse estereótipo é empregado na decisão da justiça e de seus instrumentos de aplicação/vigilância de se uma pessoa é perigosa ou não, se merece ter seus direitos humanos respeitados ou não. Ele também é utilizado como uma maneira de criar na sociedade (para os negros e os brancos) os preconceitos sobre o que geralmente acompanha ser um usuário de "drogas" (ser negro), e o que geralmente acompanha ser negro (ser usuário de "drogas"). Isso opera em diversas escalas nas relações sociais; das expectativas que se tem de pessoas negras em termos de carreira, personalidade, comportamento, experiências etc (claro que tudo isso também é influenciado por diversas outras esferas do racismo, que opera muito mais enraizada na sociedade brasileira do que o preconceito contra usuários de "drogas"; ainda assim, os dois preconceitos se entrelaçam bastante), até o encarceramento em massa e genocídio dos negros.

O racismo cria uma divisão profunda nas experiências que pessoas negras e pessoas brancas potencialmente têm nessa esfera das "drogas". Como vai ser detalhado na parte que toca nas consequências desses eixos enquanto princípios/intenções incorporados na materialidade da Guerra às Drogas, as experiências são tão profundamente diferentes e distorcidas na sociedade que o simples diálogo sobre esse assunto é extremamente difícil, por causa dos

¹³ BETIM, Felipe. "Sou da favela, quero ser parte do debate sobre a guerra às drogas". Disponível em: <<https://goo.gl/vmJ2kp>>. Acesso em: 12 set. 2017.

sentimentos de raiva, indignação, ressentimento e dor que a parcela negra da população têm com esse assunto (o que é bastante compreensível), enquanto a parcela branca consegue, em geral, ter acesso a experiências mais seguras e livres de preocupações, já que até mesmo na pior das hipóteses, o Estado pode ser mais benevolente e suave em suas penas. Ainda assim, estas experiências podem ser veladas, escondidas, potencialmente perigosas e distorcidas. Enquanto uma parcela da população é massacrada, perseguida e encarcerada, a outra é apenas mais ou menos vigiada, mais ou menos punida, mas ainda assim o suficiente para criar-se um medo da lei, e ao mesmo tempo uma distância segura da opressão que realmente acontece na periferia social racial brasileira.

4.2 Demonização das "drogas"

Esse eixo opera justamente nessa definição do que é "droga". Drogas são substâncias que ingeridas pelo corpo podem agir de maneira a alterar condições e funcionamentos de processos fisiológicos do corpo, incluindo inúmeros remédios, fármacos e substâncias químicas legais. As drogas que passaram pelo processo de criminalização - ou as "drogas", como serão tratadas daqui pra frente - passaram por releituras específicas em que foram demonizadas como substâncias essencialmente maléficas.

O histórico da criminalização das drogas é marcado pelo racismo, como discutido anteriormente, e pela caracterização (como são descritas e também como são encontradas na sua fisicalidade) das "drogas" sempre como uma deformação de seus efeitos, contextos e aparência¹⁴. As "drogas" são, nessa narrativa, substâncias especificamente maléficas que causam, inevitável e invariavelmente: violência, vagabundagem, degeneração, vício irreversível (ou incrivelmente difícil de reverter - cuja solução comumente passa por uma recuperação religiosa cristã), irresponsabilidade, doença, insanidade e morte. Tais características, além de serem declaradas de forma anticientífica, elitizada e moralista, também são utilizadas para

¹⁴ GINSBERG, Allen. The great marijuana hoax. Disponível em: <<https://goo.gl/HedhXa>>. Acesso em: nov. 1966.

causar receio, terror e medo nas pessoas. As "drogas" são objetos completamente indesejáveis e que arruinam vidas por sua própria natureza, sendo incrivelmente poderosas nesse âmbito, "mesmo que a pessoa use apenas uma vez". Tal narrativa tenta evitar a todo custo (através da moralidade e do terror) até mesmo uma primeira experiência, talvez porque ela possa quebrar certos dogmas - causados pela Guerra às Drogas e esta demonização específica. É importante salientar que aqui não se busca argumentar que as "drogas" são inofensivas; busca-se argumentar que as "drogas" são descritas pela sociedade que as demoniza como algo muito mais violento e danoso do que realmente é (ou do que precisa ser), chegando a mentir, deformar e ignorar descobertas e argumentos científicos, e também experiências pessoais de várias pessoas^{15 16}.

A partir daí, nota-se a deformação do conceito de vício. A "droga" é tão poderosa em sua capacidade de viciar e fazer do indivíduo um "zumbi" ou um "escravo das drogas" que é desconsiderado todo o contexto por trás do consumo de drogas. Tal contexto é essencial para determinar se uma pessoa está consumindo essas substâncias de maneira abusiva e prejudicial ou de maneira controlada e sem grandes danos à sua vida pessoal e social. Ao desconsiderar todo o contexto e histórico do usuário, cria-se a ideia de que a substância em si é capaz de causar todos os malefícios sociais observados ao redor desse tema. Apesar de haver muita controvérsia e ceticismo em relação a se é realmente possível haver um consumo de drogas saudável, é importante perceber que a Guerra às Drogas não tem como *modus operandi* a recuperação desses "viciados" ou de redução de danos, inclusive criminalizando-os e impossibilitando enxergá-los enquanto seres humanos complexos, com passado, sentimentos e autonomia.

Existe também a promessa da erradicação das "drogas"; já que a substância em si é tão perigosa e maléfica, o dever do Estado seria impedir sua própria existência,

¹⁵ BBC BRASIL. Proposta da Onu para descriminalizar drogas é retirada após "pressão política". Disponível em: <<https://goo.gl/zcd2zU>>. Acesso em: 19 out. 2015.

¹⁶ RODRIGUES, Eduardo Santos et al. Redução de danos e substâncias psicodélicas: construindo ações e debates. **Platô: drogas e políticas**, n. 1, p.39-68, set. 2017.

sendo caçada e exterminada, e qualquer sacrifício de vidas (negras, em sua imensa maioria), recursos e tempo deve ser feito por esse bem maior. Esse objetivo é cabo eleitoral de vários políticos ao longo da história, mobilizando votos, recursos e popularidade. Apesar disso, a Guerra às Drogas claramente nem chega perto desse objetivo, visto que a quantidade de drogas obtidas e usadas pelo mundo que as criminaliza nunca cai significativamente.

A demonização das "drogas" também simplifica o que é droga, criando uma ideia massificada do que são drogas, negando as imensas diferenças químicas, fisiológicas, contextuais e sociais que se encontram entre as drogas ilegais. Afirmar que o uso da maconha e da cocaína, por exemplo, são similares em seus efeitos e consequências sociais e físicas é uma simplificação brutal e mentirosa. Existem padrões de uso, contextos e características físicas extremamente variáveis, e a política da Guerra às Drogas finge que uma política unificada para todas as "drogas" é eficaz no controle do comércio e uso destas. Isso também imprime na sociedade a ideia de que todas as drogas ilegais são a mesma coisa, assim como todas as motivações, personalidades e contextos de seus usuários.

4.3 Ignorância

Este último aspecto da demonização já se mistura também no terceiro eixo da Guerra às Drogas. Mais uma vez, isso é observável no histórico dessa política, na recusa de aceitar estudos científicos em relação aos efeitos das "drogas" que afirmavam que havia vários exageros nos discursos que condenavam as substâncias. A partir da ignorância que se baseava no racismo presente nas elites e no governo para com os usuários, os estereótipos em cima das "drogas" e dos usuários foi, com o tempo, ganhando o status de verdade social absoluta, através de campanhas de marketing, estudos científicos (mal aplicados, mal interpretados ou até malfeitos e mal intencionados) e uma postura terrorista.

Com a proibição das "drogas" nas sociedades contemporâneas, acontece o desconhecimento acadêmico e científico dos efeitos dessas substâncias, o que é prejudicial sob vários aspectos: a impossibilidade da criação de conhecimento

científico justificada apenas por uma moral duvidosa, a inacessibilidade a descobertas medicinais e farmacológicas e o desconhecimento geral da sociedade sobre os efeitos reais que as “drogas” têm - tanto os efeitos imediatos que são, em grande parte, a motivação das pessoas para consumí-las, quanto os efeitos a longo prazo, colaterais e imprevisíveis.

É um exercício bastante interessante, mas também difícil, o de especular que tipo de informações e experiências as pessoas são impossibilitadas de ter - ou até de imaginar - por causa da imensa força no pensamento social que a Guerra às Drogas tem, e também por causa da complexidade dos efeitos possíveis das “drogas”.

Mesmo num recorte do uso recreativo das “drogas”, existe um potencial de mudança de comportamento social, percepção da realidade, entretenimento e autoconhecimento que é bastante subjetivo, e que é simplesmente varrido do campo das possibilidades de vivência de várias pessoas por causa de sua demonização. Independente dos danos físicos e sociais que possam surgir dessas experiências, a simples impossibilidade de elas acontecerem e de revelarem suas possíveis complexidades e profundidades não parece valer a pena - principalmente quando se leva em conta também os possíveis efeitos medicinais de várias das “drogas” e as descobertas feitas em relação ao potencial real dos danos que certas “drogas” causam.

A humanidade sempre lidou com substâncias alterando a percepção e comportamento das pessoas ao longo da história, em contextos sociais e históricos bastante específicos, inclusive em contextos espirituais e religiosos, o que pode soar impossível, herege e desrespeitoso para várias sociedades contemporâneas. A percepção de que “drogas” são apenas e extremamente maléficas é bastante recente para a humanidade, com consequências políticas e sociais inéditas e um alcance cultural impressionante. Porém, o ideal da sociedade “perfeita” em que não há consumo de “drogas” nunca esteve tão longe. A ignorância social sobre “drogas” só parece ter criado um abismo entre as pessoas que consomem e as que não consomem.

As consequências sociais deixadas pelo racismo, pela demonização e pela ignorância desenham diversas relações sociais. As experiências através da sociedade são marcadas por diferenças profundas, e ainda assim, absolutamente todas elas são bastante deformadas pela Guerra às Drogas. A deformação dessas experiências acaba desenhando a realidade ao redor das pessoas e objetos cujas experiências são deformadas; é a partir dela que a sociedade acaba incorporando as definições e princípios que foram utilizadas para executá-la. A força e onipresença com a qual a Guerra às Drogas opera em cima da própria materialidade das relações sociais redesenha a própria realidade.

4.4 A materialidade da Guerra às Drogas

Analisando a Guerra às Drogas como um sistema capaz de moldar a própria realidade do contexto do consumo de drogas, a partir dos princípios previamente explicados (racismo, demonização das "drogas" e ignorância), é necessário analisar como é essa realidade, em termos de que tipos de experiências as pessoas têm quando inseridas nesse sistema. Um dos objetivos dessa pesquisa é justamente coletar, a partir de diálogos abertos e significativos, tais experiências, investigando quais situações são moldadas por essa política, sendo direta e conscientemente relacionadas a ela ou não pelas pessoas que passam por tais experiências. Para entender como a realidade é moldada por essa política, porém, não é suficiente apenas analisar a Guerra às Drogas e seus princípios delineadores, mas também entender como as significações e relações construídas a partir da vivência dentro dessa realidade continuam a construir esta mesma realidade. A realidade construída pela Guerra às Drogas é construída a partir de sua aplicação e também de sua reverberação na percepção social geral.

A partir dessa constatação, também se mostra outro objetivo dessa pesquisa: ser em si mesma uma experiência que possa construir, de maneira oposta à maneira da Guerra às Drogas, a realidade que circunda o tema do consumo de drogas. Existem várias maneiras de isso acontecer, e que inclusive já são praticadas por várias pessoas no Brasil (experiências positivas e construtivas com o consumo, produção e comércio de drogas ilegais, como será detalhado a seguir); mas essa pesquisa

especificamente se dirige à tentativa de abarcar nela pessoas que não teriam, dentro da realidade atual projetada pela Guerra às Drogas, sequer uma experiência que seja diferente das expectativas sociais de doença, morte, violência e marginalização. Essa pesquisa pretende ser um exercício imaginativo; o simples ato de permitir um espaço para conversar sobre esse tema, sem julgamentos ou preconceitos, de maneira aberta e empática, a princípio, é um caminho para inserir no imaginário social a possibilidade de que esse assunto não seja puramente tratado da mesma forma que é tratada pelos mecanismos da Guerra às Drogas. Essa política soterra de elementos negativos as possíveis experiências que as pessoas poderiam ter em relação às "drogas" e a seus "usuários", e como discutido principalmente no princípio da ignorância, impede a própria visualização de outras possibilidades para a realidade. Essa pesquisa deseja ser uma prova de que outras realidades para esse tema são possíveis.

A seguir encontram-se especulações sobre que experiências se têm atualmente dentro da realidade projetada pela Guerra às Drogas e que sejam diretamente relacionadas a ela. É importante ressaltar como as experiências na realidade sempre dependem de inúmeras variáveis e contextos, que podem reverter todas as expectativas. A pesquisa servirá justamente para aprofundar, validar, descartar, aperfeiçoar e descobrir experiências nesses contextos. Seguindo os princípios delineadores da Guerra às Drogas, as seguintes especulações serão alocadas nos seguintes espectros:

- 1 - negros (e classes pobres, em geral) / brancos (e classes ricas, em geral)
- 2 - "usuários" de "drogas" / "não usuários de drogas"
- 3 - pessoas com pouco ou nenhum conhecimento científico e social sobre as "drogas" e sobre a Guerra às Drogas / pessoas com algum conhecimento científico e social sobre as "drogas" e sobre a Guerra às Drogas

1. No espectro do racismo, especula-se sobre como as pessoas de cada lado (pessoas negras, marginalizadas e pessoas brancas, mais protegidas) desse espectro experimentam essa realidade delineada pela Guerra às Drogas.

1.1. negros (e classes pobres em geral):

- violência policial
- encarceramento
- estereotipação social e perseguição
- genocídio negro e continuidade do racismo institucional da escravidão
- perda de amigos e família
- convivência com a atuação do narcotráfico, milícias, polícias e exército
- empobrecimento
- riscos (de vida, social, econômico, de saúde) maiores associados ao consumo de "drogas"
- exposição precoce às "drogas"
- tráfico de "drogas" enquanto opção para sustentação financeira, mas também associada a um caminho sem volta e violência
- associação maior das "drogas" com morte, chantagem e violência

1.2. brancos (e classes ricas em geral):

- medo (mas uma boa distância) da violência associada à Guerra às Drogas, com alguns respingos desta
- higienização da produção, comércio e consumo das drogas ilegais
- aplicação branda da lei (muito menos encarceramento, constrangimento, perseguição etc)
- riscos menores associados ao consumo de "drogas"
- tráfico de "drogas" enquanto realidade distante, apenas presente para quem compra, de maneira pontual, associada a violência, mas também coragem e uma "aventura"
- associação maior das "drogas" com "degeneração" e problemas de saúde

2. No espectro da demonização das "drogas", especula-se sobre como "usuários" de "drogas" (ou seja, pessoas que utilizam substâncias perseguidas pela Guerra às Drogas) e "não usuários de drogas" (ou seja, pessoas que, por não utilizarem substâncias ilegais, não se veem como "usuários"); isso inclui pessoas que usam ou

não drogas legais como álcool e cigarro) experimentam essa realidade delineada pela Guerra às Drogas.

2.1. "usuários" de "drogas"

- "descoberta" das "drogas" e seus efeitos reais no contexto do consumo
- surpresa com possíveis diferenças entre o que foi ensinado em escolas e campanhas antidrogas e a realidade experimentada
- acesso e consumo às "drogas" de maneira difícil, velada, ilegal e potencialmente perigosa
- publicidade inexistente além da condenação e terrorismo sobre as "drogas"
- substâncias desconhecidas e efeitos imprevisíveis
- contextos de consumo mais perigosos
- riscos maiores à saúde e situação social
- marginalização social
- possível encarceramento e constrangimento policial/judicial
- associação imediata do uso de "drogas" com "vício" e isolamento social
- ciclos sociais específicos em que o consumo é permitido ou encorajado

2.2. "não usuários de drogas"

- substâncias e efeitos mais conhecidas antes do seu consumo
- acesso regulado e relativamente fácil dentro das leis
- controle em relação às substâncias e aos efeitos
- exposição à publicidade regulada, legal e potencialmente apelativa e sedutora
- consumo legalizado e socialmente aceito, apesar da possibilidade de consequências de saúde e sociais
- não associação imediata do consumo com "vício" e isolamento social
- ainda presente, porém menor, estigmatização do uso em alguns casos (álcool e cigarro, principalmente); ampla invisibilização da ideia maléfica de "consumo de drogas" em outros (cafeína, açúcar, remédios etc)
- danos sociais e de saúde, em alguns casos, não associados ao consumo abusivo de substâncias

3. No espectro da ignorância, especula-se sobre como pessoas com pouco ou nenhum conhecimento científico e social sobre as "drogas" e sobre a Guerra às Drogas e pessoas com algum conhecimento científico e social sobre as "drogas" e sobre a Guerra às Drogas experimentam essa realidade delineada pela Guerra às Drogas.

Aqui, vale a pena ressaltar que essa definição do espectro deve ser considerada dentro do ponto de vista de que a construção de conhecimento não deve necessariamente ser validada a partir da ideia de conhecimento científico. O conhecimento gerado pelas pessoas a partir dessas experiências especuladas aqui (e não necessariamente o comprovado cientificamente) é perfeitamente válido, pois é o conhecimento utilizado pelas pessoas para navegar dentro desta realidade e deve ser considerado quando se pretende criar novo conhecimento nesta área (como essa pesquisa pretende fazer). Além disso, o próprio conhecimento científico e social pode ser utilizado ainda de má fé, para continuar reverberando efeitos maléficos e cristalizantes dos princípios da Guerra às Drogas. Porém, é importante entender como a ignorância (como discutido anteriormente: a invisibilização e distorção deliberada dos reais efeitos das "drogas" e seus potenciais usos sociais e fisiológicos) tem um papel fundamental na continuidade da política da Guerra às Drogas, e conhecimento originário de pesquisas científicas, análises sociais e projetos eficazes de combate ao uso abusivo de drogas pode ser proveitoso nesse sentido.

3.1. pessoas com pouco ou nenhum conhecimento científico e social sobre as "drogas" e sobre a Guerra às Drogas

- medo (às vezes irracional) das "drogas" e de seus "usuários"
- consumo, quando existente, mais arriscado e com menos preparação psicológica e educativa
- distância total das "drogas" (possível curiosidade)
- julgamento moral sobre "usuários" e distância total destes
- sentimentos de raiva, nojo e vingança para com "usuários"

- certeza dogmática quanto ao que o consumo de "drogas" causa na vida das pessoas
- desconhecimento dos efeitos fisiológicos das "drogas"

3.2. pessoas com algum conhecimento científico e social sobre as "drogas" e sobre a Guerra às Drogas

- consumo mais consciente das "drogas" (relacionado a doses, qualidade, frequência, finalidade etc)
- usos e contextos diferenciados que possibilitam mais segurança, conforto e redução de danos (uso recreativo, religioso, medicinal etc)
- socialização a partir do consumo de "drogas"
- compreensão do tratamento mais eficaz para usuários que demonstram problemas decorrentes do consumo de "drogas"
- compreensão e empatia para com "usuários"
- compreensão da complexidade das causas e efeitos do consumo de "drogas"
- compreensão dos efeitos fisiológicos reais das "drogas"

5. O discurso, a imaginação e a Guerra às Drogas

O Brasil, como analisado mais detalhadamente antes, se encontra numa conjuntura bastante específica nesse contexto, sendo um país de grande produção e escoamento de drogas para o tráfico internacional, bastante poder nas mãos de facções que se alimentam do narcotráfico e uma população (a sexta maior do mundo) bastante variada em suas opiniões e experiências com o assunto. Tal contexto oferece um campo muito complexo para as significações criadas nessa área das drogas. A intenção aqui não é, portanto, tentar descrever e analisar quais fatores específicos influenciam nessas significações, pois essa tarefa não teria fim, e seria baseada demais em especulações. Em uma parte dessa pesquisa, tais especulações foram desenvolvidas, até certo ponto, como uma análise prévia - que pode ser descartada, aperfeiçoada, modificada ao longo da pesquisa pelos próprios resultados dela - das maneiras pelas quais a Guerra às Drogas atua de maneira subjetiva e simbólica. Mas o objetivo não é descrever ou enumerar tais maneiras, tanto que essa parte é preliminar à pesquisa. A pesquisa em si pretende

compreender o funcionamento por trás dessas maneiras; como elas se materializam, quais processos e experiências estão por trás dessas significações, como elas impactam a realidade e o imaginário, como os significados são construídos, disseminados e incorporados pelas pessoas.

A Guerra às Drogas não é exclusiva quanto a sua capacidade de criar significados disseminados e impregnados em sociedade, mas essa pesquisa tem como foco a aplicação desse funcionamento específico à área das drogas, e o impacto dessa política é inegável nessa construção simbólica social. Esse funcionamento se dá de maneira profunda, contínua e que se retroalimenta. A análise especulativa prévia serve para delimitar as áreas em que é mais observável as deformações criadas pela Guerra às Drogas na vivência humana social - pelo racismo, pela demonização e pela ignorância. Mas a essência desse funcionamento pode ser observado pelo discurso.

Trabalho aqui principalmente com a ideia de discurso observada no livro "Análise de discurso: princípios e procedimentos", de Eni P. Orlandi. Orlandi traz o discurso como a língua fazendo sentido através do seu movimento, do seu percurso. Não é um momento estático, nem algo próprio de um indivíduo. Discurso é discursos; o conjunto de todos os dizeres já imaginados, ditos e esquecidos na história. Orlandi diz que

os dizeres não são [...] apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.
(ORLANDI, 2003, p. 30)

Os conceitos de interdiscurso e de esquecimentos são fundamentais para a análise de Orlandi. O interdiscurso é definido como todos os dizeres já ditos na história, posicionando-o verticalmente em relação ao intradiscurso, que é o dito em dado momento, que seria horizontal. O interdiscurso representa a totalidade das possibilidades da constituição de sentido, como um repositório adormecido de significados que já foram construídos ao longo da história. Quando o intradiscurso "cruza" um dos pontos dessa linha vertical, formula sentido, com o que trouxe de si mas através do ponto em que cruzou o interdiscurso. Assim, o interdiscurso, enquanto historicidade do discurso, possibilita a criação de um sentido para o discurso, partindo da ideia de que o discurso só se significa de acordo com a sua exterioridade; ele se define pelo outro. O conceito do esquecimento vem como mecanismo intrínseco ao interdiscurso. Esse conceito permite o enunciado do discurso ter a aparência de que originou o próprio significado, pois esquece-se que foi na realidade a sua definição em relação a todos os significados pré-existentes que originou seu significado. Também há o esquecimento referente às palavras que esquecemos, que não usamos; esse esquecimento cria a ilusão de que o que dissemos é representante direto do mundo, do que pensamos, do que referenciamos, sem mediação da linguagem e dos significados alheios, sem outras possibilidades. Esse esquecimento naturaliza as palavras, como se só determinadas palavras pudesse descrever a realidade naquele momento.

Tais esquecimentos, porém, são fundamentais para o funcionamento do discurso dentro do espectro da paráfrase e da polissemia. A paráfrase é o discurso assentando e cristalizando os significados, criando uma estabilização e fácil distinção entre eles. Já a polissemia é a ruptura disso, os significados se cruzando e se deslocando entre palavras, trocando de sentidos ao longo do assentamento do interdiscurso. Os esquecimentos permitem, então, dois aspectos: uma produtividade do discurso, permitindo comunicações compreensíveis e sem muito ruído, porque esquecemos das inúmeras variáveis de significados que uma palavra pode ter e naturalizamos elas em contextos específicos; e uma criatividade do discurso, permitindo camadas de significados, pois o esquecimento, ao longo da repetição que assenta significados, também possibilita a criação de novos para as mesmas

palavras, pois a repetição inevitavelmente explicitará como a historicidade do discurso faz parte da definição das palavras e, portanto, as modifica também.

A língua é a plataforma do discurso. A língua, a fala não representa as ideias; ela constitui o processo de interpretação que é o discurso em si. Ao enunciarmos, estamos produzindo. E essa produção não tem como ser livre de ideologia, esta já presente na própria historicidade inerente ao interdiscurso, inconscientemente usado na construção de enunciados. O discurso representa um monumento de fragmentos; por isso, no discurso, há justamente esse funcionamento da construção da realidade, pois o discurso constrói a própria realidade e vice versa. No artigo "A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa" (2013), de Mauricio dos Santos Ferreira e Clarice Salete Traversini, encontramos a metáfora do discurso como um monumento de fragmentos, algo semelhante ao interdiscurso. O discurso não esconde em si um "discurso verdadeiro" representante da realidade, que o analista deve investigar até procurar; ele deve ser encarado como um mosaico de significados, que se define pelo que não está presente nele também:

Se os encarássemos como documentos, partiríamos do princípio que são registros de uma história, de um fato, que estão ali representados e que precisaríamos atravessá-los, constantemente, para chegar ao real. [...] temos, portanto, diante dos olhos, monumentos constituídos por fragmentos que não nos são dados a analisar internamente e, sim, "admirá-los" em seus traços e formas exteriores, em sua positividade, em sua forma contemporânea.

A realidade é uma versão do real; ela é construída de maneira coletiva, a partir das experiências e dizeres de todos. Seguindo a teoria da análise do discurso, o discurso não é algo transparente; ele tem sua própria opacidade, porque a língua não é um veículo puramente representativo do real, por ter sua historicidade. Os discursos presentes na realidade social são o que integram o interdiscurso, que serve como um repositório de todas as ideias já pensadas e esquecidas ao longo da história. O discurso, quando materializado na língua, serve como plataforma para que fragmentos do interdiscurso se mostrem, ressignifiquem-se e impactem outros discursos. A intenção dessa pesquisa inclusive é também a de fazer um impacto

nesse imaginário referente ao assunto das drogas; possibilitar um espaço e, assim, criar essa realidade desejada, que é, no caso, uma realidade que trata o assunto das drogas com mais naturalidade, consciência, empatia, abertura e eficácia (eficaz no contexto da saúde e da justiça).

A presença da ideologia é constituinte fundamental desse processo. Como a língua se faz presente através da história materialmente, o discurso se constitui nos seus elementos de paráfrase e polissemia por causa da relação que o ser humano estabelece entre si e a realidade ao fazer sentido. A ideologia é efeito dessa relação; a interpretação é inerente à percepção da realidade, e a ideologia é inerente à interpretação, porque só construindo-se em relação ao outro que o eu se forma. Porém, no próprio processo da significação, a ideologia é esquecida, pois os esquecimentos previamente explicados criam a ilusão de autoria, literalidade e originalidade dos sentidos. Os sentidos só se criam nas relações, e o sujeito se cria a partir dessas construções. A história é base da paráfrase e da polissemia, da comunicação e da criatividade, e daí percebe-se a inevitável participação da ideologia na construção do sentido, como contexto histórico que possibilita a construção de sentidos.

Uma questão relevante a essa interpretação é como, na contemporaneidade, que demonstra sua complexidade e imprevisibilidade, e ao mesmo tempo seu potencial totalitário e opressor, esse interdiscurso (ou esse imaginário coletivo) é de certa maneira usurpado e alterado pela presença de discursos onipresentes, financiados por interesses maiores, ou disseminados com tal força que dominam boa parte do interdiscurso, deixando pouco espaço para (ou deliberadamente criminalizando, marginalizando, distorcendo) outras visões e possibilidades de construção da realidade. O argumento desta pesquisa baseia-se na assunção de que a Guerra às Drogas, com o seu peso de política pública instaurada de maneira vertical e opressora por vários governos pelo mundo desde o século passado, teve um impacto profundo no imaginário global referente às drogas, com um alcance sem precedentes na história da humanidade. A ideologia da Guerra às Drogas, baseada no racismo, na demonização e na ignorância, se impregnou na relação de vários

países de todos os continentes com as drogas, de maneira política, social, econômica e cultural.

A percepção do quão profundo é esse impacto fica muito visível quando se analisa a relação que a humanidade desenvolveu com substâncias alteradoras da percepção e/ou fisiologia humana antes da instauração da Guerra às Drogas. Jamais antes essa relação alcançou o nível de perseguição, mobilização estatal, paranoia e truculência desenvolvida atualmente. O contexto do consumo de drogas é muito importante para compreender a real natureza dessa consumo, mas a cultura da Guerra às Drogas bota um grande foco na substância em si, demonizando-a como a causadora de todos os males, introduzindo a ideia de malefício em sua própria natureza. Tal apagamento é uma das principais causas da impossibilidade que muitas pessoas sentem em relação ao fim da Guerra às Drogas: sendo um paradigma tão institucionalizado e dominante, até imaginar uma maneira diferente de abordar essa questão parece impossível. Por que é tão difícil visualizar uma maneira diferente de enfrentar os desafios referentes ao uso de drogas? Portanto, uma análise em relação ao próprio funcionamento da imaginação e da criatividade enquanto construção coletiva social (e das sabotagens que tais estruturas sofrem do capitalismo) parece bastante pertinente.

No livro “Crises of imagination, crises of power” (2014), o professor de artes e design Max Haiven delinea importantes análises frente a essa questão específica da imaginação. Não há foco na Guerra às Drogas, mas no capitalismo como um todo, como estrutura que patrocina a desintegração de espaços coletivos e relações sociais, o que por natureza erode nossa própria felicidade e construção de laços afetivos e sociais. Haiven (2014) argumenta que a crise da imaginação é uma grande causa disso tudo:

As crises que enfrentamos agora são também crises da imaginação no coração do paradigma dominante. Os anúncios pomposos e entusiasmados do “fim da história” e o valor inquestionável e eterno do mercado livre e da globalização do comércio que caracterizaram as duas décadas desde a queda do muro de Berlim deram lugar a uma resignação desesperançosa. Enquanto praticamente ninguém ainda acredita

que mercados livres sem limitações vão levar a prosperidade, sustentabilidade, paz e satisfação humana, a vasta maioria de políticos e criadores de leis continuam encantados com a agora morta-viva ideologia do necroneoliberalismo. Frente a massivas crises (econômica, ecológica, social) que agora ameaçam todos os valores que políticas neoliberais supostamente garantiriam (prosperidade, paz, inovação), o espectro convencional político é dominado por mais unanimidade do que nunca. Essa falha em imaginação não é culpa de indivíduos banais ou manipulados. A famosa frase de Margaret Thatcher de que “não há alternativa” para o capitalismo desregrado não é mais um pronunciamento presunçoso vindo de cima, e agora virou um mantra desesperado e estridente de um sistema arrasado por crises e potencialmente suicida, re-ensaiado com devoção servil por quase todo governo do mundo, seja abertamente de direita ou ostensivamente de esquerda. (HAIVEN, 2014)

Apesar de não estar se referindo diretamente à Guerra às Drogas, é inevitável tal comparação, até porque tal política não existe fora do contexto do capitalismo pós-segunda guerra mundial. Como analisamos previamente, sua implementação está intimamente ligada com um crescente conservadorismo resultante do desejo de elites sociais se diferenciarem do resto da população que vivia nos grandes centros urbanos. A Guerra às Drogas também se utiliza da imensa desigualdade social e racial histórica no contexto geopolítico global e no contexto nacional brasileiro, também ligada a políticas neoliberais (mas não limitadas a elas, claro). Dentre as crises citadas por Haiven (social, ecológica, econômica), a Guerra às Drogas claramente contribui principalmente com a crise social, reprimindo, violentando, encarcerando e executando populações negras e pobres, abarrotando prisões, e sabotando soluções eficientes para usuários problemáticos de drogas; contribui também para a crise econômica, com gastos desproporcionais com políticas ineficientes e truculentas e a subsequente despriorização de políticas públicas humanitárias e eficientes. A Guerra às Drogas entra nessa análise, porém, apenas como uma das várias políticas instauradas na atualidade dessa maneira automática, impensada e “morta-viva” proveniente da classe política econômica global; apenas para citar algumas mais, poderíamos falar da indústria da carne e produtos animais, da indústria automobilística, da agropecuária, de privatizações de instituições de educação, saúde e saneamento básico etc.

Haiven argumenta como o capitalismo engolfinha as noções de imaginação e de criatividade, se apropriando delas a partir de políticas de austeridade que desagregam a vida pública. Tal argumentação se dá a partir de análises culturais, sociais e econômicas, visto que seu desejo é de refletir sobre “como ideias viram realidades, e como realidades são traduzidas em ideias, e como resultado, [essa reflexão] necessariamente deve se mover entre os fatos da realidade econômica, as (des)interpretações políticas desses fatos, o jeito como essas realidades econômicas se dão no nível das vidas individuais e sociais das pessoas, e o jeito como fazemos sentido dessas forças através de histórias, narrativas, metáforas, termos, representações visuais e ideias”. Essa abordagem conversa bastante com a importância do discurso enquanto constituinte da realidade e construída por ela também, logo, também plataforma para alterar, questionar e estudar a realidade. Mas além disso, Haiven reflete sobre a “história” da imaginação e o papel que seu constrangimento e deformação ao longo das décadas tiveram para possibilitar e sustentar a atual fase do capitalismo e suas políticas paralelas, que acumulam evidências de insustentabilidade, perigo e fracasso, mas ainda assim são mantidas com mãos de ferro, e opções paralelas parecem escassas.

Haiven defende que a criatividade e a imaginação são conceitos necessariamente coletivos e públicos. Em vez de ser um “dom” ou uma habilidade técnica específica exclusiva a certas pessoas da sociedade, a criatividade é “um fenômeno social, socializado e socializante; é algo que fazemos juntos enquanto animais sociais”. Ou como Jack White argumenta em sua música “Ice Station Zebra”: “todos que criam são membros de uma família / passando para frente genes e ideias em harmonia / os jogadores e cínicos podem achar esquisito / mas se você rebobinar a fita, estamos todos copiando Deus”. A criatividade não é posse de ninguém; é, como vimos dentro do discurso e também veremos com análises semióticas, a própria interação que ressignifica a realidade. É a sobreposição de interpretações, que resultam em polissemias, deslocamentos de sentido, e também a pré-suposição do que as coisas significam. Ocorre necessariamente em coletivo, mas no sentido de que apenas a existência dentro do compartilhamento de significados e experiências permite a criatividade; é também o processo em si, sem um final objetivo, pois é na

própria realização e experimentação que ela surge. Essa parte da argumentação ficará mais clara também com as análises semióticas e do design ontológico, mais a frente.

O histórico que Haiven delinea para a imaginação mostra que o imperialismo e colonialismo europeu, na sua intenção de se sobrepor cultural e economicamente às demais sociedades, investiu em maneiras dentro da educação e cultura de valorizar as descobertas, filosofias e pensamentos europeus enquanto os únicos, os máximos, os pináculos da sabedoria da humanidade, advindos de grandes homens brancos. A ideia de "gênio criativo" nasce junto com o capitalismo global no século XVIII, a partir do desejo das burguesias emergentes de se diferenciar dos mais pobres; mas em vez de utilizar os argumentos de realeza e sangue nobre, uma das várias estratégias utilizadas foi a transformação da arte e da cultura em bens consumíveis e exclusivos; a ideia do autor genial, assim, ganha força, com a burguesia adquirindo trabalhos "excepcionais", prova de seu bom gosto, intelectualidade e poder, de pessoas "geniais", com dons específicos e habilidades singulares, capazes de criar objetos únicos.

Isso é completamente paradoxal; a arte e a cultura, desde sempre, foram manifestações coletivas e cotidianas, que congregavam as pessoas e poderiam ser admiradas por qualquer um, independente de sua classe social. Essa comodificação da criatividade tem consequências até hoje, já que pelos séculos tal pensamento foi se reforçando bastante, com a criação inclusive de leis internacionais que protegem *copyright* de produtos e obras. A criatividade em si virou refém de uma necessidade artificial de ser única, original, individual, resultado de muito esforço e sofrimento pessoal, ou de um dom exclusivo e incompartilhável. A natureza do compartilhável, da replicação e da ressignificação virou inclusive a "fraqueza" do que "não é tão criativo assim", virando alvo de acusações de plágio e falta de originalidade; assim como a cultura "não-genial", a cotidiana, existente em sociedade, coletiva, é considerada "simples e crua".

Essa metamorfose da definição de criatividade, e sua constante implementação na realidade através do discurso e sua subsequente materialidade (educação enviesada, fragmentação da vida em sociedade, individualização, financeirização, elitização e isolamento da criatividade, surgimento de celebridades etc), resultam em uma espécie de privatização da cultura popular; como o viver e fazer em coletivo cotidianamente desaparece, surgem lacunas nas vidas social, cultural e econômica das pessoas, "solucionadas" de maneira individual e competitiva por produtos industriais, fragmentando a sociedade em "agentes econômicos". O fechamento da ideia de criatividade em si é, portanto, diretamente ligado a políticas e filosofias que sustentam hoje políticas danosas e insustentáveis. Max argumenta também que a criatividade porém não é completamente sufocada, mas sim reapropriada e privatizada, como por exemplo com o lucro gerado por grandes empresas do compartilhamento e produção de conteúdo que usuários da internet executam em redes sociais. Sem falar no papel "liberador" que a criatividade assume hoje em dia, para empreendedores, inovadores, desbravadores do mercado livre flexibilizado.

[...] precisamos focar em deixar claro que criatividade real e profunda nunca será alcançada enquanto posse individual, mas sempre como um processo coletivo, ligado a valores de igualdade, justiça social e comunidade. Em outras palavras, a promessa de criatividade só pode ser cumprida em uma sociedade muito diferente da nossa.
(HAIVEN, 2012)

Se a criatividade passa por uma crise de valor e de definição, é argumentado que deve-se procurar uma maneira de radicalizar a imaginação, para devolver a criatividade ao seu lugar de "habilidade de mudar o mundo juntos. Ou, mais exatamente, é a habilidade de ver esforços coletivos realizados na realidade"; um fenômeno social. A definição específica de imaginação é um pouco mais abstrata do que da criatividade; é "uma paisagem compartilhada ou um 'bem comum' de possibilidades que compartilhamos como comunidades". Também afasta-se da ideia de uma "capacidade" individual de imaginar, cada pessoa com uma só, desconectadas. Ela existe entre as pessoas, como uma rede que possibilita o compartilhamento de significados. A definição previamente analisada de "interdiscurso" conversa bastante com essa ideia. Sua possibilidade de ser o campo

fértil da criatividade também é um paralelo com a sobreposição de significados resultado da existência do interdiscurso, que possibilita a polissemia. E o controle que existe em relação à imaginação tem um potencial destrutivo imenso, pois

nós nunca poderemos imaginar nosso caminho para fora de nosso próprio momento de exploração e opressão precisamente porque o que podemos imaginar é sempre baseado no que experimentamos em nossas vidas (e até sofridamente por histórias) e essas experiências são forjadas dentro de um particular arranjo de relações de poder. (HAIVEN, 2012)

Tanto que é possível argumentar que o capitalismo é um sistema que se sustenta no princípio de impedir novas maneiras de se viver; cercear a imaginação é sabotar a desconstrução – até a ainda abstrata – do capitalismo. Pois o capitalismo argumenta que sua existência é a única possibilidade possível e cria o sentimento do "fim da história". O capitalismo venceu e isso é inquestionável. Ou seja, a versão do capitalismo é uma maneira de ver a realidade que constrange a imaginação e só oferece a versão imaginada pelos mantenedores e beneficiários diretos do capitalismo. E isso é definitivamente material: os projetos, as políticas, as conversas, as prioridades, os métodos e o cotidiano oferecido pelo capitalismo são todos "desenhados". Não exatamente como algo planejado e proposital; mas como resultado dentro de um processo histórico complexo específico, definitivamente delineado com força por grupos políticos poderosos.

Como retomar essa imaginação usurpada? Max mostra que na história já há diversas demonstrações, quase sempre vindo de movimentos minoritários e oprimidos, contextos de censura e opressão como (pós)escravidão, (pós)colonização etc; e o que caracterizaria tais movimentos seria a "habilidade de ter um pé no futuro"; a aceitação de que o futuro é incerto e, ao mesmo tempo, é sequência das ações e dos "e ses" de hoje. É necessário agir também levando-se em conta "todos os outros jeitos que o mundo poderia ser". Esse raciocínio precisa passar por cima da cristalização de possibilidades da realidade implementada pela fragmentação da vida em coletivo; por um lado, isso significa perder o "conforto" de saber (ou de achar que se sabe, ou de achar que é possível saber) o que o futuro

guarda. Pois é a materialização no presente que guia os caminhos para o futuro, e por isso, estar certo e irredutível em relação ao futuro só facilita distorções, apropriações e totalitarismos. O futuro é sempre um estar-em-aberto, como “uma maneira de deixar o futuro ‘voltar’ para nós no presente para chacoalhar nosso pensamento e nos ajudar a lembrar que as coisas não precisam ser como são, e que poderiam ser diferentes”. E se o mundo é esse espaço mediado, aberto e sempre em desdobramento, e se o capitalismo usurpa e distorce com imensa versatilidade vários elementos da realidade, é crucial o florescimento de uma imaginação “radical” – esta já exercida em vários momentos da história, desde movimentos inspiradores como os anti-coloniais e anti-opressão em países de terceiro mundo, até movimentos extremamente repudiáveis, mas que se demonstraram “viáveis” enquanto alternativas ao capitalismo, como movimentos radicais fascistas e supremacistas.

Um movimento particularmente importante na análise de Haiven para a revitalização da imaginação é o movimento feminista, primordial na assimilação da ideia de que mudanças políticas radicais devem passar pela mudança do próprio cotidiano. A crítica feminista à esquerda que ainda reproduzia (e reproduz) sexismo e outras formas de opressão (classismo, racismo etc) deixou claro como o cotidiano e a nossa visão de mundo são modificadas por estruturas sociais como o machismo, e portanto, são também um “campo de batalha” onde deve-se questioná-las e modificá-las; até porque as estruturas que se infiltram com tamanha dissimulação no cotidiano das pessoas são essenciais na sustentação do capitalismo e, portanto, não são lutas que podem ser adiadas para “depois da revolução”, e sim, pautas estruturantes e fundamentais de qualquer revolução. Assim como a imaginação radical, pela definição do teorista Cornelius Castoriadis que Haiven cita, é “nem uma coisa boa nem ruim, mas a tectônica e a sempre-mutante substância da nossa realidade social que é tão solidificada em instituições sociais quanto é capaz de levar essas instituições embora”.

Se a paisagem política compartilhada que é a imaginação é fragmentada, comodificada e usurpada, a imaginação radical teria como objetivo, então, criar

conexões e retomar de volta a imaginação para seu lugar de convívio, cultura, cotidiano, coletividade. É necessário furar as “bolhas” imaginativas que o capitalismo cria ao individualizar e privatizar nosso cotidiano, e com esses furos possibilitar a criação de imaginários comuns que possibilitem futuros sustentáveis e inclusivos, em um “sempre inacabado processo de solidariedade”. Esse processo também é material, incorporado na própria realização dessas intenções. Porém, não trata-se de uma tentativa de homogeneizar a imaginação, supondo que todos devem ter as mesmas expectativas e desejos para o futuro; pelo contrário, é transformar a ideia de imaginação que temos, de uma perspectiva individualizada para uma perspectiva relacional, onde a construção vem a partir da dissidência, do encontro de visões e da realização coletiva, permitindo ao futuro desdobrar-se enquanto realiza-se. É a própria prática, a realização de maneiras diferentes de se viver, que conseguem ir além da vivência cotidiana “planejada” pelo capitalismo. E isso está sempre acontecendo, quando o capitalismo e suas políticas anacrônicas e sem sentido entram em conflito direto com a nossa felicidade, nosso bem-estar, nossa relação com nós mesmos e com a natureza.

PARTE III – O DESIGN PARA COMPREENDER E MUDAR A REALIDADE

6. Design enquanto comportamento humano

Até agora, o que foi desenvolvido nesta tese não necessariamente toca (ou pelo menos não de maneira explícita) na área de prática do design. Pretendo aqui não exatamente conectar o que já foi analisado da Guerra às Drogas com uma prática do design, mas trazer questionamentos em relação ao funcionamento do design, às definições com as quais estamos acostumados a trabalhar no design, e como podemos reimaginar o design dentro do contexto político e social atual, que em minha tese, exige do designer uma reflexão muito profunda sobre seu papel na sociedade contemporânea, cercada de desafios de grande magnitude devido ao impacto que processos como industrialização e colonização tiveram na nossa própria existência.

Quero argumentar nessa pesquisa que o design é uma atividade humana, que simplesmente acontece, podendo ser sem um propósito explícito. No artigo "Ontological Designing – laying the ground", a pesquisadora e professora de design Anne-Marie Willis argumenta que o design é fundamental para *ser* humano. A definição de design que Willis traz tem como premissa a ideia de que o design nos faz humanos precisamente porque, ao mesmo tempo em que criamos planos de ação, esse próprio planejamento e as consequências dele (podendo ser produtos, artefatos, ou apenas uma maneira de ser ou ver a realidade) também nos projetam. Acontece um delineamento das interações entre o sujeito e o que é projetado, estes inseparáveis nesse processo. O que projetamos no mundo acaba nos projetando de volta. Os elementos constituintes desse processo são inseparáveis porque é exatamente o estar-no-mundo, a *presença* do sujeito que criam a realidade. Willis traz o conceito de *Dasein*, de Heidegger, que é este estar-no-mundo:

Dasein é "jogado" para o mundo, mas mais que isso; não há condição prévia desse "ser-jogado". O humano só é humano pela virtude de existir numa condição mundada, ou seja, o humano habitando por entre entidades que viram presentes

como entidades apenas através desse habitar-com, incluindo a inescapável mediação da linguagem. Mundo não é equivalente a "planeta Terra" ou a "tudo que existe, sabido ou não pelos humanos" [...]. Em vez disso, mundo, ou melhor, mundos, são sempre delineados, situados e múltiplos. (WILLIS, 2007, p. 86)

Pois o "ontológico" desse design é a compreensão da natureza desse processo enquanto simples "existência humana". Esse é o processo que cria o significado das interações e dos objetos que nos circundam; é assim que interpretamos a realidade, construindo-a. Anne chama este processo no artigo de *worlding*, ou numa tradução livre, "mundação" (de "mundo"):

A mundação não é o mesmo que contexto ou ambiente, nem é outro jeito de simplesmente afirmar um determinismo do ambiente. Porque a mundação presume e aceita a circularidade de ser e do funcionamento do ciclo hermenêutico, que jamais poderia ser reduzido a um movimento de uma via só de "ambiente determinando o sujeito" ou vice versa. Na verdade, a ideia de mundação rejeita "humano" e "mundo" como entidades separadas e independentes. (WILLIS, 2007, p. 84)

Willis traz exemplos de artefatos e produtos sendo usados e a partir daí fazendo parte da presença de quem os utiliza, pois essa visão do equipamento enquanto construtor da realidade é mais fácil de compreender; mas também argumenta que isso é aplicável para sistemas, linguagens e métodos de pensar, afirmando que "os efeitos do design de um sistema administrativo são inseparáveis do seu ambiente materializado". Isso é explícito no contexto da Guerra às Drogas, enquanto um conjunto de políticas e filosofias institucionalizadas: a própria mentalidade dela impulsiona uma série de comportamentos, preconceitos e expectativas imateriais em toda a população, mas que dificilmente podem ser analisadas sem levar-se em conta sua implementação material (repressão policial, marginalização e criminalização da produção e comércio etc). Fazer tal distinção entre o material e o imaterial é, pelo menos por esse ponto de vista, inútil; existe uma necessária continuidade, também discutida no aspecto semiótico, entre o pensamento que move ações e a materialidade com a qual é exercida.

Willis propõe uma interessante distinção entre coisa e objeto: apesar dos dois naturalmente participarem do processo de “mundação”, ao participar da realidade e alterá-la a partir da sua produção e uso, a coisa é algo cujo uso e produção ativamente deixam espaço para o sujeito construir-se em cima dele, e faz isso ao não assumir uma postura neutra e definitiva; ao mesmo tempo que contém essa opacidade, ela revela que intenções e percepções existem em sua mundação, e aceitam e revelam o que foi necessário ser reunido (o processo, as ideias, as intenções) para que tal coisa acontecesse e disseminasse em sua existência seu passado. O objeto, ao contrário, deixa seu passado extremamente denso e obscuro, numa pretensão (claramente ligada ao desejo moderno industrial de criar produtos definitivos e que servem seu propósito apesar de seus contextos e usos reais) de alcançar a neutralidade total do seu funcionamento.

Mas isso não necessariamente significa que objetos (ao contrário de coisas) não “mundam”, nem que eles não congregam. [...] O que eles performam e o que eles revelam é a congregação do mundo como uma reserva permanente. O objeto industrialmente produzido reúne materiais, ingredientes, componentes e trabalho [...] de várias regiões em um único produto produzido em massa. Estritamente, produtos não revelam; sua instrumentalidade, sua alta especialização, frequentemente de uso único, e sua efemeridade, tudo isso age para esconder o que eles congregam. (WILLIS, 2006, p. 88)

Ao desconsiderar o externo, o objeto não deixa de participar do processo de mundação, mas perde a oportunidade de participar dela de maneira consciente de sua disseminação na realidade. A coisa, portanto, parece ter um potencial político muito maior, simplesmente ao estar consciente desse processo de que sua existência se insere na realidade e a reconfigura a partir dela mesma.

A partir dessas reflexões trazida por Anne-Marie, gostaria de questionar a definição do design com a qual estamos acostumados a pensar: a ideia de projetar, de lançar algo ao futuro, de planejar e obter resultados. Não acho que essa definição está errada, mas também me parece omitir algumas propriedades interessantes do design.

A primeira propriedade é a de que o design não termina quando encerramos algum projeto, porque este, quando inserido na realidade, em algum contexto específico, inevitavelmente será reinterpretado e reapropriado. As pessoas vão incorporar o projeto (produto, sistema, artefato, símbolo, signo etc) no seu cotidiano e o transformarão. Também pensando-se semioticamente, é necessário levar em conta que todo projeto passa por esse processo de significação também por representar, a partir de intenções do designer, mas também a partir de referências inconscientes e resultados não-propositais, formal ou mentalmente, *outros* projetos, criando camadas de ressignificações. E mesmo quando é utilizado para seu fim “proposital” pensado pelo designer, é importante ressaltar que a atividade sendo exercida a partir da interação do projeto com uma pessoa, por mais planejada que tenha sido, é um resultado direto dessa reinterpretação que houve do projeto por parte da pessoa. O processo de design então não se encerra quando o designer termina seu trabalho, pois os objetos e os usuários participam desse processo também.

Essa discussão traz a questão da autoria no design, pois, por mais que possamos planejar e conceber objetivos para nossos projetos, eles inevitavelmente serão interpretados como - e por isso, virarão completamente - algo novo, sem controle do designer. Essa conversa já existe há um bom tempo no âmbito da arte, pelo menos desde que Duchamp botou em uma galeria um produto industrial intitulado-o *A fonte*, em 1917, assinando-o como R. Mutt. Além de não ter sido diretamente responsável pela produção do urinol, ele também não é diretamente responsável pelas interpretações decorrentes de sua posição enquanto obra de arte no contexto específico em que aconteceu. Esse urinol pode deixar tais conceitos mais explícitos do que quando uma pessoa utiliza uma cadeira para algo diferente de sentar, por exemplo, mas pelo argumento semiótico de Peirce da construção de significados, isso simplesmente acontece o tempo todo, com todos os signos que nos cercam. Não existe compreensão sem interpretação, e não existe interpretação sem ideologia.

Isso acarreta na realização de que o mundo nos projeta de volta quando atuamos nele, necessariamente inseridos no mundo enquanto essa realidade com a qual temos que *lidar, transformar, interagir*. E esse engajamento é o que produz o próprio mundo, enquanto espaço e enquanto conhecimento.

A segunda propriedade omitida pela ideia de design enquanto projetar é a transformação social que diversas interações podem causar sem querer, ou pelo menos sem planejar tais interações. Por um lado já sabemos muito bem disso na nossa prática cotidiana do design, porque nossos projetos, quando inseridos na realidade, às vezes causam problemas que jamais passariam pela nossa cabeça, ou facilitam coisas que nem imaginamos. Mas quero destacar aqui que interações não planejadas, projetos despreziosos e até ações inconscientes podem ter resultados de transformação na realidade. Porque simplesmente viver pode fazer isso acontecer. Quando vivemos, interagimos, ressignificamos e nos comunicamos, estamos, microscopicamente ou não, alterando a realidade.

Admito que, se trabalhamos com a definição que Herbert Simons traz do design enquanto “criar planos de ação visando mudar situações existentes a situações preferíveis”, essa reflexão sobre os resultados não planejados do design não parece muito pertinente, pois o design estaria intrinsecamente ligado com a ideia de que temos uma intenção de mudar o mundo *para melhor* a partir do que fazemos. Porém, o que ainda me motiva a refletir sobre essa questão é o fato de que existem situações preferíveis sociais que são causadas *sem querer*, e também projetos extremamente complexos e bem intencionados (não necessariamente) que *pioram a realidade*, sendo isso não apenas uma questão de má execução.

Trazendo novamente o contexto da Guerra às Drogas, que piora diariamente a vida de inúmeras pessoas, é impossível afirmar que não há design nessa política. Seria possível fazer uma tese apenas sobre como o design (enquanto atividade consciente de projeto) ajuda a sustentar a Guerra às Drogas. Considerando apenas designers de produto, de sistemas, gráficos etc, já há muito o que relatar. E o design feito por políticos, cientistas, psicólogos, policiais, soldados e diversos profissionais

envolvidos na tarefa de implementar a Guerra às Drogas? Ao afirmar a necessidade dessa política e ao implementá-la, tais profissionais (“não designers”) estão alterando significativamente a realidade, e com um propósito bem delineado. Alguns podem até fazê-lo interpretando que é o certo a se fazer, melhorando a realidade, enquanto outros podem conscientemente estar piorando a realidade social porque não se importam com os efeitos colaterais sociais e pretendem tirar proveito dos resultados.

Então o mínimo que devemos nos perguntar é: *para quem* a nova realidade “alcançada” a partir da implementação de um design deve ser preferível, segundo a definição de Herbert? Porque é importante admitir que a Guerra às Drogas realmente atinge uma realidade preferível, mas não a preferível para a sociedade, não para a população negra, não para os moradores das grandes periferias urbanas, não para os usuários de drogas ilegais. E sim preferível para políticos que ganham votos e dinheiro prometendo exterminar as “drogas” e seus “usuários”, para elites sociais racistas e classistas que advogam por essa política por se identificarem ideologicamente com a ideia do extermínio de “marginais vagabundos”.

A partir dessa reflexão, penso que o que determina, até certo ponto, essa natureza das consequências sociais de um projeto são as *intenções do projeto materializadas pela atuação*. Abordando o design enquanto performance e enquanto comportamento humano, é necessário admitir que essa incorporação não necessariamente acontece de maneira consciente nem de maneira bem-intencionada. Pois a própria existência, a prática do dia-a-dia, a presença, o ser, é o que acarreta nas mudanças sociais, estruturais ou pontuais. E essa própria existência sendo algo natural, um processo consciente mas não necessariamente planejado, sem um fim em si além da própria existência, bota em cheque a ideia do design enquanto ação proposital orientada pelo objetivo. Essa prática não perde em nada seu valor, e não posso desvencilhar ela da prática dita “profissional” das pessoas que se formaram e têm interesse em design; pois o designer, agindo conscientemente e se botando enquanto designer, dificilmente não seguirá práticas com objetivos de melhoria, eficiência, desempenho etc (essa conotação de design

claramente se acomoda bem na lógica capitalista, mas também não necessariamente a segue, principalmente quando voltamos na pergunta do que é, e pra quem é, algo preferível).

Aqui a distinção entre coisa e objeto é interessante, pois penso que a Guerra às Drogas pode se encaixar na ideia de objeto. Seu impacto político e social é profundo e inegável, mas sua invisibilidade também. No discurso de ser a única solução possível, obscurecendo quaisquer outras possibilidades de se lidar com a situação, sabotando outras vozes de ser ouvidas, e impedindo até mesmo que se entenda com clareza seu funcionamento (particularmente seus aspectos desumanos, truculentos, racistas e anti-científicos), a Guerra às Drogas se apresenta como um mal necessário, despido de ideologias, sem um passado, e se esquivando da responsabilidade de assumir as óbvias reverberações da sua implementação - sua mundação. Uma política pública instaurada globalmente há décadas ser um mero objeto é bastante preocupante; negar o contexto, o passado e tudo que impulsiona a filosofia e a implementação da Guerra às Drogas é superficializar suas consequências, fingir que os elementos congregados por sua existência não têm consequências sociais diretas, e ignorar a possibilidade de que essa “solução” não é a que a sociedade precisa.

7. Design político

As análises feitas até agora explicitam a necessidade de enxergar o design como comportamento político ativo - ou até a impossibilidade de evitar essa natureza do design, pensando no político enquanto as relações de poder que se estabelecem cotidianamente, mediadas por produtos, hierarquias, espaços, pessoas etc. O design é intrinsecamente político, por ter em sua natureza a capacidade tanto de sustentar quanto de questionar essas relações de poder através da sua criação-de-mundo. Pois o design, consciente e inconsciente, é determinado pelas intenções que o impulsionam. A Guerra às Drogas, com suas intenções previamente analisadas como originadas e sustentadas pelo racismo, demonização das drogas e ignorância, reverbera esses mesmos princípios na sociedade, pois sua implementação incorpora essas intenções e seu aparato estatal e mercadológico é capaz de disseminá-las

autoritariamente por toda a sociedade. A materialidade com a qual a Guerra às Drogas funciona é encharcada desses princípios essencialmente segregadores, injustos e desonestos. Pois daí podemos concluir que a Guerra às Drogas apenas perpetua e fortalece a existência desses princípios enquanto estruturas sociais.

Daí também podemos pensar na responsabilidade dos designers - e cidadãos - em utilizar o design como ferramenta para desestabilizar tais relações de poder. O artigo "Por um design político", de Denise Berruezo Portinari e Pedro Caetano Eboli Nogueira, aborda de forma muito pertinente essa discussão. Questiona-se o papel neutro que a modernidade faz o design assumir, procurando uma "verdade" e a pureza da forma seguindo a função. Essa postura científica tem como objetivo alcançar uma definição clara em oposição à natureza, botar o design e o humano como método, plano, e ser universal, neutro, tecnológico e decisivo:

Apesar de ser um campo de saber extremamente ideologizado, as bases epistemológicas do design moderno sempre estiveram ancoradas sobre uma ideia metafísica de Verdade, inerente a todo e qualquer discurso científico, que Latour afirma não passarem de formas de se olhar para objetos, portanto subjetivas, frutos de disputas políticas. Para os modernistas, a equação segundo a qual a forma deveria seguir a função pressupõe uma espécie de Verdade única e indisputável sobre esta bipartição essencial que curiosamente nos faz lembrar a dicotomia corpo/alma ou o mundo platônico dividido entre as essências e as aparências. Sabemos que toda construção de verdade é histórica e que qualquer forma de naturalizar verdades também pode ser entendida como exercício de poder. (PORTINARI e NOGUEIRA, 2016, p. 38)

Tal pensamento propõe uma retirada da subjetividade no processo do design, apesar de ser uma tarefa impossível. Pois como vimos, o design é ter a presença no mundo que constrói a realidade, e isso requer a presença do sujeito (que traz a subjetividade), que se constrói nesse processo. Portinari e Nogueira, na busca por como o design pode ser político em seu próprio funcionamento, e não só no seu conteúdo ou "dados", afirmam que "a prática da política só é possível quando deixa espaços para que o sujeito se produza no embate com aquilo que está diante de si".

Por isso, não há como esperar política sem subjetividade; e não há como fazer um design político sem oferecer essa plataforma aberta para a construção do sujeito e da realidade. Na verdade, não há como fazer design sem oferecer essa plataforma; a materialização de intenções que o design faz sempre vai ter esse papel, "afinal, cada escolha estética já está imbuída de uma continuidade ou ruptura na ordem sensível e é inegável que o design tenha um lugar privilegiado na constituição desta partilha". Mas a distinção de coisa e objeto nos ajuda a delinear que tipo de produção tende a contribuir para a construção de subjetividade, e qual tende a invisibilizar e sabotar tal processo, mesmo que sem esse propósito específico.

A partir dessa reflexão, Portinari e Nogueira definem que o design que deve-se perseguir para realizar mudanças políticas, ou "design político" (apesar de todo design ser político, como vimos) como o que consegue provocar dissidências e rupturas na ordem sensível. Isso é o oposto do que se espera, em geral, de um profissional de design no mercado, o que seria a continuidade da ordem, a certeza e a manutenção do *status quo*:

Assim, ainda que de forma inconsciente, o designer passa a dar forma aos anseios simbólicos de uma sociedade pautada pelas posses materiais, e por isso é difícil dissociar a atividade do designer de um pensamento estético oriundo dos modos burgueses de subjetividade. Mas se o indivíduo procura no consumo de objetos uma forma de expressão dos seus anseios subjetivos, o design não trabalha apenas na representação e materialização destes vetores que se encontram suspensos no imaginário social. Ele participa da conformação destas possibilidades de expressão íntima dos sujeitos. É instaurada uma ambiguidade entre a expressão de um certo estado de coisas instituído e sua reprodução e materialização, de modo que fica difícil saber se é a sociedade que impõe ao design seus anseios, ou se é ele que apresenta as possibilidades daquilo que se pode ansiar. Não por acaso alguns teóricos explicitem o caráter apaziguador do design, que majoritariamente suscita uma continuação do status quo. (PORTINARI e NOGUEIRA, 2016, p. 40)

As rupturas sugeridas para que o design tenha a carga política de mudança social são "cirúrgicas", infiltradas no sistema, ficcionais e performáticas. O designer pode carregar sua produção de subjetividade, consciente da sua condição de estar

moldando, em parte, como a realidade se constrói, e deixar claro essa potencialidade do design. O design poderia não mais se preocupar em resolver decisivamente, ao contrário: criar ambientes férteis de ideias ao revisitar problemas "inesgotáveis", construir possíveis realidades (e que viram, de alguma forma, parte da realidade). Esse design tem uma opacidade, uma dissimulação, que força o sujeito a se criar em cima dele. É necessário criar dissidências para que a produção do designer seja capaz de possibilitar a construção da subjetividade, sempre pensando também que o designer não é capaz de encerrar na produção de algo suas possibilidades de uso e significação, pois esse processo só se completa (e nunca se esgota) quando é realmente usado e reapropriado.

A definição de design especulativo aqui entra então com muita força. Nessa perspectiva o design é notavelmente capaz de quebrar expectativas ao projetar não para essa realidade, mas para possíveis realidades; esse processo consegue demonstrar materialmente como a realidade presente "contém" seus futuros nela mesma, a partir da sua construção conjunta com o sujeito, permitindo uma visão diferente da realidade atual. Esse processo rompe a busca por neutralidade, verdade e função, ao permitir a subjetividade e a dissidência criar um campo de investigação amplo e com horizontes.

O conceito do design especulativo, desenvolvido em extensão por Anthony Dunne em "Hertzian Tales Electronic Products, Aesthetic Experience, and Critical Design" e também por ele e Fiona Raby em "Speculative Everything", é bastante pertinente e permite encarar o projeto de design por uma perspectiva muito avessa à tradicional, trazendo pedaços de realidades possíveis para a realidade, e com isso diversas reflexões. Mas é necessário se atentar às críticas que comumente se aplicam a alguns projetos de design especulativo; que tais projetos podem ser estéreis, sem uma concreta ação, como projetos que não se posicionam claramente na realidade e se eximem da sua responsabilidade política previamente delineada enquanto designers. Comumente viram projetos "de museu", distantes, provocadores mas higienizados de qualquer contexto. A presente tese tenta, a partir disso, incorporar o lado especulativo, provocador e que possibilita e incentiva a mudança de percepção

que temos da realidade, e ao mesmo tempo, evitar tal lado potencialmente hermético e distante que projetos especulativos podem ter. A intenção da pesquisa é de se inserir na própria realidade, mesmo se de maneira sutil. A partir disso, há um conceito que dialoga bastante com essa intenção de conciliar uma natureza especulativa e uma implementação na realidade social, e também se relacionam com a natureza política do design discutida anteriormente: a infiltração.

O conceito de infiltração com o qual trabalho aqui é desenvolvido pela designer Isabella Brandalise em sua tese de pós-graduação “Infiltração e abertura para cotidianos eventuais”. Com a intenção de compreender como são criadas aberturas em espaços públicos para o surgimento de poéticas e políticas no cotidiano, Isabella apresenta um diagrama bem simples que contempla implicitamente vários conceitos e mecanismos já analisados aqui:

O diagrama surgiu a partir de investigação de comportamentos narrativos no espaço urbano. É uma tentativa de captura e identificação de um método em determinadas ações na cidade, que de certa forma reivindicam a desautomatização das experiências cotidianas e constituem uma forma de produção espacial. São ações que não têm em si intenção de permanência, mas prefiguram futuros possíveis. Assim, reivindicam também formas de agenciamento e coexistência. (BRANDALISE, 2016, p. 34)

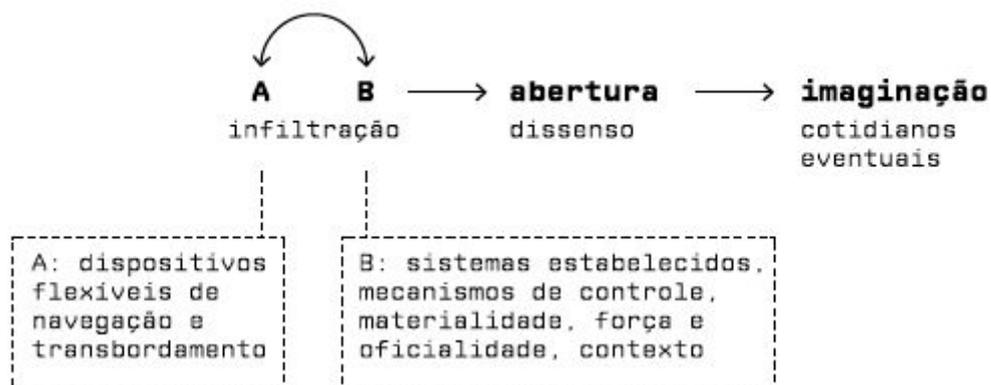


Figura 2 – Diagrama da infiltração (BRANDALISE, 2016, p. 35)

O diagrama representa uma narrativa, que Isabella define como a narrativa cotidiana que se estabelece entre um cidadão e os sistemas urbanos que o rodeiam; nesse processo há a transformação da cidade a partir dessas sobreposições de interpretações, de caminhos, de visões, em “um sistema vivo e experimental”. No diagrama, há uma divisão entre A e B: o B sendo estruturas e sistemas pré-existentes, massivos, automatizantes, oficiais, materiais; ao passo que A representa “dispositivos flexíveis de navegação e transbordamento”, ações que se sobrepõem às estruturas, ou que se aproveitam de suas ranhuras e se infiltram. As estruturas possibilitam várias concordâncias e compreensões que facilitam o dia-a-dia, mas é nas infiltrações, nas áreas pouco definidas e cinzentas, na dúvida, que originam-se as transformações.

A e B, continua Brandalise, são indissociáveis e suas definições são interdependentes; "A se forma em resposta à B, ao mesmo tempo que informa transformações em B. A não consiste necessariamente (ou apenas) em uma resposta ou uma defesa frente a B, mas em um elemento proativo e virtual. A está contido em B, assim como B está contido em A". Brandalise traça alguns possíveis paralelos aplicáveis à dinâmica A e B, como, respectivamente, a ideia de projeto e de programação, e a de insurreição e de revolução.

Brandalise traz o trabalho de Giulio Carlo Argan para falar da ideia projeto/programação. No capítulo "A crise do design" de seu livro "História da Arte como História da Cidade", especula sobre tal diferenciação, em uma distinção com paralelos à da coisa e objeto. O projeto necessariamente conta com imaginação, pois é um projétil que se lança, carregado de historicidade e que se "preocupa" com o contexto existente; o projeto se enxerga dentro de uma infinita fluidez da realidade, um "devir histórico". A programação, por outro lado, seriam regras preordenadas que se limitam a limitar a realidade, em uma tentativa de negar e superar a história ao tentar fechar todas as possibilidades e "resolver de uma vez por todas". Ao argumentar que o curso da história levou o Ocidente a programar cada vez mais a realidade, substituindo a prática projetual pela prática programadora, Argan constrói a base teórica para a crise política e social ocidental atual.

Explica-se, assim, o design como processo de existência finalística não apenas da sociedade, mas de toda a realidade; é o design que promove uma coisa ao grau de objeto e coloca o objeto como perfectível, ou seja, participante do finalismo da existência humana. A presente crise, portanto; é uma crise global; o mundo moderno tende a deixar de ser um mundo de objetos e sujeitos, de coisas pensadas e pessoas pensantes. O mundo de amanhã poderia não ser mais de um mundo de projetistas, mas um mundo de programados. (ARGAN, 1993, p. 252)

Creio ser fundamental entender aqui que objeto não necessariamente é um artefato, um produto; apesar de a industrialização e a produção em massa ser fundamental para entender esse processo, pode-se entender a própria lógica da indústria dentro de uma filosofia modernista que prega a superação da história que a programação oferece e a universalização da existência. Esse processo evidentemente define não só nossos objetos físicos, principalmente porque os próprios objetos, ao medirem o dia-a-dia, a partir das suas congregações e processos industriais, vão moldar o cotidiano, e a partir daí o imaginário e todas as formas pelas quais se dão a significação. Pois reitero a importância de não focar apenas em produtos físicos porque vê-se como políticas e sistemas também se caracterizam historicamente também por essa inversão de projeto para programação. Como visto anteriormente, políticas como de austeridade e as da Guerra às Drogas seguem uma lógica de programação muito forte, principalmente levando-se em conta sua aplicação contemporânea; são políticas praticamente automáticas, imaginadas por elites e verticalizadas através da sociedade e sabotando alternativas. E isso data também do desejo das elites de se posicionar enquanto diferente, de bom gosto e detentora de uma característica especial que a coloque acima de outras pessoas, materializado pela ideia de criatividade autoral e obras de arte únicas e "dignas" da atenção burguesa, como Haiven (2014) também questionou em relação ao papel social que a criatividade tomou com a expansão do pensamento eurocêntrico. Argan sintetiza:

Em uma sociedade hierárquica, a obra de arte é adquirida e possuída pelas pessoas e pelas classes mais próximas do vértice e que mais exercem funções de comando ou de direção. Se as obras de arte são "modelos" e se a sociedade é feita de classes dirigentes e de classes dirigidas, é lógico que os modelos sejam adotados pelas

classes dirigentes, que os comunicam às classes dependentes, trabalhadoras, na medida em que podem imprimir um caráter de qualidade à produção repetitiva ou quantitativa. À obra de arte é atribuído um valor ideal ou espiritual, porque as próprias classes dirigentes afirmam que seu poder tem uma origem espiritual e até mesmo divina. A crise do objeto, como indissolivelmente ligado ao objeto ideal que é a obra de arte, está sem dúvida nenhuma associada a crise das sociedades hierárquicas ou classistas. Ainda não é possível saber (e esta é uma das grandes causas de angústia da nossa época) se a sociedade diferenciada segundo as classes sociais será sucedida por uma sociedade de massa democrática ou por uma sociedade de massa absolutista. A sociedade democrática é a que se autoprojeta, a sociedade absolutista é projetada por grupos de poder que se formam dentro dela por contradições não-resolvidas – a distinção também vale, é óbvio, para regimes que se dizem socialistas. (ARGAN, 1993, p. 253)

O design, portanto, tem um papel importante para determinar o quanto nossa sociedade se autodetermina, ao virar uma própria postura social autônoma frente à realidade, ou o quanto nossa sociedade se entrega às determinações de grupos de poder, ao permanecer como um mero intermediário que reproduz e sustenta decisões verticais e automáticas. E voltando à tese de Isabella, pode-se dizer que a sociedade que se autodetermina é onde o A consegue constantemente entrar em contato e se desenvolver com os sistemas B, ao contrário da sociedade absolutista, onde o B oprime e nega a existência do A, o que acaba gerando crises de insustentabilidade, saturação e ineficiência do próprio B.

Outro paralelo interessante de A e B é insurreição e revolução. A revolução, enquanto B, representa a continuidade de pensamento existente mesmo quando sistemas conseguem ser retirados, quebrados e/ou substituídos, por justamente outro sistema (outro pensamento sistemático, outra gama de raciocínios intrínsecos que se sustentam) vir à tona. A insurreição, sendo menor (em espaço e em duração), menos ambiciosa e com resultados menos diretos, consegue criar narrativas que o sistema não consegue aniquilar a tempo, pois se dissipam rapidamente dentro da realidade. Sua experimentação não altera a ordem da realidade, mas a questiona, fertiliza o espaço para possibilidades e se vai. Isabella

usa o termo "zona autônoma temporária", como espaços delimitados para essas experimentações, numa fenda do autoritarismo.

Daí, o conceito de infiltração fica claro:

Infiltração, aqui, é um método e uma forma de dança com os sistemas. É a ação de acordo com as circunstâncias predominantes, sentindo o seu ritmo e abraçando as oportunidades que elas abrem. É quando o homem ordinário vai além das coreografias esperadas, quando desliza pelas fronteiras das categorias e navega em espaços indeterminados, quando explora as zonas lisas, quando não está aqui nem lá, nem dentro nem fora. É quando tira vantagem das regras prescritas, jogando com o sistema imposto. Não se contenta com formas de participação passiva, agindo em prol de uma contestação da vida cotidiana, mesmo que em uma micro-escala e sem articulação consciente. (BRANDALISE, 2016, p. 63)

8. Design, abertura e produção de conhecimento

O posicionamento do designer a partir desses questionamentos deve ser repensado com bastante responsabilidade, levando em conta que o papel do designer dentro do processo produtivo, mesmo que não completamente decisivo nos resultados, é determinante. Estar consciente do que é uma coisa e não meramente um objeto, e entender como a prática do design pode evitar a manutenção do *status quo* e, ao invés disso, colaborar com as fissuras necessárias para o desmoronamento de estruturas doentes. A designer e pesquisadora Kate McEntee explora na sua tese de mestrado "Becoming woke" (2016) conceitos muito pertinentes em relação à atuação do design focado em mudanças sociais, a partir da ideia do design enquanto uma maneira de ser, uma performance, uma incorporação de princípios no comportamento. No caso, a tese buscava criar maneiras de criar engajamento e conversas significativas em relação ao racismo estrutural, no contexto dos Estados Unidos, sendo a tese e a pesquisa executadas em Nova York.

Ao analisar a forma como debates, conversas e pesquisas sobre o racismo estrutural acontecem no contexto dos EUA, McEntee tenta buscar uma maneira de criar engajamentos que realmente tenham a chance de criar consciência e autorreflexão

nas pessoas. Pela natureza delicada, polêmica e pessoal (mas ao mesmo tempo bastante estrutural) do tema, McEntee levanta que certas abordagens que priorizam a exposição de fatos e estatísticas, pesquisas científicas e o confronto direto com pessoas (que podem ter um tom acusatório e moral do ponto de vista de quem está sendo "analisado") costumam ser ineficazes na criação de consciência em relação ao tema – ou até na simples tarefa de fazer tal sistema ser percebido pelas pessoas. Por mais inegável e observável que o racismo estrutural seja, e por mais palpável que suas consequências para pessoas negras sejam, ainda é difícil criar consciência nas pessoas em relação a seus comportamentos e ações que perpetuam o racismo, ou ao menos se alinham com ele, pois várias pessoas mal conseguem observá-lo. McEntee também explora a dificuldade de se inserir um novo pensamento ou comportamento em alguém, devido à fácil cristalização do nosso subconsciente quando se é bombardeado, na educação e na mídia, por referências específicas que constroem um sistema de crenças bastante definido ao longo da nossa vida, e que dificilmente consegue ser modificado por algo externo a tal sistema. Pelo menos quando esse elemento é externo; como vimos nos conceitos de infiltração e de indisciplina, é muito interessante e mais eficaz trabalhar com a ideia de algo de dentro do próprio sistema modificá-lo a partir de suas fissuras.

Fazendo um breve paralelo, o tema do racismo institucional e o tema da Guerra às Drogas guardam algumas semelhanças, e não só por um se apoiar no outro; é possível dizer que ambos criam sistemas de crenças tão definidos e detalhados, e ao mesmo tempo bastante difusos e disseminados socialmente, que a própria consciência de que ele existe é dificultada, apesar de suas numerosas consequências nefastas. Esses sistemas de crenças são quase impenetráveis, e a sugestão de que é necessário fazer reflexões pessoais e mudanças comportamentais – e políticas – em relação a esses assuntos também é comumente respondida com desconfiança, defensividade, evasão, agressividade e confusão.

McEntee também traz uma diferenciação de maneiras pelas quais podemos compreender os vieses e preconceitos das pessoas, falando de "knowing vs

knowing", ou "saber versus saber", diferenciando o saber intelectual, distante, formal, do saber por experiência, empatia e conexão:

Quando nós abordamos o tema como uma busca intelectual, podemos analisar vieses com nossa mente consciente e reflexiva, mas o saber intelectual não ajuda a erradicar preconceitos do nosso subconsciente. Alguém com boas intenções trabalhando para criar um ambiente mais igualitário pode mais de pronto identificar e "consertar" fatores externos e aspectos que evitam completamente uma autorreflexão sobre seus próprios preconceitos e experiências de privilégio.

Além disso, eu argumentaria que, ao fazermos dela uma estrutura formal, intelectual e social, em vez de parte da nossa própria experiência, impedimos nossa habilidade de empatizar com a experiência extremamente pessoal na ponta final do preconceito. Isso nos permite acreditar no mito da responsabilidade pessoal: que apesar do racismo sistêmico, as pessoas podem superar os desafios associados à raça se eles trabalharem o suficiente ou conseguirem ignorar influências negativas.

Depois dessa realização, eu quis explorar como poderíamos pedir às pessoas para refletir sobre suas próprias experiências, não como um meio de confirmar sua falta de preconceito ou privilégio, mas para abrir espaço que os permite ser mais consciente de seus preconceitos e privilégio. (MCENTEE, 2016, p. 34)

Ou seja, a maneira de criar a consciência é de dentro e da autorreflexão, que acontece quando há conexão, empatia com o outro. Considero essa abordagem bastante em sintonia com os conceitos analisados previamente enquanto maneira de praticar o design político: porque oferecer um lugar para o sujeito se construir é exatamente a dissidência e a quebra de expectativa (frente aos desafios que se tem no cenário político atual) que é necessária para uma construção de conhecimento, de empatia e de coletividade. Projetos que se infiltram, se confundem com a realidade do sujeito e, assim, constroem a própria realidade com o sujeito. Ao contrário de privar-se da necessidade de se pensar enquanto elemento que configura a realidade, que acontece quando se adota uma busca por neutralidade e verdade que acaba minando o potencial de ser não só um objeto, mas uma coisa.

McEntee então se propôs a criar esse espaço, enquanto designer consciente de sua potencialidade política ao permitir essa construção subjetiva. Sua postura na "pesquisa de campo" aproxima-se da de uma facilitadora. Ela não se anula de subjetividade, ao contrário; ao permitir – e também direcionar – uma interação, uma conexão, ela utiliza sua própria presença para criá-las. É isso que ela chama de *embodied practice*, essa incorporação no próprio comportamento, na própria prática, na própria maneira de ser. Portanto, não se retira da realidade para projetar sobre ela; em vez disso, mergulha na realidade, e a altera a partir da sua própria existência. Não se tem certeza dos resultados, mas sua intenção é delineada pela presença, pelo comportamento, pela intenção (sua mundação consciente).

O trabalho de McEntee é uma grande referência metodológica para essa tese, pois sua preocupação também é a de criar interações cujo objetivo seja o desenvolvimento da subjetividade e da conexão ao redor de um tema delicado, mas urgente de se discutir por seu peso em estruturas sociais negativas. Tais interações precisam também acontecer de certa maneira, em certas circunstâncias, dependendo dos contextos e pessoas envolvidas, para se direcionarem mais a tal preocupação. Seu projeto se preocupou então com genuidade, empatia e subjetividade como resultados imensuráveis e intangíveis.

McEntee escolheu criar o projeto no cotidiano e selecionou circunstâncias e maneiras que possibilitassem a interação de acontecer da maneira desejada, mas nunca determinando exatamente o que acontece, pois há também a construção das pessoas com quem vai ocorrer a interação. Em uma "zona autônoma temporária" fruto da intervenção de McEntee (um convite para interagir: ela bota uma placa em suas costas escrita "eu gostaria de ter uma conversa sobre raça" e uma no banco ao seu lado "sente aqui se você gostaria de ter uma conversa sobre raça"), é criado esse espaço com grande potencial de conexão e de resignificação/constituição subjetiva. O design enquanto propulsor dessas interações, permitindo, encorajando e delineando em diálogo a construção de uma nova realidade.

Pode-se observar a maneira mais imediata de compreender o design no projeto de McEntee ao delimitar um espaço através de um tipo de sinalização e projetar como esse espaço finito molda a interação. Porém, McEntee foca no conceito de *embodied practice* ("prática incorporada") como a real prática do design nessa pesquisa. Invertendo a prioridade do design de criar soluções e objetos para criar conhecimento e possibilidades, Kate reposiciona o design em linhas similares às discussões prévias dessa pesquisa, abrindo mão da autoria e responsabilidade total do designer sobre sua "obra final", permitindo o processo em si ser um desenvolvimento coletivo de conhecimento, a partir da autorreflexão e da empatia. Essa incorporação leva em conta o fato explicitado por Ann Light e Yoko Akama no artigo "The Human Touch" (2012), sobre design enquanto facilitação: "Não é significativo separar o designer do método, já que não se pode conhecer métodos participativos sem a pessoa ou pessoas realizando-os. Métodos e técnicas requerem incorporação." O método é inseparável do designer. Pois quando é aplicado, é necessariamente aplicado de acordo com as características e contextos específicos desse designer, desse trabalho, nesse momento e nesse local. McEntee demonstra que seu desejo com o Conversation Guide Book, seguindo essa linha de pensamento, não é de criar uma metodologia para ser seguida, como uma receita de bolo, e sim relatar como o processo *aconteceu* – o que foi de fato "cozido" para a receita. O objetivo desse relato é encorajar pessoas a engajar nesses tipos de interações, valorizando empatia, abertura e vulnerabilidade, e fornecendo "dicas", a partir da experiência e da prática, de como interagir da maneira mais "engajante" possível.

Essa perspectiva é bastante próxima do *design research*, o design enquanto pesquisa. Essa perspectiva transforma o objeto de pesquisa em *sujeito* da pesquisa, sendo ele co-responsável pela geração de conhecimento que a pesquisa procura; essa abordagem é centrada no ser humano e oferece o fazer-em-si como uma ferramenta de aproximar o "usuário" da própria produção e construção do produto. Tal perspectiva não é o foco dessa pesquisa, por não ter havido um foco no design em si (produção, experimentação, prototipação), mas é primordial seu entendimento básico de uma pesquisa que não foca em conseguir resultados que justifiquem

produções em massa para agradar ao maior denominador comum, e sim em entender a construção subjetiva que pessoas fazem ao criar e interagir com processos, produtos, sistemas etc. Existe um grande foco em como essas pesquisas possibilitam insumos valiosos para uma produção de artefatos que realmente conseguem se adaptar às reais necessidades dos usuários, mas também na ideia de que a pesquisa em si é design; é uma maneira de convidar a subjetividade das pessoas para construir juntos, o que possibilita a validade de seus resultados e descobertas.

PARTE IV – METODOLOGIA E APLICAÇÃO DO PROJETO

9. Tentando conversar sobre drogas

A partir das reflexões e análises sobre a importância do discurso na urgente e necessária contraposição à Guerra às Drogas, surgiu nessa pesquisa a necessidade de tentar implementar os conceitos especulados em uma pesquisa de campo. Ao estudar a importância do discurso nesse processo, fica evidente como no próprio discurso encontra-se uma área para explorar dois potenciais seus: o primeiro como uma oportunidade de compreender em primeira mão como são construídos os significados a partir de determinadas circunstâncias e contextos; o segundo como uma oportunidade de inserir no interdiscurso as dissidências responsáveis pela construção coletiva do sujeito e do interdiscurso, como um "fertilizante" do imaginário. A pesquisa de campo foca-se no tema do consumo de drogas e da Guerra às Drogas; tanto para entender a maneira como o discurso acontece ao redor desse tema, quanto para tentar criar, através de sua própria realização, uma nova maneira de se abordar esse tema.

A pesquisa realizado é uma tentativa de aplicar os conceitos abordados durante os questionamentos da prática do design, principalmente a possibilidade de realizar um "design político" que conseguisse oferecer algum resultado direto frente ao imenso desafio político de oposição à Guerra às Drogas. Dentro das compreensões mais iniciais e "imediatas" do design, havia por minha parte uma vontade racional, objetiva e factual de "trazer à tona" os diversos argumentos e estatísticas existentes que mostram a Guerra às Drogas como um grande fracasso, através de algum produto gráfico tangível, como uma publicação ou uma exposição. Se há tanto material e evidência para convencer as pessoas de que a Guerra às Drogas não é a solução preferível para a questão das drogas em qualquer sociedade, basta que esse material seja expandido e tornado acessível, não? Apesar de esse ter sido a intenção inicial, a pesquisa em si me fez passar por alguns conceitos (para citar alguns: imaginação, discurso, interdiscurso, semiosfera, infiltração, indisciplina, incorporação etc) que me fizeram questionar a eficácia de um projeto com intenções e pressuposições tão cristalizadas. A mera exposição a fatos, como McEntee (2016)

mostrou em sua pesquisa em relação à criação de consciência e reflexão sobre racismo, principalmente quando apresentada de maneira formal, distante e científica (ou como um "tapa na cara") costuma afastar e alienar as pessoas que sentem-se atacadas, expostas ou ofendidas.

Ainda acredito ser fundamental essa disseminação de informação, conhecimento e opiniões sobre o fracasso da Guerra às Drogas e a desconstrução analítica de várias distorções semânticas existentes nesse tema; porém, a realização de que "expor os fatos" não é necessariamente a melhor maneira de engajar pessoas e criar reflexão, e também não é o único papel que designers podem desempenhar na realização de um objetivo político, foi fundamental para essa pesquisa tomar forma da maneira que tomou: uma pesquisa qualitativa, com foco em possibilitar reflexão, engajamento e construção de subjetividade, como um exercício de imaginação coletiva e uma oportunidade de entender como o discurso sustenta a realidade (e também como o discurso pode deixar de ter esse papel).

Como citado anteriormente, o trabalho de mestrado de McEntee (2016) foi uma grande referência para a metodologia dessa pesquisa. Seu trabalho também procura estabelecer uma forma de conexão como espaço de construção e reflexão frente a um tema delicado social e pessoalmente – em seu caso, isso significou criar engajamentos espontâneos em bares da cidade de Nova Iorque. Para explicar todo o seu processo, ao final foi realizado, além da tese em si, um guia chamado "Conversation Guide Book" ("Livro-Guia de Conversação"), sintetizando alguns conceitos-chaves, explicando as etapas para a realização de seu projeto e relatando descobertas. A existência desse livro como resultado do processo serve como um relato "feito para pessoas que se preocupam com o racismo ser ainda um problema bastante sério nos Estados Unidos e têm tido problemas para entender como podem abordá-lo". A ideia é encorajar o acontecimento dessas conversas, com uma análise do que pode contribuir para isso a partir do relato pessoal da pesquisadora. O relato é necessariamente pessoal, assim como cada reflexão que aconteceu à abertura dessa, podemos dizer, zona autônoma temporária. A subjetivação nessa pesquisa, mais do que inevitável, é estruturante.

McEntee sugere quatro etapas gerais para essa abertura, adaptadas de algumas maneiras para essa pesquisa, devido a diferenças em temáticas, contextos, intuídos, personalidades, histórico etc:

- preparar: refletir, a partir de referências, observações e análises externas e internas, como é a sua própria experiência frente ao tema;
- criar o espaço: designar os limites físicos e linhas de abordagem/comportamento para essa interação acontecer e permitir às pessoas uma oportunidade de expressar que desejam participar;
- engajar: dividir experiências, focar em relatos pessoais e nos contextos envolvidos, estar aberto e sem julgamentos, com objetivo em compreensão, conexão e engajamento em si – não em convencer, provar algo, debater etc.
- refletir: entender como o processo em si aconteceu, a partir do que se sentiu, em como a conversa fluiu, e deixando os aprendizados do processo moldarem seu modo de agir, falar etc e interações seguintes.

O foco dessa interação é claramente quem que se sentiu atraído pelo convite e que participou da conversa. Essa abertura vinda da própria pessoa é, para McEntee, primordial para que essa conversa possa ser produtiva. Ao permitir que o engajamento seja demonstrado pela pessoa, em vez de forçar uma situação, mentir ou "capturar" alguém para uma conversa, é bem mais provável que a pessoa não fique na defensiva e consiga ser aberta, honesta e empática. Como a autorreflexão interna é imprescindível para construir consciência e ressignificações sobre um tema, é também impossível construir esse diálogo com pessoas que, por suas experiências de vida, ainda não se sentem disponíveis e abertas o suficiente para conversar sobre esses assuntos. Assim, há um "filtro" que assegura que quem participe da pesquisa não seja totalmente fechado em relação ao assunto – McEntee inclusive relata que houve interações com pessoas que expressavam reprovação e repúdio à mera tentativa de conversar sobre raça, mas que não se dispunham a sentar e participar da pesquisa; um engajamento com essas pessoas é extremamente difícil e desgastante se não há por parte da própria pessoa algo que desperte a vontade de ter essa conversa. Por outro lado, há também uma limitação a

esse tipo de abordagem: a possibilidade de encontrar pessoas que já passaram por experiências na vida em que já refletiram sobre esse tema é muito alta, e tais interações podem ser inócuas e pouco frutíferas, apenas por trazerem reflexões que já são familiares à pessoa.

10. O engajamento enquanto pesquisa qualitativa

A pesquisa presente também teve grande influência da perspectiva – até agora implícita, mas fundamental – da pesquisa qualitativa. Em “Introdução à pesquisa qualitativa”, Uwe Flick (2009) argumenta, através de uma explanação do processo histórico do surgimento e desenvolvimento da pesquisa qualitativa como uma resposta à percepção de que pesquisas quantitativas, bastante inseridas no pensamento do método científico e relações de causa e efeito, que esta perspectiva não necessariamente revela certos aspectos da realidade por causa de sua filosofia e aplicação. Ao limitar a realidade a relações simples de causa e efeito, tentar encontrar padrões universais que se aplicam a quaisquer circunstâncias e simular uma objetividade entre pesquisador e pesquisado, apesar de inúmeras descobertas e avanços conquistados por essa mentalidade, também houve frustrações e simplificações por causa desse tipo de aplicação, especialmente no campo da pesquisa social. A objetividade (a intenção de que qualquer pesquisador poderia realizar qualquer pesquisa, por não se envolver diretamente com o objeto de pesquisa), por exemplo, é impossível de alcançar nas “ciências humanas”, pois pesquisadores sociais inevitavelmente dependem do seu contexto social e da sua capacidade de observação em suas pesquisas. Os métodos também não são tão universais quanto gostaria-se que fossem, tendo que se adaptar à situações específicas. As correlações e supostas causas de fatos observados em pesquisas quantitativas também não se mostraram tão eficazes em interpretar a realidade o suficiente para que mudanças governamentais significativas seguissem suas publicações.

No fim do século XX, assim, surge com força a ideia de pesquisa voltada não para criar métodos e leis definitivas, mas sim para mergulhar em contextos específicos, aceitar a complexidade e a diversidade da realidade social, e permitir ao pesquisador

entender e aceitar sua participação ativa e jamais neutra na pesquisa. A pesquisa qualitativa, como o nome já explica, tem como foco a *qualidade* dos fenômenos; como eles ocorrem, quais circunstâncias delineiam os contextos, que características subjetivas e pessoais interferem nos processos sociais, e também permitindo múltiplas interpretações dos resultados. A aceitação da complexidade da realidade social resulta na necessidade de que métodos não são universais; em paralelo com a ideia do design incorporado, o método é sempre único para fins e processos específicos, pois o método necessariamente se concretizará nessas circunstâncias e será, então, único. Esse foco em qualidade e contexto se manifesta também em vários outros aspectos, como por exemplo na necessidade de diversidade e representatividade dos participantes da pesquisa, para abordar casos cujas diferenças de contextos e de sujeitos signifiquem algo de verdade para a pesquisa e possam trazer observações interessantes, e na necessidade do pesquisador de se entender como parte integral da pesquisa, abraçando sua subjetividade e percebendo os impactos de sua personalidade, comportamento e contexto nas interpretações e registros da pesquisa.

Com isso, já fica evidente como a pesquisa qualitativa oferece vários conceitos interessantes para essa pesquisa, ao priorizar os contextos que circundam realidades sociais, em vez de focar em quantidades massivas de respostas que apontariam para uma determinada solução ou regra. No contexto dessa pesquisa, entende-se que ao permitir que a subjetividade e a complexidade do consumo de drogas seja realmente estudada, será mais fácil e eficaz realizar qualquer tipo de interação cuja intenção seja criar um debate maduro, aberto e inclusivo sobre o consumo de drogas no Brasil; entender quais conceitos, significados e ideias são levantados quando esse assunto surge, a partir de que vivências e contextos as drogas (e suas inúmeras correlações com a sociedade) são ressignificadas para serem o que são hoje, e como seria possível adentrar na realidade para que essas ressignificações pudessem ser diferentes.

Dentre as perspectivas e escolas que conduziram o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, a que pareceu mais adequada a essa pesquisa foi a do interacionismo

simbólico; conversando com os conceitos de semiótica e discurso abordados previamente, o interacionismo simbólico trabalha com três premissas:

- os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que elas têm para eles;
- tais significados são construídos na interação social, das pessoas umas com as outras;
- os significados são mudados e controlados por processos interpretativos.

Entender como cada pessoa constrói seus significados é entender como essa pessoa se constrói ao longo da sua vivência e interação social; assim, "os pesquisadores precisam enxergar o mundo pelo ângulo dos sujeitos que estudam", através da compreensão da construção, uso e ressignificação desses símbolos para os sujeitos.

A pesquisa qualitativa também parte do pressuposto de que a realidade é construída pelo discurso, pelas significações e interpretações. Isso vem como resposta à "crise" gerada ao assimilar a impossibilidade do texto representar a realidade e ao não ter acesso a ferramentas objetivas de "validação" do conhecimento gerado a partir da perspectiva qualitativa. Mas a base epistemológica da pesquisa qualitativa (e dessa em particular) não busca alcançar uma verdade definitiva, finita e reproduzível em qualquer contexto possível; a realidade não é compreendida como algo separado dos sujeitos, nem algo que requer objetividade ou uma representatividade direta e "limpa" para ser objeto de estudo.

Em vez disso, partem da ideia de que as realidades são produzidas ativamente pelos participantes através dos significados atribuídos a certos eventos e objetos, e de que a pesquisa social não pode fugir dessas atribuições de significados se quiser lidar com as realidades sociais. As perguntas que são feitas, e que devem ser feitas, nesse contexto, são: O que os próprios sujeitos sociais consideram ser real e como? Quais as condições em que essa avaliação se sustenta? E sob que condições os pesquisadores mantêm essa avaliação da realidade das coisas por eles observadas desta maneira? (FLICK, 2009, p. 85)

Willis (2007) também argumenta em uma linha similar que "o acesso humano ao 'que é' nunca consegue ser direto e não-mediado, mas é sempre interpretativo". E a pesquisa em si também faz parte desse processo, ao assumir seu caráter interpretativo e mediado pelas circunstâncias e sujeitos envolvidos na pesquisa, e pelos dispositivos de análise empregados pelo pesquisador enquanto sujeito interpretante da realidade. Flick chama de *mimese* essa construção de conhecimento e da realidade; exatamente essa "tradução" entre diferentes mídias (que se diferenciam em 3: da realidade ao texto, do texto às interpretações, das interpretações às exposições/realidade, ciclicamente), como em um processo de "simbolização".

10.1 Plano de pesquisa / preparar

A partir das referências metodológicas de McEntee (2016) e Flick (2009), a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma criação de um plano de pesquisa e métodos, a delimitação dos objetivos da pesquisa e de dispositivos de análise, a implementação e a análise dos resultados. O formato da pesquisa, porém, a partir das reflexões levantadas na parte teórica, também aproxima-se de uma intervenção. O exercício em imaginação coletiva que essa pesquisa pretende ser exige uma participação no espaço público, como uma forma de se inserir na realidade, se infiltrar na imaginação coletiva ao se infiltrar na materialidade do cotidiano. Essa intenção foi claramente influência do trabalho de McEntee, cujos resultados e processo em si me motivaram bastante a compreender esse projeto não como uma forma de convencer as pessoas da necessidade de acabar com a Guerra às Drogas, e sim como uma oportunidade de engajar com pessoas nesse tema tão delicado, para possibilitar a reflexão que, essa sim, levará, lenta e interdisciplinarmente, a mudanças sociais, culturais e políticas, possibilitando a abertura e a criatividade em relação a como a sociedade se desenvolverá ao redor desse tema.

O tipo de engajamento que McEntee sugere (espontâneo, em público) foi o molde principal para delinear como essa pesquisa se daria. A ideia de conversas individuais pareceu atender bem às circunstâncias e contexto específicos dessa pesquisa: a princípio, interpretei que esse tipo de conversa, por abordar um tema tão

criminalizado, hostilizado e marginalizado, dificilmente seria frutífera em grupo, a menos que houvesse algum tipo de seleção – mas tal seleção e o próprio contato com essas pessoas também poderia sofrer com a hostilidade. Em conversas individuais, a pessoa também poderia abrir-se de uma maneira mais honesta, esperando menos julgamentos e sem a possível pressão de um grupo. Com certeza existem diversas maneiras interessantes de algo como um debate, discussão, grupo focal, grupo de trabalho etc abordar esse tema, mas para uma análise focada no processo de significação da realidade, conversas isoladas podem também ser mais fáceis de "desembaraçar" para mim, enquanto pesquisador.

A experiência de McEntee também me pareceu não só eficaz em engajar as pessoas e criar uma boa base para interpretação semiótica, mas também pareceu muito interessante para mim enquanto pessoa; conversar com pessoas que se interessassem por um convite aberto público soou como uma possibilidade de quebrar uma bolha que sinto em minha vivência e que seria incrível poder quebrar. O convite em si precisava ser chamativo, legível, compreensível, e ser o mais convidativo o possível, inclusive para pessoas que rejeitam fortemente a ideia de drogas. O convite também serviria para sinalizar e delimitar o espaço destinado à pesquisa, e para "expor" as conversas em si, como um incentivo à normalização dessa interação.

Dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa, o formato mais utilizado nessa pesquisa foi de uma entrevista semipadronizada, com um roteiro de perguntas definido com o objetivo de entrar em contato com a complexa reserva de conhecimento que o entrevistado tem com o tema. Esse formato traz a oportunidade de compreender quais suposições (explícitas observadas ou implícitas supostas pelo pesquisador) são carregadas para conversas dessa temática, num esforço de reconstruir as teorias subjetivas dos sujeitos. A análise do texto decorrente desse método costuma ser como uma "transformação" do conteúdo em uma estrutura explícita, como será explicado mais à frente.

A oportunidade de conduzir uma entrevista com pessoas desconhecidas foi uma grande motivação para mim. Além da questão pessoal de querer "furar a bolha", já tive experiências com entrevistas para processo seletivo, gestão de pessoas e *feedbacks*; esse pequeno histórico já foi muito importante para o desenvolvimento de um dos aspectos fundamentais, segundo Flick, para realizar a pesquisa: a própria atitude do pesquisador. O outro aspecto é técnica; escolher bem as metodologias, aplicá-las com rigor, fazer análises condizentes etc. O aspecto da atitude, também apontado por McEntee, diz respeito à capacidade de abertura, curiosidade, (auto)reflexão, cuidado, adaptabilidade e disponibilidade. Esse aspecto é desenvolvido com a própria prática da interação e condução da entrevista, portanto é necessário, assim como também o aspecto da técnica, estar atento durante a própria pesquisa ao que certas escolhas estão causando na pesquisa, e permitir a própria prática a se reinventar e apontar caminhos diferentes quando necessário, em um processo cíclico e aberto; ao mesmo tempo, certas escolhas também devem continuar fixas. Apesar de ser perceptível que não são necessariamente a melhor ou única opção, a regularidade de sua implementação permitirá uma análise comparativa mais consistente entre o material coletado.

Ao mesmo tempo, a perspectiva de conversar com pessoas desconhecidas também me deixava com bastante receio, medo e insegurança. Pela natureza delicada e polêmica do tema, havia um medo de algumas pessoas reagirem muito mal à minha presença, com violência, hostilidade ou cinismo. O medo de conversar com pessoas contrárias às drogas também vinha de uma possibilidade de eu me sentir julgado pela pessoa com quem converso, além de possíveis espectadores. Também havia bastante receio de simplesmente não conseguir interagir com pessoas; ninguém se interessar pela interação, por medo, desprezo, preconceito etc.

Toda a pesquisa teórica apresentada previamente serviu como uma preparação teórica para a interação em si; pelo lado técnico da Guerra às Drogas, enquanto política com consequências materiais e históricas, e também suas críticas e alternativas, e pelo lado subjetivo do discurso, enquanto paradigma que influencia direta e desproporcionalmente toda a gama de significações, compreensões e

experiências materiais que se tem e que se espera na realidade. A compreensão, especulação, discussão e experiências em primeira mão de situações, conversas e interpretações do campo semântico das drogas ao longo da sociedade, em contextos e historicidades particulares, também foi uma maneira de tentar me preparar para o tipo de interação que eu talvez pudesse ter.

10.2 O formato da entrevista / *criar o espaço*

Aqui, uso "espaço" física e metaforicamente. É necessário criar um espaço delimitado em que a intervenção pode acontecer, e um espaço "mental", a partir do meu comportamento, aparência e discurso, que possibilite a abertura e autorreflexão buscada por essa pesquisa.

Fisicamente, a intervenção aconteceu em um formato bastante similar do de McEntee. Eu utilizava duas cadeiras, ou um banco longo, eu sentado e do lado um espaço vazio para a outra pessoa, e uma placa com os seguintes dizeres: "Sente aqui se você quer conversar sobre drogas / sem comércio / sem consumo". As duas últimas frases foram inseridas para deixar claro que não havia intenção de cometer qualquer tipo de crime, ou incitação/apologia, por minha parte ao decorrer da pesquisa. Isso também teve a intenção específica de não afugentar de imediato pessoas que são pessoalmente "contra drogas". A placa, junto do espaço vazio ao meu lado, e entre mim e o espaço, delimitava que aquele espaço vazio era destinado à quem quisesse participar. A intervenção precisava ser clara, sólida e legível, e também facilmente instalável e removível. Também julguei que uma sinalização muito formal, "certinha" e exata afastaria mais do que atrairia. Decidi assim fazer as placas à mão e com materiais baratos.

Falando do espaço metaforicamente, a elaboração de questões de pesquisa foi fundamental para conceber o desenvolvimento da pesquisa (questões de entrevista, amostragem, métodos de análise etc) que criaram o espaço para o engajamento. Essas questões delimitam que conhecimento é buscado pela pesquisa, sendo primordial aqui a objetividade e a limitação das questões; quando interessa-se por um tema bastante complexo e aberto para ser objeto de pesquisa, é importante

especificar quais partes desse tema realmente interessam ao pesquisador no contexto da pesquisa que será realizada. Nesse caso, o tema das drogas, extremamente complexo e interdisciplinar, foi reduzido (passando por diversas iterações até a primeira fase da implementação) às seguintes questões de pesquisa:

- A: o que altera e define a concepção de "drogas" e de "usuários"?
- B: quais mitos e dogmas habitam esses diálogos?
- C: como criar consciência e reflexão sobre as consequências e intenções da Guerra às Drogas?
- D: como os diálogos sobre consumo de "drogas" escalam para o não-diálogo, polarização e cristalização dos argumentos? Como evitar isso?

Essas questões têm dentro delas pressupostos vindos do próprio pesquisador, assumindo o caráter subjetivo e contextual da pesquisa:

- A: as experiências e contextos em que as drogas apareceram na vida das pessoas afetam diretamente a opinião política e comportamento social da pessoa em relação a esse assunto; a Guerra às Drogas é especialmente influente nisso;
- B: existem dogmas e "sentidos-comuns" em várias escalas na opinião geral da sociedade brasileira que se manifestam em conversas sobre o assunto, principalmente do lado que condena invariavelmente as drogas, provenientes de discursos religiosos, conservadores, morais, jurídicos etc;
- C: a Guerra às Drogas em si não costuma ser alvo de críticas, explicações ou desconstruções, o que leva à sua naturalização e invisibilização enquanto processo político com consequências explícitas;
- D: o debate ou mera menção de algo que envolva o assunto das drogas facilmente se deteriora através de preconceitos, raiva e medo, dependendo do contexto.

A partir dessas questões, as questões de entrevista (ou seja, as questões utilizadas diretamente nas entrevistas) foram desenvolvidas, também passando por iterações

ao longo de testes e reflexões. Elas foram elaboradas principalmente de acordo com as prioridades sugeridas por McEntee e Flick em seus trabalhos; o principal aspecto é de que as perguntas devem focar em aspectos pessoais, subjetivos, para envolver o entrevistado na elaboração das respostas a partir de sua própria vivência, para a entrevista não sucumbir a uma ideia de questionário formal, com respostas prontas e imediatas. Para isso, cada palavra deve ser pensada, para facilitar o engajamento do entrevistado, e também criando um "roteiro" de perguntas que conseguem criar uma narrativa de respostas, mas também não necessariamente linear. Algumas perguntas específicas também podem sugerir a elaboração de uma curta narrativa por parte do próprio entrevistado, facilitando o encadeamento e a organização das histórias e lembranças que os entrevistados desejam externar.

As questões foram divididas em três fases distintas, sendo cada fase correspondente a duas questões de pesquisa:

Primeira fase, correspondente às questões de pesquisa A e B:

- o que significa o termo "droga" pra você?
- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?
- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?
- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?
- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas? Como você se sente nesses contextos?

Essas perguntas buscavam entrar em contato com as *experiências individuais "formativas"* dos significados primordiais de drogas, ao incentivar o entrevistado a criar uma pequena narrativa das suas experiências, passando por contextos íntimos e públicos, e também a explicitar (para si mesmo, também) seus próprios conceitos, regras e expectativas implícitas e explícitas sobre o assunto.

Segunda fase, correspondente às questões de pesquisa B e C:

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?
- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?
- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Aqui, a intenção é de entrar em contato com a maneira como suas experiências pessoais são *socializadas*, através da educação formal e influências diretas explícitas recebidas em relação ao assunto, moldando sua posição e valores em relação ao assunto e frente à realidade social política das drogas.

Terceira fase, correspondente às questões de pesquisa C e D:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?
- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Essas perguntas buscam compreender como a pessoa se porta *publicamente* em relação a esse assunto, depois de ter passado pelo processo de explicar sua própria vivência e de como ela se mistura com a realidade social existente, e o que impede essas conversas de conseguirem ser uma troca de experiências, vivências e perspectivas diferentes (como esse próprio formato da pesquisa se propõe a ser).

Ao elaborar as perguntas, evidentemente há uma expectativa em relação ao que será respondido, dependendo dos contextos e circunstâncias diretas. Em seguida, apresento o tipo de comportamento e resposta que esperava receber para cada pergunta:

primeira fase: experiências individuais formativas

- o que significa o termo "droga" pra você?

Em geral há uma definição muito aceita "científica" de ser uma substância que altera a percepção das pessoas. Também espera-se de alguns a definição das drogas ilegais: substâncias específicas que causam mal e devem ser proibidas. O termo

"droga" tem uma conotação geral bastante negativa, sendo até uma expressão para algo ruim ou frustrante. Essa pergunta pretende abrir o campo semântico de "droga" tentando entrar em contato com o que vem à cabeça quando esse termo é proferido.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Esperava ouvir relatos dos mais variados, desde pessoas que nunca consumiram drogas ilícitas até as que já provaram "de tudo". Aqui é interessante perceber o que se considera uma experiência com droga, levando em conta o apagamento que drogas legais e outras coisas específicas que talvez pudessem ser enquadradas como drogas tem ou não no relato. Apesar da definição de droga ter sido dada anteriormente, aqui pode verificar-se uma confirmação ou outro significado possível que não tenha sido explicitado na primeira pergunta.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Aqui, partindo do pressuposto de que o uso de drogas é disseminado por absolutamente toda a sociedade, as pessoas precisam criar estratégias para navegar por essa área da vida, que de uma forma ou outra, se faz presente. Algumas pessoas podem simplesmente considerar que o que "é droga" (na sua percepção) nunca vale a pena ser consumido, por exemplo; outras precisam entender antes que efeitos e riscos vêm com o uso para avaliar o custo-benefício; outras dependem do contexto em que aparece a chance de usar drogas etc.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Nessa pergunta se espera ouvir relatos próximos de pessoas do convívio, intimidade e proximidade, experiências diretas e que constroem o "cenário" onde a vida dessa pessoa aconteceu, contextualizando seu discurso. Presume-se que, até certo ponto, essas experiências são bem impactantes nas significações construídas. Pessoas na família com caso de abuso de droga, doenças e acidentes podem ser marcadas de maneira muito negativa; a família pode também nem tocar no assunto, mas ter casos também; ou uma família pode usar drogas de maneira coletiva e socializante.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas? Como você se sente nesses contextos?

Essa pergunta busca compreender como a pessoa reage e como se sente quando interpreta que está no mesmo ambiente que usuários e/ou as substâncias em si (e como interpreta isso). Pode haver desconforto, insegurança, indiferença, curiosidade etc.

segunda fase: socialização

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Essa pergunta busca contextualizar as experiências em que havia uma tentativa direta e proposital de educar, guiar, orientar, conformar-se com as regras e expectativas e fazer entender o que espera-se da pessoa nesse quesito. Em geral, é regra a ideia do paradigma proibicionista de "nunca use em hipótese alguma" como a base – às vezes o único elemento – dessa conversa.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Aqui busca se entender quais são as vozes, discursos e opiniões mais influentes para essa pessoa, em relação ao que se diz sobre o assunto. Quais notícias, opiniões e discursos em gerais chegam nessa pessoa, de quem, e como esse processo acontece. Podem ser discussões políticas sobre a situação social, ou opiniões sobre a segurança pública sendo deteriorada pelo uso de drogas, ou o assunto na verdade pode ser bem pouco discutido no contexto da pessoa.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Aqui, pede-se um "julgamento" que sugere uma diferenciação no que significa usar droga, insinuando que o contexto, a pessoa e/ou a substância são decisivos nessa resposta. A definição de vício pode entrar aqui, comumente descrita como negativa, a influência em sua produtividade, socialização, os riscos e danos causados e possíveis etc.

terceira fase: comportamento em público

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Nessa pergunta, espera-se do entrevistado tentar definir que tipo de sociedade seria melhor ou a "ideal" em relação ao tema das drogas, ou o tipo de comportamento que ele estaria disposto a ter para causar alguma mudança, e que mudança seria essa: leis diferentes, um desejo pela erradicação das drogas, mudar algum hábito próprio, maneiras diferentes de abordar o assunto etc.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Questiona-se como a pessoa avalia a situação em que as drogas são uma pauta de discussão ou de uma conversa informal, e como a pessoa se porta. Com desconfiança, preguiça, impulsividade, receio, indiferença etc.

Ou seja, fazendo uma análise da minha expectativa em relação a cada uma das fases, a cada um dos eixos constituintes da Guerra às Drogas e da minha visão, análise e opinião sobre o assunto, entende-se que:

- em relação às experiências pessoais, acredito que observa-se a Guerra às Drogas criando um grande tabu em relação ao assunto através da sua própria materialidade e do discurso também, invalidando certas experiências como invariavelmente ruins e danosas, ou deteriorando-as com a marginalização e violência, ou até "livrando" certas experiências da categoria "uso de drogas", apesar de várias dessas experiências facilmente poderem ser interpretadas assim. O contexto social e as características que classificam a pessoa dentro de sua sociedade e vivência claramente marcam quais das experiências consequentes da Guerra às Drogas a atingem, como elas se dão e como elas são significadas.
- em relação à socialização, a Guerra às Drogas age fundamentalmente no sentido de negar completamente qualquer possibilidade de envolvimento com drogas, levando à marginalização dos usuários e a consequente separação social profunda entre usuários e não usuários. Esse abismo que se

abre entre as pessoas e as drogas e usuários é extremamente negativo pois, mesmo com o abismo, as drogas ainda fazem parte da vida das pessoas, e essa ignorância do assunto impede o desenvolvimento, discussão e reconhecimento da complexidade desse tema.

- em relação ao comportamento público, espera-se que a Guerra às Drogas seja percebida enquanto elemento tão tenso, definitivo e absoluto nas discussões sobre o tema, que ela mal seja citada, por estar tão fixada no imaginário coletivo enquanto natural. Ao mesmo tempo, suas características agressivas, demonizantes e imperativas criam uma grande tensão, bem palpável, ao redor do assunto, cristalizando a conversa e raramente sendo movida para fora do senso comum.

10.3 Realização da pesquisa / *engajar*

A amostragem da pesquisa ficou, a princípio, um pouco limitada, por um lado, pela escolha de realizar a pesquisa no campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília. Essa escolha, consciente da falta de representatividade racial e social frente à população do DF e do Brasil, foi acatada apesar disso por dois fatores. O primeiro é que, para uma pesquisa de conclusão de curso, ou seja, com um tempo menor para uma pesquisa extensa, uma primeira experiência dentro de um ambiente mais fechado, mas ainda um pouco familiar para o pesquisador e com menos riscos de demonstrações de hostilidade por parte de desconhecidos ou autoridades (devido ao ambiente acadêmico e jovem) já é um espaço interessante para o desenvolvimento e maturação da pesquisa, de seu formato, minha abordagem etc. O segundo fator é que a UnB ainda consegue fornecer, mesmo que desequilibradamente, a amostragem que cobre os três espectros discutidos anteriormente utilizados para analisar as experiências que pessoas têm socialmente com drogas (pessoas negras/de classes sociais mais baixas e pessoas brancas/de classes sociais mais altas; usuários e não-usuários de "drogas"; pessoas com algum conhecimento científico sobre drogas e a Guerra às Drogas e pessoas com pouco ou nenhum). Por fim, a UnB parecia satisfazer a maior vontade do próprio pesquisador e a mais chave para a pesquisa em si: alcançar as pessoas mais conservadoras com o tema.

Ao mesmo tempo, a pesquisa utilizou a ideia de amostragem contínua; em vez de delimitar rigorosamente os participantes antes de começar a pesquisa, a pesquisa em si constrói esse perfil, a partir das necessidades e mudanças perceptivas que o pesquisador sentir ao longo do contato direto com os participantes. Essa abordagem em relação à amostragem é condizente com o formato de entrevista "espontânea" escolhido para a pesquisa, até porque esse formato impossibilita uma seleção direta. Porém, o contexto e a abordagem do pesquisador também tem uma influência direta na amostragem, e esses foram os dois principais elementos sob controle do pesquisador para tentar direcioná-la.

A pesquisa foi realizada em 3 "fases" distintas, seguindo o conceito da amostragem e desenvolvimento contínuos da pesquisa:

- uma fase "preliminar", realizada em um evento estudantil de design, na cidade de Goiás;
- a primeira fase, realizada no Instituto Central de Ciências da UnB, campus Darcy Ribeiro;
- a segunda fase, realizada em duas faculdades específicas do campus Darcy Ribeiro: a de Ciências da Saúde (FS) e a de Direito (FD).

Em cada um destes lugares, eu definia o espaço para a intervenção e esperava as interações acontecerem. Caso alguém manifestasse o interesse específico de participar da conversa (ações como dizer isso explicitamente, sentar do meu lado, ou querer participar depois de ter manifestado curiosidade e eu ter conversado com a pessoa e ter rapidamente explicado a natureza do projeto e da entrevista), eu apresentava um termo de autorização, que me permitia conduzir a entrevista, gravá-la e usar os dados para fins acadêmicos, enquanto eu assegurava o anonimato total dos entrevistados. Depois das assinaturas, eu começava a gravar a conversa.

Antes de começar a entrevista em si, eu explicava especificamente que a entrevista não era sobre debater, argumentar, provar, trazer fatos e estatísticas, e sim sobre trocar experiências pessoais e entrar em contato direto e aberto com as pessoas,

sem julgamentos. Isso serviu como "substituto" de uma ferramenta que McEntee desenvolveu para sua pesquisa, que eram descansos de copo (apropriados para o contexto do bar) que continham frases que resumiam as guias estabelecidas para essa interação acontecer: "isso é uma conversa sobre experiência, não expertise", "seja genuíno e compartilhe autenticamente", "não há respostas certas ou erradas", "pergunte questões e reflita de volta o que você ouviu"; quando ela ou o participante sentiam que algum desses elementos não estava sendo atendido, a pessoa apontava para o descanso correspondente para sinalizar seu incômodo. Decidi por não usar essa ferramenta, por sentir que, ao introduzir a conversa com os mesmos tons, e também ao encorajar o comportamento similar ao longo da conversa, esse tipo de interferência na conversa não seria necessário.

Enquanto ninguém estava conversando comigo, eu tentava ter uma postura bastante tranquila, mas atenta, para atrair as pessoas. Não olhava o celular nem outra atividade secundária, para me mostrar bastante "disponível" para conversa. Não olhava diretamente nos olhos das pessoas, a menos que alguém demonstrasse interesse pela placa e pela interação, e tentava olhar para ela como uma maneira de me mostrar aberto e convidativo; ao mesmo tempo, também tinha que equilibrar o quanto olhava para essas pessoas, pois um olhar muito longo para alguém que só estava curioso poderia afastá-la e amedrontá-la. Em geral, deixava meu olhar apenas vagando pelo ambiente. Sentava de maneira relaxada e com boa postura, para não cansar e não parecer desinteressado. Durante as conversas, procurava sempre estar atento, ouvir atentamente o que a pessoa dizia e confirmar minha atenção com gestos da cabeça e sinais vocais. Procurava nunca interromper, prestando atenção em quando determinada resposta ainda poderia ser mais desenvolvida (talvez com mais tempo, talvez com alguma outra pergunta mais direcionada), ou também quando era necessário recontextualizar a entrevista com a seguinte pergunta quando uma resposta acabava mudando de assunto. Durante a entrevista, deixava o roteiro de perguntas e o celular gravando no meu colo, ou também segurava o celular gravando perto das nossas bocas, como um microfone, como fiz mais do meio pro final da pesquisa.

Ao final, eu buscava sintetizar um pouco as intenções da pesquisa em si, falando um pouco mais da ideia de simplesmente abrir esse espaço para essa conversa acontecer. Em alguns casos, o final do roteiro se misturava com uma conversa ainda mais informal, que conseguia se manter no tema das drogas e, na minha observação, costumava ser um dos momentos de maior conexão e abertura; de qualquer forma, o fechamento da entrevista costumava se dar com essa pequena síntese por minha parte, e uma despedida com agradecimento. Ao final da entrevista, alguns entrevistados manifestaram uma "aprovação" da experiência, desde elogios como ter sido simplesmente agradável e curioso, até ter a importância política que se reflete mais diretamente em minha pesquisa teórica. Não houve nenhuma manifestação direta de repúdio ou reprovação ou descaso com a intervenção no espaço da UnB. Também houve interações com pessoas que não se dispuseram a participar da pesquisa, mas definitivamente se interessaram pela placa (pessoas virando o pescoço para ler), se manifestavam à distância ("massa!", ou apenas um sorriso), ou também pessoas que não interagiram comigo, mas que me perceberam e conversaram entre si depois de uma distância em que eu não escutaria.

A fase preliminar aconteceu no dia 28 de abril, no evento R GOYAZ (encontro estudantil regional de Centro-Oeste e Minas Gerais, na cidade de Goiás). Minha intervenção ocorreu dentro do espaço do evento, que era aberto ao público da cidade, mas claramente mais ocupado, na ocasião, por estudantes de design de todo o país, especialmente Goiânia e Brasília, também com estudantes de MG, SP, RJ, PE, PR etc. Ocupei um espaço ao lado do bazar do evento no primeiro dia com conteúdo de oficinas, o bazar, palestras etc. Escolhi aplicar essa fase de teste lá pelas circunstâncias bastante favoráveis; um evento estudantil, com um público bastante familiar para mim e um ambiente jovem, acadêmico, de design e mais aberto ao tema das drogas que a média da sociedade. Estando também em um lugar diferente de onde a pesquisa se aplicaria com mais tempo e pessoas, senti isso como uma oportunidade de realmente "testar" a sequência de perguntas, as próprias perguntas, meu comportamento, meu convite/sinalização e a entrevista em

si. Além de tudo isso, o evento ocorreu no momento em que as questões de pesquisa e de entrevista já estavam mais delineadas.



Figura 3 – Intervenção no R GOYAZ. Foto de Larissa Cansian

A sinalização consistia em duas folhas A4 deitadas com palavras em letras maiúsculas, com os dizeres "Sente aqui se você quer conversar sobre drogas" na primeira folha, e "sem comércio / sem consumo" na segunda. Eu arrumei duas cadeiras de plástico, sentei em uma, botei a outra ao meu lado a uma pequena distância, e entre nós, um pouco atrás, um pilar que serviu para colocar a sinalização, um pouco acima da minha cabeça. A intervenção resultou em três conversas em um dia. O resultado coletado serviu bastante para perceber que a cadência e sequência das perguntas ainda podia ser aperfeiçoado, o que resultou na sequência das três fases distinguíveis da conversa, e também para entender a dinâmica da entrevista, o comportamento das pessoas frente às perguntas e à intervenção, e um consequente relaxamento da minha parte para prosseguir a pesquisa na UnB. O conteúdo em si não será analisado então, tendo servido mais para a iteração da estrutura da intervenção ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Porém, vale a pena relatar que ao longo da última conversa, uma outra pessoa sentou junto para escutar e conversar também, e com o tempo acabou virando uma conversa com mais quatro pessoas que se estendeu muito além das

média das conversas individuais (antes e depois dessa). Foi muito interessante perceber a disposição (ou quase uma necessidade) das pessoas de ter esse tipo de conversa, e de se sentir à vontade ou "convidado" para ter essa discussão. O foco da pesquisa em si, porém, perde-se um pouco, devido à natureza mais "pública", mais performática, planejada e argumentativa se mostrar nas pessoas nesse tipo de interação. De qualquer maneira, a experiência foi bastante rica.

As próximas fases aconteceram na UnB. Por precaução, foi pedida uma autorização para o Decanato da UnB para desenvolver as entrevistas, nos locais planejados, para que houvesse uma garantia para a realização e segurança das entrevistas caso acontecesse algum imprevisto ou situação conflituosa ao longo da pesquisa.



Figura 4 – Intervenção no ICC, com a primeira sinalização.

A primeira fase aconteceu no Instituto Central de Ciências, na Universidade de Brasília, campus Darcy Ribeiro. Essa fase aconteceu entre os dias 03 e 09 de maio. O prédio foi escolhido por ser o mais central, com grande circulação de alunos, servidores e professores, e também um dos perfis mais diversificados da universidade, ao contrário de prédios de faculdades específicas. Sendo também um grande corredor bastante iluminado, aberto e com vários bancos, a sinalização e as

conversas seriam bastante visíveis para quem passasse. Nessa fase, houve uma mudança na sinalização. Nos primeiros dois dias de aplicação (3 e 7 de maio), a sinalização ainda era a mesma da primeira fase, também com duas cadeiras de plástico emprestadas de uma lanchonete no ICC. A intervenção aconteceu nos próprios corredores, com os papéis A4 colocados na parede atrás de mim. Apesar de isso ter resultado em quatro conversas, senti que a sinalização ainda era bastante sutil para esse contexto, pois não entrava em contato visual frontal com as pessoas e era bastante pequeno. Também julguei as cadeiras de plástico brancas ao longo do corredor como não muito convidativas, por se destacarem demais no ambiente de bancos, chão e paredes mais terrosos. Quando as pessoas passavam, elas começavam a identificar a intervenção e ler o que estava na placa quando já estavam muito próximas de mim, o que julguei que deixava pouco tempo e espaço para a pessoa decidir se queria ou não participar da intervenção.



Figura 5 – Intervenção no ICC, com a segunda sinalização.

No dia 9, foi utilizada uma sinalização bem mais "confrontativa"; uma placa de papel-paraná que se apoiava no chão, de 50 x 70cm, com os mesmos dizeres em azul, mas nos dois lados da placa e com uma seta apontando para o lado (direita ou esquerda, dependendo de que lado do ICC o lado da placa encarava, embaixo do "sente aqui") em que havia um espaço para a pessoa sentar-se ao meu lado. Sentei perto da ponta de um dos bancos do ICC, para haver só um lugar para sentar ao meu lado. Essa placa teve uma reação muito maior, resultado em quatro conversas em um só dia e muito mais interações secundárias.

A segunda fase ocorreu nos dias 21 e 23 de maio e surgiu com a necessidade de alcançar um público maior e mais conservador, visto que, das pessoas com quem eu havia conversado até agora, nenhuma tinha manifestado um grande receio, reprovação ou condenação de drogas. Isso me parecia essencial para ter uma conversa que realmente "furasse a bolha" entre mim e pessoas que pensam diferente de mim nesse tema. Todas as pessoas com quem eu tinha conversado ainda tinham bastante semelhança argumentativa e até de experiências de vida comigo; ainda assim foram relatos interessantes. Para conseguir contato com pessoas mais conservadoras, fiz a mesma experiência na Faculdade de Direito (FD) e na Faculdade de Saúde (FS), também no campus Darcy Ribeiro. A análise era de que o ICC concentrava menos pessoas que seriam mais conservadoras com drogas, ao passo que essas faculdades são conhecidas por ter uma boa porcentagem de pessoas em classes sociais altas. Além disso, profissionais dessas áreas lidam diretamente com vários aspectos das drogas; isso não necessariamente lhes confere nenhuma expertise (e nem é isso que a pesquisa busca), mas por isso seria interessante observar como jovens estudantes dessas áreas refletem sobre o tema. Foram realizadas dez entrevistas, 3 na FS e 7 na FD.

A mesma sinalização do dia 9 foi utilizada, por ter se demonstrado bastante eficiente em delimitar o espaço e sinalizar a intenção da intervenção. Eu não conhecia no meu cotidiano nenhuma das faculdades; por isso, em cada uma, foi buscado um lugar com mais visibilidade e circulação e que tivesse um banco visível e que minha presença fosse aceita tranquilamente junto das outras, e também um horário em que

haveria mais pessoas. No caso da FD, o prédio tem mais circulação de manhã e de noite, enquanto a FS, nos horários de manhã, almoço e tarde. A busca nessas faculdades refletiu em pelo menos três conversas que julguei como sendo com pessoas com vivências a conclusões bem mais diferentes das minhas.



Figura 6 – Intervenção no FD, com a segunda sinalização.

Ao longo das duas fases principais, foram realizadas 18 entrevistas, somando mais de 9 horas de gravação.

10.4 Análise das entrevistas / refletir

A análise das respostas foi feita diretamente das gravações das entrevistas, com base em basicamente dois dispositivos de análise:

- a divisão do funcionamento social da Guerra às Drogas em seus três eixos: racismo institucional, ignorância e demonização das drogas;
- a divisão das perguntas em suas três fases: experiências individuais, socialização do tema e comportamento público.

Há uma correlação interessante entre estes dois dispositivos. As experiências individuais estão diretamente ligadas às condições sociais e econômicas (e

logicamente, raciais também) do entrevistado; a socialização desse tema na vida do entrevistado costuma se dar através da disseminação e ignorância e distorções ligadas ao tema; e o comportamento social aberto ao público é diretamente dirigido pela demonização que esse tema carrega.

A ideia da análise é fazer as decodificações propostas por Orlandi (2003). São duas; a primeira é a tradução da superfície linguística, o texto em si, para o objeto ou formação discursivo. Esse procedimento acarreta na desnaturalização da relação palavra-coisa, ao expor que, ao longo do dizer, formam-se famílias parafrásticas, relacionando o que foi dito como o que poderia ser dito. O discurso aqui é tratado para que fique explícito o que fica oculto atrás da sua aparente naturalidade: que seu sentido é criado pelas relações que cria com a realidade, através do uso de certas palavras e construções, e não de outras. A segunda é a tradução do objeto ou formação discursiva para a formação ideológica. Depois de explicitar a construção em cima de relações semânticas, relaciona-se elas diretamente com as ideologias e construções que habitam o contexto desse discurso. As formações ideológicas são o que dão o sentido para o discurso, pois ele se situa dentro dessas formações, servindo como a "referência" necessária para que as palavras façam sentido. Essas formações vem da história, da imaginação, do passado, da memória, do acúmulo de discursos, do interdiscurso. Esse segundo passo, então, consiste em situar as paráfrases observadas nessa paisagem coletiva.

10.4.1 Do texto à formação discursiva

Aqui, a ideia é interpretar em cima diretamente das gravações obtidas, anotando o que foi dito em cada resposta, com observações, citações e procurando destrinchar e extrair sentidos, trazendo à superfície a história e as relações do discurso que habita essas conversas. Isso foi realizado com todas as 18 entrevistas oficiais da pesquisa.

[ver Anexo I – Formações discursivas]

10.4.2 Da formação discursiva à formação ideológica

A partir da formação discursiva, serão selecionados trechos específicos para criar relações mais detalhadas com os dispositivos de análise delineados previamente: a comparação com as expectativas definidas antes em relação a como cada um dos três eixos do funcionamento da Guerra às Drogas impacta o imaginário e a realidade.

A partir da relação entre cada fase da entrevista e cada eixo da Guerra às Drogas, procura-se estabelecer relações semânticas entre as formações discursivas e a análise material de como se dá a inserção da Guerra às Drogas na realidade, na esfera sensível, e no imaginário. A entrevista deve ser considerada também como um todo, e não fragmentada nas três fases distintas, permitindo relações entre fases e eixos que não necessariamente correspondem.

10.4.2.1 Racismo institucional

Em relação ao eixo do racismo institucional, espera-se observar distinções e semelhanças entre experiências formativas e pessoais que indiquem como essas experiências se materializaram na sociedade brasileira submetida à Guerra às Drogas, que fragmenta as experiências sociais baseando-se em classe social e cor de pele.

Em apenas uma entrevista houve uma referência por parte do entrevistado a um medo direto de abordagens policiais, violência e truculência, a conversa 8, na pergunta 1 da terceira fase. Essa também é a única que conta com um relato de interação direta de diálogo com uma pessoa usuária de crack, na primeira fase, e a única a citar que gostaria de evitar o risco que é comprar a droga "na bocada". É notório também que essa conversa não foi a única em que o sujeito admitiu usar (rotineiramente ou não) drogas ilícitas, ou seja, ele não é o único sujeito da pesquisa que esteve à margem da lei pelo seu consumo. Inclusive, várias conversas aconteceram com sujeitos brancos, admitindo o uso de várias substâncias ilegais, sem a menor menção a um medo de estar transgredindo a lei e de ser repreendido legalmente por isso (apesar de em conversas como a 18 e a 20, é observável que

ser ilegal afasta pessoas de começar a usá-las, por medo, inconveniência, valores etc). É possível analisar disso que o sujeito da conversa 8 foi o único sujeito da pesquisa cujo histórico e posição social trazem à tona esses dois elementos: a presença da truculência policial e a interação com usuários de crack, uma droga extremamente relacionada com a pobreza no país. Isso reflete a relação intrínseca entre a classe social e étnica que um sujeito tem no país e a maneira – mais maléfica e cerceada, em geral – como as experiências ao redor das drogas acontecem. Em relação à educação que recebeu sobre drogas, também foi um dos poucos sujeitos que manifestou especificamente que gostaria que a educação não marginalizasse e incentivasse o preconceito com usuários – em geral, as outras análises trouxeram muito mais uma insatisfação com a falta de informação, ou desinformação, com a crítica à marginalização implícita somente. Eu assumi que a raça com a qual o sujeito se identifica é negra (talvez pudesse se descrever como pardo), mas essa pergunta não foi feita.

"eu estar numa quadra fumando, só tem gente fumando, aí a polícia chega e te oprime, porque você tá fumando um baseado, sendo que tem coisa pior rolando na rua, saca. Eu acho que é isso que tem que mudar, o medo, a atitude, ser preso, tomar um pau, a marginalização mesmo." (Conversa 8, pergunta 1 da terceira fase)

Quase todas as entrevistas foram realizadas com pessoas brancas e, também por uma análise a partir das experiências e ideias relatadas, assume-se que essas pessoas estão na parcela da sociedade que consegue ter uma boa distância das práticas mais violentas e segregadoras da Guerra às Drogas. Isso pode ser mostrado pela ausência de referências diretas aos elementos que apareceram mais na conversa 8. As entrevistas com sujeitos que se identificam com a luta contra a Guerra às Drogas e/ou são a favor de práticas de liberação, descriminalização ou legalização podem ter feito comentários em relação à truculência, violência, exclusão e racismo, mas tais análises são desenvolvidas com uma certa distância do sujeito oprimido (apesar de haver empatia) e com análises mais jurídicas, políticas e sociais, como acontece nas conversas 5, 7, 12, 13, 15, 18 e 20. A mera compreensão desse mecanismo racista nessas conversas demonstram como ela acontece através de

estudo, leituras, relatos e reflexão, mas não da experiência e/ou medo direto da repressão racista e violenta. Vale a pena ressaltar que o sujeito da conversa 8 demonstrou que também utiliza da pesquisa, estudo, reflexão etc para construir sua maneira de ver e administrar esse tópico em sua vida, apesar dos receios ligados à sua posição social também aparecerem – isso também não o determina enquanto sujeito.

Não foi observado, porém, no caso da conversa 8, o tipo de consequência mais trágica como mortes, prisões, adoecimentos etc na família, ou um comportamento mais repressivo por parte da família pelo medo de envolvimento com o crime. O caso, inclusive, é analisado como uma ótima representação de como a objetividade, a pesquisa e a reflexão, aliadas a empatia, tranquilidade, aceitação de novas perspectivas e diálogo, podem resultar em interações entre pessoas (no caso, mãe e filho) que não caem para a briga, a agressividade e o isolamento, e sim para compreensão, conciliação e mudança de comportamento e perspectiva. Sofrer, por sua posição social e étnica, uma repressão mais intensa e direta não necessariamente impede a possibilidade de enxergar esse tema com clareza, empatia e racionalidade – assim como a falta de repressão direta não garante isso, obviamente.

Esse eixo foi o menos explícito para ser observado na pesquisa, devido à grande maioria dos entrevistados serem brancos e provavelmente classe média, a partir das experiências e contextos que relataram.

10.4.2.2 Demonização das "drogas"

A análise feita previamente que permitiria observar como a demonização das drogas se infiltra na esfera sensível social é de que há uma distinção entre quem se identifica como usuário de drogas, e quem se afasta dessa definição por não consumir nada ilícitamente. Também é possível observar isso na descrição e educação das drogas (o que já intersecta bastante com o eixo seguinte, da ignorância), ao definir e abordar substâncias específicas como drogas especialmente maléficas, e outras não, mas sem necessariamente haver evidências, pesquisas,

observações ou experiências diretas que sirvam para servir de base para essa diferenciação.

Nesse eixo, destacam-se as conversas 14 e 19. A entrevista 14 foi uma das que mais se destacou na pesquisa pela duração (mais de uma hora), uma grande parte dela acontecendo fora do roteiro da entrevista, e com muitos detalhes e interpretações possíveis. Mas o mais importante foi por ter oferecido a perspectiva mais diferente da minha própria que encontrei durante a pesquisa – e ter sido uma das mais agradáveis e interessantes. A sua perspectiva vem da sua geração, mais velha – disse ter mais de 50 anos – e da sua posição enquanto professora na área da saúde.

Em diversos momentos da conversa, ela se mostrou bastante aberta, atenta e reflexiva em relação ao assunto, afirmando não ser preconceituosa com usuários de drogas ilícitas, o que pareceu bastante sincero. Inclusive, ao me expor enquanto usuário de maconha, não houve uma mudança de comportamento e tratamento além da explícita recomendação para que eu não consumisse mais. A partir da sua visão de que o uso não é positivo de maneira alguma, sua recomendação parece vir de um lugar sincero de compaixão e responsabilidade. É notável também que sua posição de professora pode ter auxiliado em conseguir perceber que drogas ilícitas não são simplesmente "drogas", conseguindo criar distinções claras entre a maconha, que assumidamente considera uma droga muito leve, de substâncias com um grau de vício químico maior como cocaína, crack – ou até o álcool. Porém, a descrição do LSD me pareceu particularmente enviesada, por descrevê-la como uma droga de alto potencial de vício, e fornecedora de uma "experiência assustadora". O LSD é uma das drogas com menor potencial de causar dependência química, dano, ou de ser uma droga de abuso. Também é expressa a opinião, no mínimo controversa, ao se analisar a perspectiva do vício enquanto oposto à conexão, e não à abstinência, que o crack vicia instantaneamente, no primeiro uso. Assim, está presente nesse discurso a característica de associar com determinada substância características bastante negativas, provavelmente advinda da sua pura ilicitude e falta de diálogo e experiências direta sobre a droga,

desconsiderado o peso que o contexto social tem na definição de um comportamento viciado. Na primeira pergunta, ela chega a utilizar "drogas ilícitas" e "drogas de abuso" como sinônimos.

A definição do vício enquanto uma propriedade específica e intrínseca da droga apareceu com muita naturalidade em várias conversas, com drogas lícitas ou ilícitas, principalmente na pergunta em relação aos critérios para se utilizar ou não alguma droga, pois a possibilidade de certa substância gerar um vício é bastante negativa e afasta a maioria das pessoas (principalmente cocaína e crack). A ideia do vício enquanto oposta à conexão também aparece, mas de maneira muito mais sutil, quando os sujeitos reconhecem que os contextos e as intenções que definem determinado uso também influenciam diretamente nas consequências dos usos. Isso também apareceu bastante na pergunta dos critérios.

Voltando à conversa 14, nessa mesma pergunta, ela acaba chegando à constatação de que apenas uma situação social já bastante deteriorada "justificaria" para alguém utilizar crack, por exemplo. Mas, na pergunta seguinte, ao relatar o caso do filho da prima que mergulhou nas drogas e hoje tem esquizofrenia, aparece também a imagem da pessoa que "tinha tudo pra dar certo", era considerado inteligente, capaz e com boas condições sociais e estruturais, mas que "sucumbiu" às drogas. Apesar de estar ligado ao estereótipo que imaginamos para como uma pessoa tem a vida arruinada pelas drogas, ela faz a distinção de que existem parcelas da população que podem ser mais suscetíveis a esse tipo de comportamento por fatores fisiológicos particulares de cada organismo; ainda assim, parece responsabilizar diretamente o uso dessas drogas, e suas propriedades intrínsecas, enquanto causadoras exclusivos desses malefícios.

"Qual o propósito de se usar LSD, cocaína, crack? São drogas viciantes, trazem dependência química e destróem a vida de uma pessoa" (Conversa 14, pergunta 1 da primeira fase)

É interessante observar que nessa pergunta, a sujeita dá duas definições do que é droga; uma médica com a qual trabalha e uma "social", mais pejorativa. A definição médica se aproxima bastante da definição que as drogas tinham em sociedades antigas que não conviviam com a Guerra às Drogas: uma substância cujo uso, intenção e dosagem são fundamentais para entender se suas consequências serão positivas ou negativas. Substâncias bastante tóxicas podem ser muito necessárias para determinadas pessoas em determinadas circunstâncias.

A conversa 19 também se destacou muito dentro da pesquisa, pelo sujeito ter passado por duas fases muito distintas em sua vida: ter experimentado várias drogas ilícitas desde muito cedo, e depois ter se convertido para a igreja evangélica e ter abandonado as drogas. A sua definição de droga é a única que já parte do princípio de que, para algo ser considerado uma droga, necessita causar um dano colateral, em vez de apontar que o termo "droga" tem uma conotação negativa que não necessariamente se aplica, como quase todos os outros sujeitos da pesquisa apontaram. Ao ser questionado sobre a possibilidade do consumo ser positivo ou negativo, argumentou que, por causa da natureza das drogas ilícitas, elas jamais podem ter um efeito positivo. Essa justificativa parece ser construída a partir de duas premissas: a primeira, de que qualquer dosagem de qualquer droga ilícita vai necessariamente causar a "perda de consciência" da pessoa, enquanto as drogas lícitas têm dosagens seguras e que podem causar conforto e sensações boas, citando até um exemplo de o pai fumar tabaco para dormir (algo que pode ser facilmente dito também em relação a fumar maconha, por exemplo). Ele chega a descrever experiências com drogas ilícitas, que ele já teve, como sempre causando a perda de consciência. A segunda, de que a perda de consciência é negativa pois é isso que afasta a pessoa de se manter junta de Deus, além das consequências sociais imediatas. A distinção entre drogas ilícitas e lícitas, nesse caso, parece bastante um exemplo de como a ilicitude cria na sociedade a ideia de que seu uso não é seguro em qualquer nível, até mesmo, no caso, para pessoas que já tiveram essa experiência.

O que é muito curioso nessa entrevista é observar essa opinião vinda de uma pessoa que já experimentou diversas drogas ilícitas, o que, para outros sujeitos da pesquisa, foi um momento de realização de que drogas ilícitas não necessariamente causam essa perda de consciência e de controle total, mas que para ele, ao menos em retrospecto, representam essa perda. Considero importante ressaltar que, em seu relato, a morte do seu avô foi um episódio que causou um aumento significativo do consumo dessas drogas. O vício enquanto oposto à conexão pode ser observado aqui: a perda de um familiar muito próximo pode representar um trauma que faz a pessoa se isolar, não enxergar sentido na vida, entrar em um estado de profunda tristeza e desilusão. Esse tipo de contexto parece ser um espaço propício para o consumo de drogas enquanto escape, fuga e isolamento. Porém, a experimentação que teve com drogas não começou depois do falecimento do seu avô. Ao final da entrevista, quando comentei minha perspectiva em relação ao seu aumento de consumo devido ao falecimento do avô, ele comenta que essa perspectiva de fuga também se encaixava em fugir do estresse que sentia ao estudar para o vestibular na época, por exemplo, o que também seria negativo.

Nas conversas 14 e 19, houve manifestações do desejo de extinguir as drogas, algo que é considerado impossível por muitos dos sujeitos da pesquisa. Na conversa 14, isso veio como uma sugestão de como resolver o problema do tráfico de drogas, ao propor um esforço internacional para dar outra opção de sustento às pessoas que produzem drogas, especificamente nos países da América do Sul que fornecem drogas ao Brasil e ao mundo. Essa sugestão parece bastante interessante, principalmente por não ser uma proposta de criminalização e repressão a essas pessoas. Talvez essa perspectiva tenha sido construída pelo fato da sujeita ter julgado as condições de produção das drogas (vista em documentários, e/ou construída no imaginário) como muito perigosas e desagradáveis: há a presunção de que ninguém faria isso se pudesse escolher. Apesar disso, defende a repressão na outra ponta da cadeia de produção, por sentir a necessidade de criminalizar o tráfico que ganha dinheiro com isso.

Já na conversa 19, o sujeito manifesta o desejo pelo fim das drogas. Não argumenta ou propõe algo no sentido de alcançar isso, mas coloca isso num tom de desejo inatingível. Não tem uma opinião formada em relação à eficácia da proibição ou da legalização. Talvez o tom hipotético e sonhador desse comentário venha da experiência que o sujeito já teve com drogas, conhecendo a realidade de que pessoas usam drogas e da sua disponibilidade, e também a vontade das pessoas de usá-las, são inesgotáveis.

Nas entrevistas com sujeitos que são usuários de drogas ilegais ou até mesmo entusiastas de drogas específicas ou da experiência com drogas em geral, é possível observar que eles tiveram que "romper" com certas expectativas que lhes foram colocadas pela educação familiar e/ou escolar. Esse rompimento acontece a partir das próprias vivências que mostram como o uso de drogas ilícitas não está necessariamente ligado à marginalização, compulsividade, autodestruição etc, desfazendo a relação entre drogas ilegais e sua intrínseca perversidade. Nas conversas 5, 7, 11, 12, 16 e 21, isso ficou bastante explícito.

Na conversa 7, as sujeitas relatam como suas experiências com drogas ilícitas (e também experiências com pessoas ao seu redor que usavam) as levaram a questionar o quão intrinsecamente negativas as drogas ilícitas são, mas também relatam a realização de que drogas lícitas podem ser também bastante viciantes e prejudiciais, principalmente quando sua própria percepção é muito difícil. O açúcar foi comentado como uma dessas substâncias que, segundo a sujeita, em uma pesquisa, verificou-se que tem mais potencial de vício que a cocaína. Comenta-se que a normalização, aceitação e invisibilidade do consumo do açúcar e os interesses financeiros por trás da sua manutenção são primordiais para que não se enxergue o açúcar como uma droga na sociedade.

Na conversa 13, a sujeita alega que uma das maiores dificuldades de se conversar sobre drogas com pessoas que não utilizam drogas ilícitas é que se veem muito distantes do problema. Apesar do consumo de drogas "invisíveis" como cafeína, açúcar e remédios, ou das drogas comuns lícitas como cigarro e álcool, essas

peças não conseguem criar uma ligação entre seu consumo e o consumo de um usuário de crack, por exemplo. A facilidade ou pré-disposição que essas pessoas teriam para não se envolver com o assunto viria muito também da posição social em que se encontram, que lhes assegura que a truculência e o racismo não serão obstáculos. A grande questão parece ser, porém, que essas pessoas não enxergam dentro de um mesmo espectro o consumo de drogas lícitas e ilícitas, havendo uma imensa distância entre essas realidades. As ilícitas são associadas ao fracasso, ao mau-caratismo, à falta de controle, à selvageria; para não se identificar com essas características, o consumo das drogas legais é visto como muito mais controlado, seguro e consciente.

10.4.2.3 Ignorância

O eixo da ignorância significa que a existência da Guerra às Drogas se baseia em (e também provoca) um desconhecimento em relação às potencialidades e vivências que drogas podem oferecer, e às maneiras de reduzir danos e ser responsável e consciente do consumo. Também existe a dimensão de que imaginar uma outra possibilidade para como a sociedade encara o consumo de drogas ilícitas é bastante difícil e contra-intuitivo.

É possível observar em certas conversas uma maneira pouco ortodoxa de se ver as possibilidades do consumo de drogas: com entusiasmo, curiosidade e desbravamento, mas também responsabilidade, maturidade e honestidade. As conversas 8 e 11 são bastante ilustrativas disso. Na conversa 8, é possível observar um arco específico de construção de conhecimento através das experiências e das pesquisas do sujeito. A experiência com sintéticos, e depois a realização de que estas drogas têm características que não lhe são mais interessantes ou atraentes, demonstra a capacidade de aprender com as experiências, refletir sobre elas e chegar em suas próprias conclusões, tentando entender como o uso de determinadas substâncias pode ser para ele, seguindo seus parâmetros, melhor ou pior. Este me parece ser o discernimento e o controle que muitas pessoas julgam como necessário para que o consumo de drogas possa ser positivo. Ao mesmo tempo, não parece desacreditar os malefícios que o consumo de drogas pode

causar. Também argumenta que o consumo de drogas em si, por causar uma alteração de estado e de humor, pode ser usado como uma maneira de abrir a cabeça para novas ideias, causar novas reflexões, enxergar algo de um ponto de vista diferente, o que o estado sóbrio não consegue alcançar por si só. Esse sujeito também traz uma classificação específica em relação às drogas que utiliza, mas que aparece de outras maneiras em várias conversas também: a confiança em drogas naturais, em oposição à desconfiança e receio com drogas sintéticas, manipuladas pelo ser humano. Nesse caso, o sujeito chega a classificar como droga apenas o que não é bruto, ou seja, que passa por um processo de manipulação e modificação, dando como exemplo o petróleo (bruto) e o plástico (a "droga"). No caso, parece haver uma tentativa de esquivar as substâncias naturais como maconha e cogumelos do estigma negativo da palavra "droga".

Na conversa 11, o sujeito também demonstra esse interesse por desenvolver sua capacidade de conhecer, aprender e expandir seu horizonte de experiências sensoriais com as drogas, e afirma que ter desconstruído a ideia que foi apresentada ao longo da sua vida que as drogas devem ser sempre evitadas foi um processo bem interessante, ao longo da desconstrução de outros tabus sociais também. Ao longo da conversa, também aparece um grande senso de responsabilidade e maturidade, ao tentar sempre entender como as drogas funcionam, entender e neutralizar ao máximo os riscos do consumo, ter autonomia e responsabilidade em relação ao uso, e tudo isso partindo de um lugar de curiosidade e vontade de compreender como cada organismo lida com determinada substância. Não é um interesse que todos necessariamente compartilham, mas me parece compreensível a alteração da mente ser uma atividade que simplesmente deixa as pessoas curiosas e entretidas, além dos mecanismos de socialização que podem trazer. Ao falar sobre as possibilidades de um consumo positivo, o sujeito atribui aos objetivos e contextos de vida de cada pessoa a possibilidade de tirar frutos positivos ou negativos do uso; há uma responsabilização do sujeito pela garantia de que o uso será positivo ou não.

O sujeito da conversa 20 não faz uso de drogas ilícitas e não parece ter preconceito com o consumo delas, inclusive argumentando que a truculência policial e discriminação associada à sua repressão deveria ser aliviada, e ciente de que existem diversos usos potencialmente positivos, desde que acompanhados de disciplina, intenções específicas, ponderação e controle. Não foi manifestada de qualquer maneira sentimentos de raiva, nojo ou desprezo pelo consumo de drogas ilícitas ou por seus usuários, mas alguns momentos da conversa mostraram certas pressuposições não tão justificadas e ideias contraditórias em relação às drogas ilícitas. Quando perguntado sobre os critérios que utiliza para escolher se usará algo ou não, afirmou que a legalização cria um parâmetro institucional que já o tranquiliza em relação a que tipo de substâncias é seguro utilizar. Apesar da ANVISA não garantir a segurança no consumo de qualquer quantidade de cigarro, por exemplo, o fato de haver uma regulação "terceirizada" (não realizada pelo consumidor, e sim por um órgão fiscalizador) faz com que o uso de cigarro já seja muito mais seguro do que o de qualquer droga ilícita, por exemplo. Porém, esse mesmo sujeito ainda vê sentido na criminalização das drogas atualmente ilícitas. Um dos seus argumentos é de que, geopoliticamente, a liberação no Brasil abriria um grande "porto de drogas" devido à sua localização próxima de países produtores de drogas como Colômbia, e também de que a criminalização mantém o consumo das drogas "nos eixos", o que significaria sob controle e de maneira ordeira. Ao defender a criminalização, o sujeito argumenta que a liberação é muito mais fácil que a proibição, sendo essa a postura mais rígida e controladora, chegando a dizer que a liberação seria equivalente ao Estado não se responsabilizar pelo assunto. A ideia da liberação das drogas parece significar para as pessoas fora do meio das drogas ilícitas como algo próximo à libertinagem, ao hedonismo e à falta de responsabilidade, apesar de enxergar valor na regulação que o Estado faz das drogas lícitas anteriormente.

Em apenas três conversas (13, 14 e 17), foi citada a Ayahuasca, cujo uso ritualístico e religioso é pertinente para imaginar como a alteração do estado pode ter conotações até mesmo espirituais. Na conversa 13, a sujeita expõe a opinião de que o que é negativo da droga, porém, é justamente sua característica de alterar o estado sóbrio da pessoa, considerando-se que apenas nesse estado neutro e

"puramente" você mesmo é possível alcançar um autoconhecimento verdadeiro, associando o estado alterado a uma "mentira". Ela também relata que conhece pessoas que utilizaram o chá, e uma delas, ao misturar o chá com o efeito de outras drogas, precisou ser internado. Essa mesma sujeita defende a legalização das drogas, o fim da estigmatização e truculência com usuários, e consome drogas ilícitas. Assim, sua compreensão de que o estado ao qual as drogas te levam é falso é bastante interessante, assumindo inclusive sua intenção com o uso das drogas: sair da realidade, e não compreendê-la. Talvez não seja possível assumir que todas as pessoas utilizam drogas (e a Ayahuasca) com essa intenção, apesar de claramente ser uma interpretação bastante disseminada. Porém, a Ayahuasca também tem uma definição que pode fugir da ideia de droga, por ser compreendida em seu meio como uma maneira de entender a realidade. De qualquer maneira, essa sujeita argumenta que uma sociedade sem drogas é impossível, pois a necessidade de abstração e de fuga sempre acompanhou a humanidade, e analisa que na sociedade moderna isso acontece ainda mais.

Na conversa 5, um aspecto bastante interessante da relação das drogas com a modernidade foi levantada pelo sujeito: a proibição de drogas específicas aliada ao incentivo de outras (no caso, ritalina e cafeína seriam os principais exemplos) refletem como nossa sociedade valoriza um estilo de vida que busca a eficácia, a produtividade, o estresse e a extinção da abstração, do lazer, do ócio, do tédio e do descanso, chegando a afirmar que a existência dessa sociedade focada em produtividade é impossível sem drogas. As drogas, de maneira geral, também podem desempenhar um papel de "estender" o campo sensível da nossa existência, ao mostrar que é possível compreender e perceber situações e ideias de maneiras completamente diferentes. Nessa conversa, eu e ele expressamos que entender essa possibilidade é como um alívio; perceber que o mundo não precisa ser exatamente o que nos é posto pela nossa realidade e pelo nosso estado normal.

"Discutir drogas é discutir o que a sociedade exige da gente" (Conversa 5, pergunta 1 da terceira fase)

É notável ao longo de toda a pesquisa como a própria Guerra às Drogas é citada poucas vezes: apenas nas conversas 5, 13, 15, 16, e 17. Mesmo que em outras conversas seja possível perceber que o sujeito é contra a criminalização e enxerga suas consequências negativas, apenas nessas conversas foi percebida por mim a definição dessa política enquanto uma decisão consciente e vertical de controlar usuários (pobres e negros) em uma máquina pública de repressão e violência. Analisar uma política pública sem que esteja claro a ideia de que essa política existe, e existe por atender interesses de grupos específicos, é bastante difícil. Na conversa 14, a sujeita não parece relacionar, por exemplo, o fato de que a criminalização do consumo de drogas é um dos fatores que mais marginaliza os usuários, e a repressão violenta que acompanha isso é um grande obstáculo para sua recuperação. Ela argumenta que a condução coercitiva é uma postura necessária, partindo da interpretação de que usuários problemáticos não querem se tratar, por não terem autoestima e capacidade de escolha. Ao mesmo tempo, a sujeita defende que é necessário quebrar o tabu ao redor da simples conversa sobre esse assunto, o que inclusive a incentivou a participar da pesquisa, abrindo espaço para conversa, diálogo, abertura e sinceridade.

10.5 Voltando à questões de pesquisa

Depois de toda essa análise, é pertinente voltar às questões de pesquisa levantadas antes de todo o processo das entrevistas, e compreender se elas foram respondidas.

- A: o que altera e define a concepção de "drogas" e de "usuários"?

O contexto social em que o consumo acontece, os significados sociais sobrepostos a isso e a legalidade da substância influenciam bastante nisso. Algumas pessoas demoravam a lembrar, por exemplo, que drogas lícitas poderiam entrar nessa discussão, ou às vezes eram até mesmo suprimidas porque não se sentia que havia muito o que comentar sobre esse aspecto. Em casos extremos, o conceito de droga foi diretamente ligado à natureza de causar dano, ou de ser modificada pelo ser humano, o que tiraria sua propriedade natural e benéfica. Certas substâncias, como cafeína e açúcar, foram "redefinidas" como drogas por seu consumo poder ser compulsivo, muito grande, com muito potencial de dano, e acontecer de forma quase

invisível. Quem usa drogas ilícitas também está muito mais propenso a ser identificado como um usuário, ao contrário da maioria das pessoas que usam apenas drogas lícitas. As intenções do consumo de determinada substância também podem mudar sua definição, principalmente ao associar intenções maléficas, pouco conscientes e autodestrutivas com a palavra "droga", enquanto um consumo consciente, equilibrado e com determinado objetivo socialmente positivo pode até nem ser considerado um consumo de "droga", dependendo da pessoa.

- B: quais mitos e dogmas habitam esses diálogos?

O que mais se destacou para mim foi a ligação imediata entre a ilegalidade de uma substância e seu inevitável risco para a saúde e o bem-estar, ao passo que a legalidade não interferiria nisso. Na verdade, com o álcool especificamente, é bastante entendido que seu uso pode ser muito prejudicial; mas é unânime que seu uso também pode ser saudável e controlado. Com drogas ilícitas, ter essa perspectiva parece ser muito mais difícil. Um outro mito que apareceu é que uma eventual liberação das drogas ilícitas é oposta à ideia de regulação, regras e limites, sendo fácil associar essa política a uma completa "anarquia", no sentido de que todas as vontades pessoais de todas as pessoas passam a ser válidas. Aparece também a ideia de que a perda de consciência é sempre negativa, e também sempre uma consequência do uso de drogas ilícitas.

- C: como criar consciência e reflexão sobre as consequências e intenções da Guerra às Drogas?

A preocupação com a ineficácia e a violência da Guerra às Drogas apareceu principalmente em quem sofre mais diretamente o risco de ser sujeito a isso, ou pessoas que tiveram experiências diretas com essas pessoas. O estudo do histórico e desenvolvimento desse processo político também foi percebido em quem manifestava essa preocupação. Ao contrário do que eu esperava, porém, o contato direto com o uso de drogas ilícitas não necessariamente é (apesar de ser, em vários casos) o momento em que se começa a problematizar e desnaturalizar a Guerra às Drogas. Para isso, parece ser crucial que o contato com drogas ilícitas aconteça num contexto social benéfico para a pessoa e para o consumo: locais seguros, pessoas

de confiança, substâncias de qualidade, e intenções que não sejam de fugir ou acobertar problemas da realidade, e sim puro entretenimento, curiosidade, descobertas, aprendizado etc. Mostrar que isso é uma possibilidade parece essencial para quebrar os mitos anteriormente levantados.

- D: como os diálogos sobre consumo de "drogas" escalam para o não-diálogo, polarização e cristalização dos argumentos? Como evitar isso?

A própria experiência em si, além das respostas obtidas, sugere maneiras interessantes de se pensar nisso. Ao ser aberto em relação ao tema, sem tabus ou julgamentos, dividindo experiências pessoais, fazendo perguntas honestas e deixando de lado seus pressupostos e preconceitos, é possível se conectar com o que a outra pessoa pensa, suas vivências e consequentes expectativas, e trabalhar em conjunto na conversa para tentar criar novas maneiras de se enxergar o problema. Isso é possível, porém, quando cada pessoa envolvida tem esse comprometimento. É necessário também não ter receio em relação a se abrir e a se mostrar vulnerável, pois é nesse dissenso que ocorrem realizações de como as coisas podem ser diferentes. Se expor, e estar aberto à exposição que outras pessoas trazem à conversa, é essencial.

PARTE V – Conclusão

A experiência de conversar com desconhecidos sobre o tema foi muito enriquecedora. É notável a quantidade de pessoas que viram nessa proposta uma possibilidade de expressar opiniões e vivência que pareceriam bastante repreensíveis e condenáveis em outros contextos, seja porque são falas muito "pró-drogas", ou porque seriam encaradas como muito "caretas". A mera conversa sobre esse tema estar presente num espaço público causou diversas reações no próprio espaço, em sua circulação, e nas abordagens que chegaram até mim.

Houve um grande processo para tudo isso acontecer. Como as próprias "versões" da intervenção, que se desenvolveram desde a fase preliminar, no R GOYAZ, até a última fase com mais especificidades, na FS e na FD, a maneira como eu incorporava meu papel de "administrador" desse espaço foi se adequando às pessoas presentes e aos contextos em que me encontrava. O design desse projeto permitiu – exigiu – esses desdobramentos, deixar o projeto se guiar através das próprias interações, assim buscando entender que modificações seriam pertinentes para alcançar determinadas instâncias. Não há um objetivo a ser alcançado, ou uma solução a ser implementada para um problema; aqui, a pura vivência humana é o que carrega esse projeto, entendendo o estar-no-mundo como uma posição que não necessariamente é, mas que pode ser consciente de sua própria existência, enquanto moldadora da realidade. Esse estado de consciência carrega nosso comportamento de uma carga política. Essa carga sempre existe, mas em contextos específicos, é importante estar consciente disso para conseguir adequar tal carga às intenções que se tem para a sociedade – intenções necessariamente parciais.

Porém, necessário estar aberto à realidade, para conseguir navegar por ela, e isso implica em aceitar que sua complexidade leva as pessoas a chegarem a conclusões (e desenvolver intenções) muito diferentes das minhas. E nem por isso são pessoas cujas vivências não vale a pena compreender. Isolar-me nas vivências que fazem sentido para mim não é uma estratégia eficaz para entender porque outras vivências levam pessoas a conclusões tão opostas à minha, e às vezes, opostas a conclusões

que podem não ser definitivas, mas que levam em conta justamente essa abertura que possibilita compreender o que está fora do nosso escopo imediato. Mesmo interagindo com pessoas com suas razões para defender a repressão estatal e a proibição do consumo de certas drogas, por exemplo, isso não me leva necessariamente a apoiar a Guerra às Drogas. Mas me levou a repensar meu consumo, meus significados, minhas escolhas – até a interação com pessoas mais próximas da minha vivência me levou também. Ainda compreendendo a Guerra às Drogas como um grande mal contemporâneo, é possível ter interações significativas, e muito agradáveis, com pessoas diferentes. É assim que se espera construir novas possibilidades de enxergar esse tema: ao interagir como que se difere de nós.

Assim, essa tese foi uma maneira de projetar interações que poderiam ter um efeito significativo na paisagem da imaginação social brasileira – ou pelo menos na paisagem da Universidade de Brasília. Em retrospecto, observo que meu comportamento nas entrevistas em si poderia ter sido um pouco menos preso ao formato da entrevista; a sequência de perguntas acabou me direcionando a administrar uma entrevista, o que pode ter dificultado a própria exposição das minhas vivências. Isso definitivamente aconteceu em algumas conversas específicas, e posso dizer que nestas o sentimento de troca e de construção de subjetividade de cada um foi muito mais perceptível. Também tenho o desejo de que essa experiência tivesse conseguido chegar em mais lugares da sociedade brasileira, já que diversos setores da sociedade provavelmente têm opiniões muito mais fortes do que as que eu encontrei. Isso também significa, por outro lado, que a própria polarização que se espera desse debate pode ser menor do que se imagina, ou pelo menos é menor quando nos apropriamos do nosso lugar social e utilizamos isso para criar um espaço que tolere opiniões diferentes, desde que dispostas a se abrir e escutar.

PARTE VI – Bibliografia

AKAMA, Yoko; LIGHT, Ann. The Human Touch: Participatory Practice and the Role of Facilitation in Designing with Communities. Participatory Design Conference, Roskilde, Denmark, 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. A crise do design. In: ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 251-267.

BBC BRASIL. Proposta da Onu para descriminalizar drogas é retirada após “pressão política”. Disponível em: <<https://goo.gl/zcd2zU>>. Acesso em: 19 out. 2015.

BETIM, Felipe. "Sou da favela, quero ser parte do debate sobre a guerra às drogas". Disponível em: <<https://goo.gl/vmJ2kp>>. Acesso em: 12 set. 2017.

BRANDALISE, Isabella von Muhlen. Infiltração e abertura para cotidianos eventuais. 94 f. Dissertação (Mestrado) - pós-graduação em Arte, Universidade de Brasília, Brasília/Nova Iorque, 2016.

CENTRO DE CONVIVÊNCIA 'É DE LEI'. O que é redução de danos? Disponível em: <<http://edelei.org/pag/reducao-danos>>. Acesso em 2014.

FERREIRA, Mauricio dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salete. A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2013.

FERREIRA, Susana. Portugal's radical drugs policy is working. Why hasn't the world copied it yet? Disponível em: <<https://goo.gl/ZNcgTy>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

FIORE, Mauricio. O lugar do Estado na questão das drogas: O paradigma proibicionista e as alternativas. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 92, p.9-21, mar. 2012.

FLICK, Uwe. Introdução a Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

G1. 'É uma ofensa à ciência', diz médico especialista em drogas intimado a depor por 'apologia ao crime'. Disponível em: <<https://goo.gl/4LH2FX>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

GINSBERG, Allen. The great marijuana hoax. Disponível em: <<https://goo.gl/HedhXa>>. Acesso em: nov. 1966.

GRASS: History of Marijuana. Direção de Ron Mann. Produção de Keith Clarkson. Canadá: Unapix Home Entertainment, 1999. (80 min.), son., color.

HAIVEN, Max. Crises of imagination, crises of power: capitalism, creativity and the commons. Nova Iorque: Zed Books, 2014. Paginação irregular.

HARI, Johann. Everything you know about addiction is wrong. (14min42s). Disponível em: <<https://goo.gl/YMx1A1>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

KURZGESAGT – IN A NUTSHELL. Addiction. (5min45s). Disponível em: <<https://goo.gl/vFbN5s>>. Acesso em: 29 out. 2015.

LOBIANCO, Tom. Report: Aide says Nixon's war on drugs targeted blacks, hippies. Disponível em: <<https://goo.gl/D5QxAq>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

MCENTEE, Kate. Becoming Woke. 94 f. Dissertação (mestrado) - design interdisciplinar, Parsons the New School, Nova Iorque, 2016.

NUNES, Laura M.; JÓLLUSKIN, Gloria. O uso de drogas: breve análise histórica e social. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, São Paulo, v. 4, p.230-237, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

PORTINARI, Denise Berruezo; NOGUEIRA, Pedro Caetano Eboli. Por um design político. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, 2016.

RODRIGUES, Eduardo Santos et al. Redução de danos e substâncias psicodélicas: construindo ações e debates. *Platô: drogas e políticas*, n. 1, p.39-68, set. 2017.

The Economist. Scoring drugs. Disponível em <<https://goo.gl/MyUeYm>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

VARELLA, Drauzio. Um novo olhar sobre drogas - Carl Hart. (14min34s). Disponível em: <<https://goo.gl/UugkQH>>. Acesso em: 4 set. 2014.

WILLIS, Anne-Marie. Ontological Designing – laying the ground. *Design Philosophy Papers Three*, p. 80-98, 2007.

Anexo I – Formações discursivas

conversas 1, 2 e 3: preliminares (R GOYAZ)

conversa 4, 03/05 (ICC)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Fala principalmente de remédios, produtos farmacêuticos, que altera quimicamente. Fala depois de cura, foco terapêutico, e recreativo. Parece uma definição bastante próxima da científica, mas bastante influenciada pela vida em que teve que tomar muitos remédios na infância.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Principalmente remédios, foco curativo. Teve na infância muitas doenças, frequentava com regularidade farmácias, hospitais, sempre tomou muito remédio, xarope, injeções semanais etc. A família também, a mãe com dores crônicas, com coquetéis, e o irmão com déficit de atenção, toma ritalina. Afirmou que não entende muito bem como a ritalina funciona, as doses etc, comentou que o irmão tenta tomar menos. Com o tempo começou a ter menos problemas de saúde. Falou no final de anticoncepcional/hormônios e que já provou maconha, bebe de vez em quando, mas o foco foi bastante no lado terapêutico.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Busca a vantagem, se vai valer a pena usar determinada droga, e com uma pesquisa prévia antes de "testar" a droga. Disse que objetivos para uso recreativo ou terapêutico se intercalam um pouco. A sua relação com drogas parece um pouco inconstante e questionadora, crítica. Faz sua própria pesquisa, tem curiosidade, questiona até médicos e suas receitas, procura entender os possíveis riscos, e também não quer se apegar a alguma droga, também por ter uma personalidade que sempre muda de ideia, vai e vem. Compara se sentir dependente com "usar passivamente", e deu como exemplo específico antidepressivos, cujo efeitos negativos (sono, lentidão, sem muito dos efeitos desejados) não foram balanceados na experiência dela. A família parece agir de maneira bem autônoma, mas disciplinada e consciente, em relação a como usar remédios e drogas. Não percebe muito pessoas fora de sua família usando, ou possíveis impactos – talvez perceba isso como uma decisão e aspecto muito pessoal. Tem um ponto de vista bastante pragmático.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

[já respondido antes]

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas? Como você se sente nesses contextos?

Falou de novo bastante da família, que o caso que ela se sente mais livre pra comentar, e obviamente porque conhece muito melhor também. O irmão também parece bastante questionador e autônomo em relação ao seu uso de ritalina, por causa da relação custo-benefício dos danos colaterais e efeitos desejados. Prefere não se envolver com o uso dos outros, não julga, não analisa, sente que é uma decisão pessoal. Também não repara – ou tenta não repara – nos impactos que as drogas têm na vida das pessoas.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Fala da necessidade de tomar remédio para curar, o que parece uma visão muito restrita a remédios e drogas terapêuticas. Falou do PROERD, que não foi super marcante, mas que teve a lição de "ficar longe" e que isso não traria felicidade. E que nem pessoas, nem objetos nem nada trazem felicidade,

por felicidade ser uma coisa muito complexa. Relata que no ensino médio havia amigos que usavam maconha e bebiam bastante, e ela não via sentido no uso, havia uma pressão por parte deles pra ela usar, mas ela não cedia. Num tom de brincadeira, disse que eram "danadinhos", via uma transgressão desnecessária no comportamento. Depois dos 18 começou a ver como algo divertido, se analisou como "séria" antes disso. Talvez essa regra fizesse sentido pra ela na época. Usou o termo "estar legal" no sentido de legalidade, e questionou sutilmente as restrições a drogas ilegais. Voltou a falar que não se incomoda com pessoas usando, mas não acha legal se for algo que altere demais, como o álcool, e que tem tendências a ficar dependentes, se for muito recorrente, fora de contexto, sem motivo, atrapalhar a vida própria e a social. Mas não julga o uso, sente que não faz a linha PROERD.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Disse que escuta muito pouco e que a mídia não tem falado muito [a pergunta foi sobre política, no caso – minha aplicação não foi super consistente], apenas quando há algo específico como a marcha pela legalização da maconha, como uma notícia, que avalia como superficial. Acha por acaso na internet, mas aí fica mais curiosa e procura fatores contra e a favor da legalização, no caso. Mostrou ter realizado uma pesquisa bem profunda, falando dos EUA, Canadá, Portugal, Holanda. Fez uma comparação curiosa entre Portugal e Holanda: falam da Holanda como essa terra "de maconheiro", como se não tivesse drogas nos outros lugares, e de Portugal ninguém fala dessa maneira (e falam muito menos), mas confessou que gostaria de entender melhor como os sistemas funcionam. Numa viagem a Portugal testemunhou um grupo de jovens fumando maconha num mirante mais ou menos famoso, mas não super central, em Lisboa. Foi abordada por alguém que queria vender maconha pra ela. Reparou que esse lugar não estava com família, crianças etc. Demonstra conhecer a complexidade de leis ao redor de drogas (usuários, comércio, produção, quantidade etc), e gostaria de conhecer mais.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Associa o negativo com falta de controle, falta de motivo, dependência. Com o positivo quando vai fazer bem, até se por placebo. Valoriza a autonomia e a vontade individual. Pareceu ter um pouco de "preconceito" com cogumelos, pois usou como exemplo do placebo "cogumelos mágicos" para depressão, ansiedade etc.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Tem conhecimento da última alteração da lei de drogas e a interpreta como que ajuda o tráfico. Associa uma lei "mais aberta" com menos violência, mais conhecimento de como usar a droga, mais autonomia (plantar), segurança ao consumir, fiscalização, testes, transparência no consumo etc. Demonstra empatia com o hipotético usuário; vê que a proibição traz perigo e que ele se "esconde" para adquirir e usar, e que isso que causa a violência e a dependência. Valoriza a liberdade e independência pro usuário.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

não conversa tanto sobre esse assunto, apenas como curiosidades (citou Portugal como um caso pouco conhecido). Citou o formato dessa entrevista como uma boa oportunidade para ter esse tipo de conversa.

Questionou um pouco a sinalização para atrair pessoas conservadoras, parece que eu gostaria de falar com alguém que sabe bastante sobre o assunto, ou que já tenha uma opinião formada; mas que pode variar para cada pessoa.

conversa 5, 03/05 (ICC)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Foca no intuito que a pessoa tem em ingerir determinada substância para transformar seu estado.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Argumenta que a nossa sociedade usa bastante e de maneira bastante naturalizada e recorrente. Cita álcool, cigarros e remédios, que acompanha pessoas usando desde pequeno. Situa o uso de cigarro historicamente (nossa geração usa menos). De remédios, fala de antidepressivos e para dormir, o que considera o uso preocupante porque encoraja a pessoas a se conformar a padrões de produtividade e bem-estar não necessariamente pessoais. As drogas que mais consome é café e maconha, que não tinha citado antes por não ter entrado em contato cedo na vida social.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Disse que racionalmente, procura ver se vale a pena, mas em contraposição a "racionalmente", fala do ambiente, pressão social ou naturalização do consumo, adequada à rotina, em que certas drogas como o café se adequam mais.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Divide em dois grupos: as que consomem drogas naturalizadas e as que consomem as não tão aceitáveis ou até ilegais. Se preocupa com o primeiro grupo porque vê que grupos com muita "autoridade" e legitimidade naturalizam e incentivam demais o uso, até "fora das regras" (receitar drogas em família), como médicos e psiquiatras. Vê no segundo grupo uma tentativa de fuga (apesar de ver isso no primeiro também) e uma ruptura maior com as regras sociais, e por isso um acolhimento dentro do grupo. [Aqui faço um paralelo com grupo LGBT] Fala da necessidade humana de se sentir acolhido ou apoiado.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Raramente causa um desconforto ou sensação de risco imediato. Álcool é o que mais desconforto e insegurança, por sua relação com imprevisibilidade e violência.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Fala primeiro da educação gradual que se recebe ao se inserir nos grupos "desnaturalizados", que às vezes podem exagerar na "inofensibilidade" dessas drogas, como numa disputa de discurso meio desonesta. Mas deixa como principal a lição social de que as drogas naturalizadas "não são drogas", e que "droga" é necessariamente negativo e evitável. Usuários de drogas naturalizadas, por isso, não se veem como usuários, se veem muito distantes dos "usuários de drogas". A "droga" seria associada a perda de controle e autonomia em excesso. Em geral existe uma divisão muito grande em relação à educação que vem dos dois lados.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Limitando-se ao grupo classe média com que tem contato, o debate é recorrente, mas não na esfera pública, políticas públicas. Quando discutido, o debate é muito superficial, apoio à Guerra às Drogas etc.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Elogia a pergunta em relação a questionar o lado positivo. Comenta que a sociedade que foca no trabalho e produtividade é movida muito pelo uso de drogas. O negativo seria conseguir uma estabilidade que não se consegue na vida cotidiana, e essa "fuga" sabota a criação de ferramentas do próprio cotidiano. Seu exemplo: se sua vida é estressante demais e sua única maneira de fugir disso é fumando maconha, talvez sua vida estressante que devesse ser repensada. O positivo seria o bem-estar, a descontração, cujo uso que resulta nisso pode ser saudável. Contato social, grupal, algo que causa uma relação humana. [Citei que aprender que o corpo pode mudar seu estado psíquico como uma vantagem, como um aprendizado, e uma extensão da realidade] Transformar o seu hábito e a sua maneira de ver o mundo dentro do cotidiano só é muito difícil. "A gente acha que não pode ser o que nunca foi". Se descreveu como muito racional, e que por isso a maconha teria esse lado bom de ser um alívio perceber que é possível ter outra percepção da realidade, uma relativização.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Comenta como se sente pequeno e até ignorante em relação à possibilidade de propor uma diretriz para mudar alguma coisa, mas fala de quebrar os tabus e fantasias que existem sobre o tema, e de quebrar também as naturalizações que existem, associado ao ritmo acelerado da vida (falou da vida universitária), do trabalho e da exigência de si mesmo. "Discutir drogas é discutir o que a sociedade exige da gente". Discutir também quais as causas do uso de drogas, pensando em como deixar a vida algo que exija menos fuga das pessoas. Valorização dos processos mais humanos (cita aceitar nossos sentimentos, fazer terapia, acolhimento), em vez de tentar resolver nossos problemas com uma pílula mágica. [Disse que é realmente um problema muito complexo, com muitas frentes para trabalhar em cima]. Levanta que existem interesses industriais para que esses debates não aconteçam, mas que se aproveitam também da legalização de substâncias quando isso acontece, com patentes etc.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

As pessoas em geral não têm acesso às mesmas informações, há preconceitos difíceis de quebrar só com conversas etc. Levanta que a própria pessoa tem que "se mudar de ideia", e não é uma conversa impositiva e argumentativa com outra pessoa que vai mudar isso.

Disse que a sociedade é, ao mesmo tempo, sedenta por reforços e muito intolerante. Pessoas que seriam conservadoras com o tema das drogas, se passam por situações de ataque e confronto no tema, podem "acreditar" que são minorias. Disse que, como teve experiências em que seus pensamentos sobre drogas foram correspondidos, estava se sentindo preparado para caso essa interação houvesse uma tentativa de desconstrução da minha parte. Sente dessas pessoas uma facilidade de exagerar quando são confrontadas, por se sentirem inseguras/ameaçadas pela sugestão de mudança. Elogiou a tentativa de ter essa conversa em espaço público, com pessoas desconhecidas, apenas enquanto uma conversa.

conversa 6, 07/05 (essa pessoa já me era conhecida, e ambos sabemos que nós dois somos a favor da legalização e usamos maconha) (ICC)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Considera muito vago, e por isso reduz a ser qualquer substância que reaja no seu corpo.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Falou de vacinas desde a infância, farmacêuticos. Considera que a classificação entre ilegais e legais não vale a pena, por dificultar a conscientização, no máximo grupos de apoio anti-drogas, por isso seria melhor tratá-las todas como iguais.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

A curiosidade sobre os efeitos, comparando com "conhecer o mundo". Procura usar o mínimo possível, não quer depender de nada, incluindo remédios. Se manifesta pela legalização, para ter tudo sob controle, o que facilitaria essa decisão, por causa da autonomia e personalização dessas decisões, cada coisa age diferente para cada pessoa.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

A família tem uma opinião bem forte sobre drogas. As irmãs, mais novas, são mais tranquilas em relação ao tema. Com amigos é mais tranquilo, mas evita falar sempre sobre isso, porque é "apenas mais um tópico" da sua vida. [Pedi pra detalhar mais a opinião dos pais] O pai é mais tranquilo, e existe um compartilhamento de opinião com ela; mas a mãe prefere não confrontar a sociedade inteira, e pelo medo de algo dar errado por causa do que a sociedade pensa sobre isso, e por isso é contra.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Fala de bares como um ambiente muito "favorável a discussões", e por isso evita (associa bares com lugares em que se usa drogas). Andando na rua, em situações aleatórias, alguém fumando um cigarro, mesmo que não goste do cheiro, só ignora, é neutro.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Nunca usar. Com o passar do tempo, viu que não era bem assim. Questionou a educação que se recebe nas escolas que são extremamente negativas e chocantes, porque isso faz os alunos rejeitarem a aula e impede um desenvolvimento de opinião próprio.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Eventos universitários, sempre parte de um público mais jovem, por ser mais fácil de repercutir também. Não ouvia nada antes de sair do ensino médio.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Cada pessoa precisa avaliar isso, sendo o positivo quando não haja impactos negativos. A partir das próprias experiências, aprender a evitar, administrar etc. Pro lado negativo, algumas pessoas podem ter dificuldade para parar de usar algo, citando o álcool como um exemplo de algo que a pessoa pode ter dificuldade de largar, apesar de sempre estar passando mal, tendo ressaca etc. [Como as pessoas chegam nessa falta de controle?] Associar o uso da droga a se livrar e esquecer dos problemas, preferindo estar naquele estado do que fazer algo ativamente para mudar.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Desconhece políticas sobre drogas, as que conhece não informam sobre a droga em si. Sugeriria pesquisar coisas novas e reais, abertas ao público, para saberem o que é a droga mesmo, e atualizar as leis (em relação a legalizar). Gostaria que aceitassem que certas coisas são boas para certas pessoas, e não necessariamente para outras.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Prefere não ser muito confrontativa. Espera que a situação e a pessoa sejam um pouco favoráveis para ser mais aberta em relação ao seu uso. Em situações não muito favoráveis (ambiente de trabalho, acabou de conhecer a pessoa etc), prefere expor algo que sabe que não vai dar problemas. Deu um exemplo de que no trabalho alguém comentou que vai beber muito no fim de semana, e uma colega disse que isso "ia acabar com o fígado dele", e depois ele disse que "pelo menos não é uma droga pesada". Ela discorda, mas não expôs isso. Ao ser convidada disse que não vai porque não bebe mais, e ficou por isso. Ela já bebeu bastante na vida e eles sabem disso, mas não citou por exemplo que usa maconha.

conversa 7, 07/05 (conversa dupla) (ICC)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

A: substância que tira do estado normal, abrindo a possibilidade de explorar coisas que você não exploraria sóbrio.

B: associada a coisas ilegais, mas é qualquer coisa que mudam o funcionamento do organismo, causam novas emoções.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

A: lícitas desde sempre, o primeiro contato com álcool aos 13 anos, "deu PT", não tinha comido há dois dias. Cigarro e tabaco na universidade. Maconha aos 15, ficou bastante "noiada" por não saber se tinha batido e não lembrava o que havia dito.

B: se sente viciada em café e açúcar (considera super viciada). Começou a beber aos 16, deu um PT apenas depois dos 18, e maconha sempre foi do seu convívio, mas não se sentia a vontade de usar, até um dia em que sentiu que seria tranquilo, e teve uma experiência bastante intensa. Disse que viu a "porta do inferno". Citou que por ter baixo ácido cítrico no sangue, algumas substâncias podem ser mais fortes, causar alucinações, ela tem bastante sensibilidade. Ainda usa às vezes, mas a tolerância já aumentou também. Fuma tabaco com frequência, mas cigarro não.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

A: sente a necessidade de estar bem consigo mesma, estar com pessoas tranquilas, num espaço tranquilo, e citou que quando sente dores, não hesita em tomar remédio, mas antes tinha mais resistência.

B: o quão se sente bem naquele meio, e saber o que está se tomando, quais as consequências etc. Substâncias como cocaína ela não teria coragem, por ser mais fácil de se viciar, ser mais pesado socialmente etc.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

A: vê muito pouco na família, um pouco de álcool e tabaco. Nas amizades vê bastante o uso de tabaco diário, quando saem tem muito álcool, e às vezes maconha.

B: não muito também, já houve tabaco. Tem bastante café, em vários momentos ao longo do dia. Maconha já é mais familiar nos amigos.

A: cafeína é realmente algo que entra bastante, no café, no chocolate etc. Fez uma associação causal entre a ansiedade presente na família por parte de mãe e o uso exagerado de cafeína.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

A: vê o uso como algo normal, mas se questiona em relação a se o uso está sendo ok, qual o motivo por trás do uso etc, mas não se sente incomodada. [você conseguiria externar isso?] Depois do uso seria mais fácil fazer esse questionamento, mas dependendo das pessoas é possível sim. Pessoas

que você sabe que tentam entender o motivo das coisas seriam mais abertas; pessoas com pouca intimidade não seria tão fácil.

B: tenta ver também o lado social, e falou de um ambiente (que não quis explicar qual era) em que vê crianças usando ou envolvidas com tráfico, e aí ela se sente bastante incomodada. Se preocupa com a idade, o contexto etc; pessoas negras, ou de rua, provavelmente estão usando a droga como um refúgio da sua marginalização, e aí ela se sente bastante mal. Faz uma oposição dessa situação com amigos que sabem porque estão usando, tomaram essa decisão, cientes dos riscos etc.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

A: dentro de casa, é 100% errado, sem detalhar o uso ou consequências. Na escola via um pouco mais de detalhamento, mas ainda assim errado.

B: não teve PROERD, no máximo algumas conversas nas aulas de ciências, mas nada focado. Em casa, quando ela entrou para UnB (muito associada a drogas), o pai a alertou para não usar drogas. Ela perguntou se ele já usou, e ele disse que sim, e que é horrível, porque as pessoas acham bom mas por isso acabam se viciam. A ideia central é de que nada de bom pode vir daí.

[o que acham dessa "quebra de expectativa"?] A: questiona o fato de não mostrarem o outro lado de porque as pessoas usam drogas, pois teve a experiência de usar e de ter sido bom, ter tido boas sensações etc. Acha que tratar o assunto como tabu só cria uma barreira entre as pessoas, que só poderiam conversar sobre o assunto tranquilamente.

B: não vê uma quebra de expectativa ao entrar na UnB, porque antes já tinha contato com pessoas que usavam drogas ilegais e que era ok, eram felizes com isso. Vê a UnB como um reflexo da sociedade: pessoas que condenam o uso, e pessoas que são ok, apesar do ambiente universitário facilitar mais o lado de quem acha ok.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

A: rodas na UnB, séries na Netflix, não vê um debate sobre isso em jornais, TV etc, apenas de forma muito superficial. Vê mais em meios alternativos, internet, facebook etc.

B: vê esse debate como bastante escasso se você quer realmente saber mais a respeito de drogas além do "não use". Não saberia dizer um canal específico. Vê essa pauta muito "empurrada" para a esquerda na política, até quando não vem necessariamente de alguém de esquerda, até como uma maneira de estereotipar o assunto como "coisa de comunista".

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

A: quando é necessário, quando você sabe que vai usar porque quer, vai se sentir bem etc, pode ser positivo. É negativo quando se usa porque precisa usar para se sentir bem, ou evitar a realidade. O fundo emocional é muito forte nisso.

B: disse algo bem similar. Citou como o consumo de açúcar na sociedade é bastante negativo, por nem ser possível perceber o quanto somos dependentes, e o quanto somos "vidrados" nisso. Fala de quando os efeitos na saúde são óbvios também, como o tabaco e problemas de respiração. [comento como cafeína e açúcar, por serem invisíveis, é difícil de debater seu vício e uso]. Comentou que em uma reportagem na internet "Greg news", é botado que açúcar é mais viciante que cocaína, que é algo que ela disse que nunca usaria justamente por ser viciante.

B: comenta como o fato de ser aceito dentro da sociedade facilita o uso de açúcar.

A: comenta que o açúcar está dentro até de coisas que a gente nem sente mais o gosto; o paladar está regulado para sentir falta do açúcar.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

B: gostaria que houvesse uma consciência em relação a como usar drogas, o que está usando etc.

A: vê que pra isso é necessário conversar sobre drogas de maneira franca e aberta, falar dos riscos também, e falar sobre o que nós sentimos.

B: o que precisa mudar nas políticas é falar sobre porque não usar e porque usar, ter essa conversa franca. Desconhece um exemplo de quem/o que fala desse jeito.

A: necessário fazer uma análise histórica e social das leis que existem.

B: cita que em lugares periféricos e favelas, a droga não é só uma questão de uso, mas tem uma função econômica, e as legais também – como o açúcar e a indústria que ganha bastante com isso. Questiona porque alimentos com muito açúcar como a Coca-Cola não tem advertências como o cigarro tem.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

A: fica nervosa, principalmente com família, por haver consequências. Depende do desenvolvimento da conversa, mas procura falar das próprias experiências e do que ela acredita mesmo, e considera esse diálogo importante.

B: em meios conservadores tenta ter muita cautela, vê que se mostrar como usuária deslegitima muito sua fala para certas pessoas. Em ambientes abertos, acha bem mais fácil, principalmente botando a pauta social, o que significa dentro de um contexto etc.

Encerramos comentando que as pessoas vão usar drogas mesmo, e que por isso é melhor assumir isso como realidade e partir daí pra frente.

conversa 8, 09/05 (ICC)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Começa dizendo que o termo é muito deturpado, mas também se "defendendo" de ser o que quer legalizar as drogas. Diferencia o alucinógeno, o que "altera o estado", do que é droga, que ele associa com o sintético, feito pelo humano, e cita remédio como droga também. Cita o petróleo e o plástico. Cita cogumelos, maconha e DMT como alucinógenos. Se for bruto, natural, não é droga. Diz que ainda pode mudar de ideia na vida, parece aberto às pessoas. Alterar o estado poderia ser algo como abrir a cabeça de alguém, ou algo que pode ser melhor do que o estado normal. Cita stress por exemplo como um estado normal, sóbrio, ou estar fechado para uma conversa sobre algo novo, que o alucinógeno poderia te ajudar. Uma perspectiva de crescimento, mudança e abertura no próprio uso. Critica o peso negativo que o termo tem, necessariamente como algo "que te leva pro fundo do poço".

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Começou no ensino médio com maconha, e aprendeu ao longo dos anos novas drogas, como usá-las, e acabou demonstrando que aprende com o tempo. Usou bastantes sintéticos, mas depois do que parece uma experiência específica com cogumelos numa cidade do interior de MG, preferiu diminuir o uso de sintéticos e pretende largar, já diminuindo bastante. Associa o sintético ao danoso, e nunca usou pó, pela força do dano. Diminuiu prensado também, bastante redução de danos, disse que quer ter uma longa vida.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Depende do contexto e o que ele quer fazer dependendo do contexto. Pensa nos riscos, como usar cogumelo se não estiver muito bem. Cita que era influenciado pela opinião dos outros a não gostar de cocaína, mas que o certo é pesquisar por si mesmo, estudar, citou seu curso com alguma aula de química, e assim também se afastou da cocaína pelos danos psicológicos fortes (mas também fala que não é como se você morresse em 2 anos). Você tem que ter controle da droga, e não o contrário.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Na sua fala, aparece uma distinção em que alguns homens da casa fumam ou fumaram recreativamente (o que parece oposto a ser cotidiano, porque cita que por isso eles fumam pouco e não tem muito tempo). Um primo já cheirou cocaína, um irmão já fumou mas hoje em dia até julga quem fuma. Aí, as mulheres parecem bem mais conservadoras, a mãe inclusive parecia as tias um bom tempo. Mas passou por uma mudança, em parte provocada pelo consumo do filho, mas ligada a outros fatores também. Quando ela começou a suspeitar e confirmar depois que ele fumava (ele disse que "dava bandeira" e um dia ela o viu preparando um beck), ela pesquisou, entendeu os efeitos, e quando eles conversaram sobre isso pela primeira vez, ela disse que não ia impedi-lo, com uma abordagem mais consciente. Ainda há o pedido para não ir pras "drogas", no caso, as sintéticas. Hoje em dia ele consegue até mostrar pra ela os "buds" que compra, citou que gostaria de plantar etc. Cita que ela passou por uma abertura espiritual também, começou yoga, e está mais compreensiva com isso tudo.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas? Como você se sente nesses contextos?

"Vê todo dia, toda hora". Em geral não se importa, mas que quando é perceptível que está fazendo mal pra si mesmo, levando pra um lado negativo, ofereceria ajuda. Citou crack como exemplo em que "entra o lado social". Se não estiver afetando ele, tudo bem.

[que ajuda?] Focou na conexão com a pessoa. Conversar, dar conselho. Não se considera especialista ou profissional, mas acha que isso sempre ajuda. Já conversou com um desconhecido que "já pediu dinheiro pra pedra" e citou que "todo mundo sabe que pedra não é coisa boa", e são pessoas que precisam dessa conexão, apoio. "Mostrar que se importa com ela, afeto".

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Tudo negativo, focada em não usar nunca, família e escola. Faz uma crítica ao fato de que a educação promove preconceito com quem usa, e não o fato de falar o que realmente traz prejuízos, citou fumaça como algo que realmente faz mal de novo. Fala primeiro de como a fumaça realmente deve ser desencorajada nas escolas, e depois afirma que não critica mostrar o lado ruim das drogas. Mas de alguma maneira a fumaça veio antes como algo que precisa realmente ser desencorajado; talvez por ser o lado mais óbvio e inquestionável, pra ele, dos malefícios. A mãe pode ter se aliviado muito com seu uso de drogas quando ele passou na universidade, porque conquistou algo que "prova" seu desempenho sem ser prejudicado pelo uso.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Considera que é fácil falar sobre drogas, mas fala muito mais com amigos do que família, mesmo amigos que não usam drogas. Comentou que acha muito complicado a legalização no Brasil, porque acredita que o respeito tem que fazer parte da cultura para isso dar certo, como seria a Holanda e Uruguai, mas o Brasil não, cita também regras estatais específicas como não vender para estrangeiro no Uruguai, para manter controle, e no Brasil não seria muito organizado. Depois disso que quer legalizar para facilitar sua vida e poder plantar, parar de "ir na bocada e evitar risco", mas acha difícil o controle.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Negativo é quando a droga te usa, falta de controle, e o positivo fala de vantagens específicas, como abrir a cabeça para novas conversas, cita o cogumelo (associação bastante positiva), ou até para dormir no caso da maconha. Aí aconteceu uma troca de experiências em relação a como dormir depois de usar maconha fica diferente. Sugeriu um exame obrigatório para quem quer usar drogas,

para redução de danos. Realmente pensa em como o sistema deveria funcionar para a legalização ser possível.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Ainda defende educar e falar do que é ruim também, para dar autonomia às pessoas, mas gostaria de acabar com a criminalização e marginalização. Ainda vê a legalização distante. Aqui, ele relata o medo direto de violência, repressão policial, "tomar um pau".

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Eles (amigos que estavam ao lado durante a entrevista) se animam, tem entusiasmo pelo assunto. Mas ignora se a pessoa foi fechada, porque aí não é uma conversa. Aberto a opiniões, desde que escutem a dele também.

conversa 9, 09/05 (ICC)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Substância que tira do estado normal de consciência.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Começou com 14 anos, analisou como cedo na vida, com amigos, mas esporádico até os 16, quando começou a fumar mais (maconha e cigarro). Teve uma experiência de fumar apenas de curiosidade um cigarro da tia aos 11 anos, escondida. Aos 17 era fumante "oficial" de cigarro, chegando a comprar aos 19. Depois dos 21, quase não usa álcool, sendo maconha a droga principal.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Formulou em formato de perguntas: tem responsabilidades pro dia seguinte? Tem algo pra fazer agora? Esse ambiente é adequado? Essas pessoas ao meu redor são bacanas? As consequências de cada droga são específicas em relação a algumas coisas também. A maconha por exemplo parece mais cotidiana porque seu efeito não dura tanto, e não tem uma "ressaca" como álcool ou bala.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

A família da mãe tem bastante "maconheiros", mas o assunto não é muito falado, apesar de todos saberem e só falarem disso por piadas, enquanto a do pai é bem mais conservadora. Analisa que tem amigos que usam bem menos e bem mais que ela ("todas inclusive"), sendo bem variado.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Vê principalmente em festas, com amigos, ou na UnB. Não relatou nenhuma experiência desagradável, se sente ok, mesmo se não for usar também.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Disse que os pais nunca ensinaram nada, mas sempre pesquisou por si só para ter certeza do que estava usando, sempre se sentiu curiosa e preocupada com o assunto. Quer entender os riscos e o que seria bom sobre usar determinada substância que ela gostaria de experimentar, citando o LSD como exemplo. [questionando mais sobre o que os pais falaram] na verdade apenas o básico de não usar por parte do pai. A mãe apenas alertou para riscos a longo prazo, responsabilizando ela pelo próprio uso, mas outras drogas é como se nem valesse a pena discutir.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Na internet, amigos (soube da marcha da maconha por eles por exemplo), notícias etc. Sente um grande tabu por parte da grande mídia, mas que também é cada vez mais naturalizado, sentiu uma abertura há dois anos na mídia. Citou que uma novela há alguns anos atrás retratava uma "patricinha" que virou uma "marginal" e que isso gerou um debate "horroroso" na sociedade, mas que hoje em dia existem personagens "maconheiros" muito mais normalizados que usam. Considera esse avanço lento, mas importante. Falou de jurisprudência aberta pelo STF para maconha em casos medicinais específicos, enxerga que esse debate e mudanças estruturais acontecem aos poucos.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Sente que ao escapar da realidade, das responsabilidades, com muita frequência, vira algo negativo. Sendo uma experiência recreativa ou nova, é mais tranquilo.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Gostaria de quebrar a ideia de que usar drogas faz mal para a sociedade em geral, sendo apenas uma decisão pessoal, parecida com a maneira como a sociedade encara o álcool e o tabaco. Sente falta de sinceridade também, por parte de quem diz que "maconha não vicia", inclusive se considera viciada. Não é um vício químico como de outros, mas ainda assim um vício. Quer que o debate seja científico, e não pautado em desinformação. [questionei se ela vê seu vício como algo negativo, como na última pergunta] considera que sim, por sentir que está fumando não para ter uma experiência legal com amigos (valoriza o lado social da droga), e sim porque o dia está horrível e para não lidar com isso, automaticamente já está bolando um. Sente que precisa ter controle disso, porque sente o lado negativo, mas que já está diminuindo. [dividi meus pensamentos sobre o meu uso] Considera que só a própria pessoa pode saber se é um escape ou um relaxamento. É necessário ser honesto consigo mesmo e ser autoconsciente. Essa realização é mais fácil quando as pessoas ao redor são compreensíveis, cuidadosas e não tão reativas e agressivas. Sua mãe não gosta muito do cheiro, e o assunto não é muito comentado, mas quando ela sente que está demais ou algum comportamento de risco, ela fala sua opinião, dá um toque, "normalmente com razão".

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

procura saber a opinião da pessoa antes de expor a sua, e expõe a sua, esperando uma abertura, mas se não houver tudo bem.

conversa 10, 09/05 (ICC)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

substância que tira do eixo consciente, normal. [destrinchar mais] cafeína é uma droga, não altera a consciência mas muda de alguma maneira, altera quimicamente.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

álcool normalmente, nunca fumou, mas já experimentou brigadeiro de maconha. Vê bastante nas festas da UnB, considera o acesso fácil nesse contexto.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

quem oferece, realizar uma pesquisa antes, ter uma familiaridade (como o álcool com a família e ser comum em geral, maconha com pesquisas, não vê um grande risco etc), tem pé atrás com o que não conhece. Já ofereceram cocaína, lança, e evitou.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Com os amigos a maconha é bem normal, álcool também, além do álcool na família. Usadas em momentos pra arejar a cabeça, em festas, socialmente, mas rotineiramente não vê tanto assim.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas? Se sente normal, não se incomoda. [já teve um momento que incomodou?] apenas o cheiro e a fumaça, não o fato da pessoa estar usando.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Repúdio total. Apesar do consumo de álcool, a orientação sempre foi de fugir, sempre alerta em festas, não aceitar nada de ninguém, citou o PROERD. Ensinam a evitar, mas não ensinam sobre as drogas em si. [sua família usar álcool mas ensinar sobre drogas isso, o que acha?] Meio contradizente da parte deles, sente que poderiam saber mais sobre drogas também, um senso comum é muito forte (achar maconheiro vagabundo, estereotipação etc).

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Nada chega muito, ela que procura. Chega mais com amigos, perguntando as experiências que eles tiveram, um relato direto. Para achar dados mais científicos, procura mais por si só, lugares como Superinteressante, artigos etc. Dos amigos sente que a postura é bastante para legalizar, enquanto a família expressa mais a perspectiva de proibir. Quando lê, não sente muito o juízo de valor, é algo mais técnico, neutro.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

O negativo seria o vício. [o que é isso exatamente?] Difícil. Se acostumar com a regularidade, ter uma alta frequência; se atrapalha quando não tem essa frequência, é um vício. O positivo seria em festa, descontração, diversão, não vê um grande problema.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Sente que não poderia mudar nada, mas comenta do uso excessivo de álcool, sua normalização, e mudar também como se pensa nas outras drogas, que não são necessariamente esse buraco negro. Sobre política, queria mudar a educação, falar sobre as drogas em si, como elas realmente podem fazer mal, uma perspectiva mais holística, geral.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Gosta de escutar o que falam e é aberta, não costuma se incomodar, mas também gosta de se expressar e de questionar, independente da opinião. Tem a perspectiva de escutar todos os lados.

conversa 11, 09/02 (ICC)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Vê a definição técnica da substância, mas também o termo como algo necessariamente pejorativo, ou como associado à ilegalidade.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Uso recreativo, a motivação é bastante o lado da curiosidade, a partir do questionamento de porque essa coisa é tão negativa e vista como algo tão mal assim. Já experimentou cigarro, maconha, álcool, e nas festas já teve contato com cocaína, ketamina, LSD, ecstasy, e pretende usar mais inclusive. Sente bastante controle em cima desse uso, tem bastante curiosidade. O máximo de experiências ruins foi com álcool, mas nada de passar super mal. Não costuma exagerar, teve boas experiências das quais não se arrepende. Experimentar mais, ter menos medo de coisas novas, inclusive as coisas negativas. Já se sentiu mal no dia seguinte, e também renovado num sentido espiritual quase. Demonstrou saber o funcionamento das drogas que usa, falando que a glândula que produz os hormônios responsáveis pelas sensações fica cansada no dia seguinte, e por isso o dia seguinte pode ser mais cansativo e depressivo, uma "ressaca". Até essa experiência gosta de ter passado, para saber como reage a isso, como isso funciona etc.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

O contexto, com quem e onde está, pessoas que confiam e que tem experiência com a droga em questão, e que possam cuidar dele (isso nunca foi necessário). De qualquer maneira isso já ajuda muito, deve se sentir mais seguro, tranquilo. Usar maconha sozinho ou com má companhia por exemplo pode deixá-lo mais paranoico. O importante é se sentir seguro.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

É um tabu na família, vê isso como algo bem resoluto. Quem consome é meio por debaixo dos panos, o que considera péssimo, acredita que o diálogo facilitaria se algo de ruim acontecesse, pediriam ajuda sem se sentir desconfortável, mesmo se não for ilícita, até porque existem vários cenários possíveis em que alguém poderia pedir ajuda pra família, não necessariamente cometendo um ato ilícito ou por ter feito algo da sua própria responsabilidade. Com os amigos sente uma grande variedade, há com quem seja um tabu ainda, há quem usa e existem vários tipos, motivações e quantidades diferentes, da recreação ao vício (exagera porque se sentem mal, tentam "compensar" algo da vida) etc. Não sente que a droga em si é um problema, e sim as causas por trás, e as maneiras como as interações sobre isso acontecem são determinantes também – o ideal seria ser mais aberto e franco.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Mais festa mesmo. No seu trabalho de tatuador, tem drogas para se manter acordado e atento durante as sessões, ou maconha para o processo criativo (e até para tatuar mesmo, mas não super também), também existe a relação que muda ao longo do tempo de cada pessoa com a maconha, é muito individual. Até energético em excesso pode ser uma droga (ou seja, mudar o estado mental completamente), cigarro também com alguma mistura etc. Não se importa muito desde que não o incomode, não traga problemas, não passe mal, cada um sabe o que faz, o importante é maturidade e assumir as responsabilidades e consequências. Trazer consequências negativas do uso para o trabalho parece particularmente ruim e imaturo.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Se afastar completamente, algo super errado, o que foi um processo bastante legal de desconstruir ao longo da sua vida, assim como outras coisas que o ensinaram que era errado (presumo que uma dessas coisas seja, no caso, homossexualidade). [dividi que também passei por essa descoberta, de quebrar esse tabu] Aprender a ver essas experiências não como algo diferente, errado ou distorcido, mas só como um ponto de vista diferente. A alteração pode ser apenas de humor.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Mais amigos, outras mídias podem ser parciais, polarizadas. Sente que os amigos são maduros em relação à drogas, por assumirem os riscos do consumo, e também o lado positivo. Saber lidar com isso, se responsabilizar, sem cair para o lado de que é 100% bom ou 100% ruim. Tem consequências ruins, como tudo na vida. [comentei que esse conhecimento vem muito diretamente, da vivência, da experiência, além da pesquisa] Na sociedade em que até querer isso é reprimido, vira um tabu, e você só aprende de verdade pela experiência. É difícil também compartilhar o que significa essa experiência, por ser muito individual, nunca é a mesma coisa pras pessoas.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Depende do espaço, tempo e energia que isso ocupa na sua vida, dos seus objetivos também. Um foco grande em carreira por exemplo pode ser atrapalhado pelas drogas; se quiser ter essas experiências, pesquisar sobre isso, discorrer criativamente etc, pode ser bom. Se ocupa um espaço grande demais parece um problema para ele, mas vê que esses parâmetros podem ser muito individuais.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Conversar mais, julgar menos, experimentar mais, ter menos medo. Se as pessoas não vissem como errado, as coisas podem mudar, não necessariamente boa mas menos um monstro. Usar drogas é normal, e conversar ajudar a enxergar isso dessa maneira, reduzindo danos no processo.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Depende de várias coisas. Tenta analisar o quanto ele sabe do assunto, ou se ele tem opinião sobre o assunto; se não souber, tenta absorver mais. Às vezes sente também que a pessoa está tão fechada que não adianta tentar adicionar, não vale a pena o desgaste. Gosta de compartilhar de qualquer maneira as suas experiências, trocar e refletir profundamente sobre o que as pessoas já passaram. Sobre as políticas, se sente um pouco mais afastado e procura falar menos e escutar mais. Mas considera que como a política é um reflexo da sociedade, se as conversas fossem mais abertas, isso se refletiria na política.

conversa 12, 21/05 (em dupla) (FD)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

A: O que vicia. [questionei o que isso significa] Modificar o corpo a ponto dele apresentar sintomas desagradáveis na ausência de algo. Nessa definição, qualquer hábito, usar qualquer objeto, pode ser uma droga.

B: Concorde com a análise, mas "droga" costuma ser muito interpretado como o que é ilícito e não aceito socialmente. [ilegal e não aceito são necessariamente a mesma coisa?] Sendo de Goiânia, sente que lá as pessoas são bem mais abertas em relação ao uso de drogas ilegais do que em Brasília, cujo uso seria muito mais velado.

A: sendo do Rio, sentiu o contrário. Um brownie mágico, por exemplo, chama mais atenção lá do que aqui por facilitar o uso discreto, relata que em espaços públicos observa mais pessoas aqui usando.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

A: nunca usou ilícitas. Relatou vícios como videogames, doce, Halls. Brincou que dos pós brancos o que mais vicia é o açúcar.

B: no início, disse que cocaína vicia mais, mas deixou claro que nunca provou. Fuma maconha mais constantemente, mas apenas quando não vai atrapalhar responsabilidades, vai se sentir tranquila mesmo etc. Já provou MD e bala, mas outros sintéticos sente mais desconforto, como cocaína e LSD etc. Sono e alimentação, que sente que foram ao longo da vida ficando cada vez mais difíceis, são ajudadas pela maconha na sua experiência. Na sua análise, fuma mais na faculdade por ter mais tempo livre do que no ensino médio, quando começou.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

B: pureza da substância, efeitos na saúde, compreender esses efeitos, e também de onde veio, se a pessoa não for de confiança. Ser sintético também a afasta, pela possibilidade de manipulação humana e as intenções que vem dentro disso, se sente vulnerável.

A: ser ilegal sempre foi um obstáculo para ele, disse que é um pouco medroso por causa da educação que recebeu e personalidade também. Com o tempo, tendo uma compreensão mais flexível da lei, se abriu mais, mas ainda assim sente que tem dentro de si padrões morais e estigmas em relação a usuários de drogas ilegais, e que por isso não gostaria de se associar, até pela maneira como ele começaria a se ver. Sente que isso o afastaria da família também, pelo conservadorismo e por não ser algo que poderia ser compartilhado, não teria apoio. Também não vê necessidade de usar. Tem receio também das coisas que são aceitas socialmente, por justamente serem aceitas e por isso pouco questionadas. [como foi se flexibilizando?] Teve autoridades e lições rígidas das quais começou a desconfiar, o que foi se espalhando para outras "crenças". Pesquisando e questionando por si próprio, começou a relativizar várias coisas, através principalmente por ter visto que existem coisas legais que são bastante prejudiciais, e como pessoas que usam ilícitas se relacionam, vivem sua vida etc.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

B: viu a maconha em contextos que ela nem imaginaria, como primos, padrasto etc. Isso a faz questionar o tabu que existe por trás, por ser uma droga ilícita que não arruinou a vida dessas pessoas. O sogro dela usa, mas por ser metaleiro e etc, todo mundo sabe mas por ser "aquela pessoa", não adianta insistir e é aceito (ele ser metaleiro por exemplo). Mas com outras pessoas da família não seria ok. Existe uma certa tolerância com algumas pessoas específicas (talvez ser homem, mais velho e mais agressivo facilite isso), mas o fato de haver uma pessoa que usa em uma família conservadora acaba forçando a criação dessa "abertura selecionada".

A: nunca viu nenhuma droga ilícita na família, mas em oposição, já viu bastante os pais com dor de cabeça por causa do café. Na sua escola, já foi preocupação da diretora o tráfico entre alunos, e já testemunhou alunos fumando meio escondido, mas isso nunca o incomodou, "mesmo se não fosse escondido". Na faculdade já começou a ver muito mais, e também não se incomoda, por conseguir ver que podem ser pessoas legais.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

A: festas, baladas.

B: em Goiânia, pode ser em qualquer lugar; inclusive em lugares mais públicos ou em casas, porque em festas pode dar problema. Citou que em cursinho via pessoas saindo da sala para fumar, o que a deixava um pouco confusa porque ela não conseguiria estudar coisas mais exatas estando sob o efeito de drogas. Aqui, usou a palavra "noiado" em relação a como elas deveriam se sentir em relação a vestibular e a estar fazendo cursinho. Já ouviu relatos de pessoas que não se sentem assim, que conseguem "domar" a criatividade durante esse estudo, ou até ajudariam e enxergar o conteúdo de outra forma.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

B: evitar 100%. Ainda assim, a educação familiar parece ter sido mais sobre orientar do que punir e assustar. Seus pais são jovens e tiveram uma vivência mais "hippie", artística etc. A mãe dela já viu "chapado" e, quando ela se mudou de cidade para estudar, a alertou para continuar "na realidade". O pai já falou que um dia eles podem tomar chá de cogumelo juntos, então há uma grande abertura, mas ainda parece haver demanda por responsabilidades.

A: a educação de que as drogas viciam de primeira. Pai militar – mas ele relata uma desilusão em relação ao que ele fala. Convivendo com pessoas que usam drogas, sabe que não é de primeira que se vicia. No Rio, parece haver uma grande estereotipação das drogas ilegais com a Cracolândia, o destino final de todo viciado. Faz uma oposição com as batidas de carro geradas por álcool que não se discute do mesmo jeito, não importa tanto pras pessoas.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

B: vê como algo muito negligenciado. Nunca acompanhou muito TV, então não tem contato com a grande mídia. Comenta que existem usuários de drogas riquíssimos, e nem por isso estão na Cracolândia (apontando também para o fato de que usuários de droga não necessariamente estão lá), e também que existe essa violência, repulsa e desejo de destruição à Cracolândia por serem pessoas já marginalizadas e pobres.

A: Questiona se o uso de drogas é "o" problema da Cracolândia, e vê a grande mídia focando muito nisso. Na sua escola teve contato com um livrinho que falava sobre alimentação, sexualidade e entorpecentes, explicando em termos científicos (classificações, descrições etc). Gostou bastante desse livro pela perspectiva de que drogas existem e que é melhor saber como usá-las, em vez de fingir que não existem. [dividi minha experiência com livros do PROERD na minha escola, que incentivava se afastar de pessoas que usam drogas]

B: isolar pessoas que estão usando drogas só pioram o problema.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

B: positivo é ter controle, saber quando é ok e quando não é ok usar, ter controle sobre o estado em que a droga te deixa, controle financeiro, emocional. Ela não te usa, você usa ela. Vê que o uso de maconha é mais fácil de controlar isso do que com cocaína, por exemplo, em que o vício escala muito fácil. [questionei quando que pode ser positivo, ou seja, sem a droga seria pior] Falou do efeito medicinal da maconha, mas recreativamente não seria positivamente no mesmo sentido. Não depender de nada é melhor do que depender, mesmo que isso te faça se sentir bem.

A: negativo seria afogar as mágoas no bar, ou ter que usar em um lugar porque esse lugar é ruim, as pessoas são chatas etc, por ser a única maneira de se divertir. Acha a recreação válida desde que consentida. O problema é ter um problema e usar algo pra esquecer em vez de resolver o problema.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

A: usou aquele livro que viu na sua infância como exemplo, valorizando o diálogo e a educação em vez de repressão.

B: comentou que nunca teve na sua vida um exemplo como esse. [e sobre consumo em si?] Tirar o tabu sobre o consumo para lidar de outra maneira sobre isso. Mudar a lei não serviria de nada sem mudar o preconceito (como maconheiro ser fracassado, vagabundo etc).

A: fala de discursos políticos que se aproveitam desse preconceito para alavancar campanhas eleitorais. O importante seria estar ciente das drogas e dos vícios que a sociedade tem (além das drogas inclusive), porque seria mais fácil fazer as escolhas do que usar, e ser mais saudáveis e felizes.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

B: depende muito do meio e de cada pessoa. Sente uma grande discrepância entre quem aceita e quem acha um absurdo, algo que estranhou bastante ela dentro da faculdade.

A: se abstém, sente que por não usar nada ilícito não teria muito o que acrescentar.

B: considera muito difícil falar sobre isso porque é um problema muito complexo no Brasil, por causa das facções, e também por causa das diferenças biológicas que cada corpo tem em relação a cada droga. Considera muito imprevisível mudanças na lei, mas considera que falar sobre isso é fundamental para ir clareando tudo isso.

A: dá exemplos de como a conversa pode acontecer: pessoas valorizando políticas de repressão ("como conseguiram fazer com que parassem de fumar maconha na praça") ou contornando o cerne do problema (falando sobre o preço das drogas, ou sobre discursos políticos sobre drogas e suas implicações, ou usando humor para aliviar o clima).

B: considera o debate sempre acalorado, considerando também experiências pessoais com o tema que deixam as pessoas nervosas, ao contrário de um tema mais simples como saúde bucal.

A comenta sobre "sem comércio / sem consumo" como uma maneira de quebrar barreiras com pessoas mais conservadoras.

conversa 13, 21/05 (começou falando que gostaria de conversar para tentar diminuir seu uso) (FD)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

qualquer coisa que altere o estado físico/mental, o seu "estar", se é algo externo, que não vem de você.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Álcool, antibióticos, loló, cigarro, maconha, açúcar, café, papel, bala (citou cigarro na pergunta seguinte). Parece gostar bastante das experiências, mas vê efeitos negativos por estar saindo da realidade, por não estar ativo por si mesmo, o mesmíssimo motivo para usar as drogas.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Depende bastante do ambiente e da intenção e necessidade da interação que vai acontecer. Cigarro usa quando está nervosa ou ansiosa; como ela estava fumando perguntei se ela estava nervosa; disse que por ter bebido (falou isso baixinho, parecida ter vergonha disso...?), ficou com vontade de fumar.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

vê muito mais o álcool, por considerar bastante social. Citou a maconha como algo que amigos usam por ser uma opção melhor que o álcool por ser mais leve, não fazer passar mal, continuar a funcionalidade e o controle. A família não sabe que ela fuma, mas bebem um pouco. Ela sente que bebe muito mais, e se eles descobrissem iriam repreender muito ela.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Festas, confraternizações. Acha normal, e se sente familiarizada também. Em um contexto, se sentiu desconfortável com pessoas usando cocaína por ser algo muito pesado para o contexto, mas também por ser mais pesada pelo estigma, o efeito em que a pessoa fica – mais violento e ativo, a ponto de ser disfuncional no contexto em questão.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Nunca use, senão vai acabar caindo no CONIC (o que seria o equivalente brasileiro à Cracolândia do Rio). Relatou que traficantes buscam afastar (ou matar até) pessoas da Cracolândia porque elas afastam usuários de drogas mais caras, enquanto o crack é muito barato. Nunca teve uma experiência direta com essa realidade, mas já viu no Rio. Teve pessoas na vida que acabaram indo para o crack ("começaram no pó") e que perdeu o contato. [como se sente com usuários de crack?] Tem até medo de usar algo a ponto de chegar a esse ponto. Já testemunhou violência de usuários de crack com outras pessoas, com uma amiga sua até (mas esse caso não chegou a ver, apenas ouviu). É difícil ter certeza de se tudo que ela viu foi realmente perpetrado por usuários de crack. O consumo de cocaína e crack a afasta da pessoa por considerar algo violento, pesado, as pessoas não ficam tranquilas.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Nos círculos sociais que decidem se vão usar algo ou não. Na mídia vê apenas coisas negativas, discursos violentos como "bandido bom é bandido morto", e não racional. Sente que não focam no problema, que seria o grande traficante, e não o usuário. Analisa que não tratam o problema como algo de saúde pública, e que não buscam entender que as pessoas querem usar drogas – não fogem do senso comum. Percebe a relevância de entender o sujeito enquanto um sujeito complexo, com história e sentimentos (por que ele usa? como ele usa? o que ele decidiu usar?), em vez de simplesmente exterminá-lo. Questiona que as drogas são tratadas e classificadas de maneiras diferentes (apesar de "todas as coisas serem drogas") por interesses como da Ambev, apesar do álcool ter grandes consequências sociais.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Negativo por sair da realidade, ser uma forma de abstenção, afetando sua vida e rendimentos familiar, social, financeira, acadêmica etc. Mas pode ser bom por facilitar a interação, por ser simplesmente bom e aceitável.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Gostaria de mudar a prática punitivista, mudando o foco para saúde, e que houvesse uma compreensão maior em relação ao próprio indivíduo que usa drogas. Vê um grande desperdício e hipocrisia na prática punitivista, por ter alvos específicos e por punir tão fortemente pessoas apenas por usar drogas.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Tenta mostrar seu lado anti-punitivista, mostra dados, estatísticas e argumentos. Mostra por exemplo que o uso de drogas, presos e o tráfico aumentaram apesar da última modificação mais rigorosa da lei sobre drogas no Brasil, problematizando a própria visão punitivista. Vê isso como um problema que só cria um abismo entre o usuário e a sociedade. Considera que ver esse problema pela ótica punitivista é mais fácil. [como as pessoas reagem?] Dividiu em três grupos: os que compreendem e admitem que não conheciam esse lado, os que preferem se prender às suas verdades, e os que se mantêm neutros, deixando a decisão para outras pessoas. Comenta que essas pessoas podem não se sentir parte do problema porque não usam drogas e porque não vão ser tocados pelo direito penal (se sentem bastante seguras e privilegiadas).

Estudou esse assunto pelo ponto de vista penal, disse que tem uma visão "realista", citando o mercado da droga e o mercado da punição, ambos lucrativos para os interessados.

As pessoas não se veem como parte do problema se não se consideram usuárias de drogas, e não se consideram se for legalizado. Aceitar que você mesmo usa pode ser um processo muito difícil.

[é possível não usar drogas?] sente que na sociedade moderna não, porque o indivíduo precisa de uma abstração, e a sociedade atual é muito exigente, agitada, estressante.

[comentei da minha experiência de ayahuasca, como algo espiritual] expressou que apenas a partir de si próprio, sem interferências externas, é possível se conhecer de verdade, senão é apenas a droga. Considera que estar alterado é uma "mentira", não é a realidade, e portanto, dispensável.

[estando sóbria o meio não pode te enganar?] sim, mas seu poder de avaliação muda, certos parâmetros são retirados, então a compreensão de si mesmo e da realidade é mais honesta, mais pura. "Droga é pra sair da realidade, não pra entender a realidade".

[por que queria usar menos?] sentia que usava pelos motivos errados. Usava para aproveitar melhor as situações sociais, festas etc, inclusive poderia achar eles desinteressante sem estar "aérea". Se focasse nas interações, perderia o interesse; além disso, o uso de drogas faz mal. Levando em conta o que disse antes, talvez o uso de drogas faça ela se retirar mais dessas interações em vez de focar e aproveitá-las.

conversa 14, 23/05 (FS)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Definição bastante ampla, sente uma diferença entre a definição médica com a qual trabalha e a definição "social". Uma substância exógena que pode ser benéfica ou não, trazendo exemplos medicinais. Traz a definição de "uma propriedade tóxica que me interessa", porque o propósito e contexto alteram a maneira como é usada. Existe a análise do custo-benefício, ao se matar uma célula tumoral por exemplo, mesmo com efeitos colaterais. Vê que também existem usos inúteis, que não trazem benefícios, ou apenas malefícios. Não vê propósito quando o propósito não é terapêutico, não trazem benefício algum, apenas prejuízo. ("quero sair dessa esfera, quero fazer uma viagem"). Analisa que na maconha e na ayahuasca, existem princípios ativos que valem a pena ser estudados. "Qual o propósito de se usar LSD, cocaína, crack? São drogas viciantes, trazem dependência química e destróem a vida de uma pessoa". Drogas de abuso e drogas ilícitas aparecem como sinônimos. Descreve a história do LSD como uma descoberta que buscava uma coisa, achou outra, ofereceu uma experiência "assustadora" e hoje é vendida e traficada em festas, confessa não ver sentido nisso. "Pessoas que estão se destruindo, um prejuízo para a sociedade". A definição "social" parece mais negativa que a visão terapêutica que depende da intenção, administração etc.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

A reação inicial foi bastante forte em dizer "não", mas depois repensou que na verdade usa várias, mas não as drogas de abuso, apenas remédios e substâncias específicas como hormônios. Não tem interesse algum em usar drogas ilícitas, por ser "inteligente o suficiente para saber que destruiria minha vida", associa a dependência química à ruína da vida. Por ter filhos e netos, diz que sabe o que isso pode causar na vida de alguém.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Conhecer limites, conhecimento. Interpreta que quem gosta de si mesmo e conhece os efeitos ruins do crack jamais provaria o crack. Problemas intrínsecos como revolta com a vida, tendência suicida etc (coisas que são contra esse gostar de si mesmo) poderiam levar a pessoa a querer provar o crack. Aqui junta lícita e ilícita, fala de álcool e citou que bebe vinho, mas que conhece seus limites, não perde a consciência, não interfere no potencial de escolha.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Considera sua geração muito mais contida que a minha, ninguém usa droga nesse sentido de autodestruição, tirando um caso específico do filho de uma prima que "começou na maconha,

recreativamente". Faz uma distinção na população, por haver uma parcela que pode usar diferentes droga e ao parar, fica "normal", mas outra parcela que por questões genéticas, neurológicas, de desenvolvimento etc, podem desenvolver esquizofrenia assim, por exemplo. Disse que com o tempo, com tolerância e questões financeiras, foi depois para o cactus mexicano (peyote) e depois o LSD, talvez cocaína, e depois para o crack, e hoje tem 40 anos e é esquizofrênico. Diz que esses exemplos precisam assustar, afastar os jovens das drogas, e considera que na juventude existe vontade de arriscar, de experimentar etc. "Na dúvida, não ultrapasse", o risco é alto demais. Tenta usar sua posição de professora e mãe para aconselhar os jovens técnica e cientificamente.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Misericórdia: se sente impotente, não consegue tirar a pessoa de lá. Se sente contida nesse assunto. Sua vida é muito distante desse mundo, mas já viu gente, crianças na rua usando cola, crack etc. "O que fazer durante o surto? Muito complicado". Parece definir surto como esse estado em que essas pessoas já se encontram. Disse que já ajudou muita gente, faz atividades sociais de outra forma, na sua área medicinal, arranjando consultas etc, mas disse que nunca foi num ambiente como a Cracolândia "sentir o drama". "A gente fica muito no nicho da gente".

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Na sua juventude estudavam muito cedo para conquistar um espaço de trabalho, não existia "pontos de venda em esquina". Além de não ser uma preocupação na época, não havia como ter uma experiência direta também, e havia outras prioridades. Na sua formação e trabalho, aprendeu muito o lado técnico-científico, identifica princípios ativos, desenvolvimento de antibiótico, substâncias com atividade psicoativa etc, sempre com o foco da saúde.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Alunos, festas, conheceu o gummy recentemente. Ouve falar por cima. Não sabe se tem crack na FS, mas num levantamento numa escola em Itapoã, havia consumo de drogas como álcool, cigarro, maconha, cocaína e crack, com alunos de 10 anos pra cima. Quanto mais velho (16, 17), maior a experiência com crack. Vê como o álcool é muito fácil de comprar, e adolescentes não conhecem seus limites. Vê que é um assunto muito tabu, não se conversa sobre isso, principalmente grupos radicais. Não acredita na legalização das drogas, argumenta que a Holanda está até tentando voltar atrás nisso. Sente que falta conhecimento, e conversar sobre isso é o caminho. Me perguntou se eu uso drogas, que drogas já usei: respondi que uso maconha e nunca usei cocaína, as drogas que ela citou. Sua expectativa era de não ter usado cocaína pelo preço e pelos efeitos negativos, mas respondi que além disso, há a questão de que nunca houve chance de usar, e não gostaria de estar sob o efeito de cocaína, que parece muito violento e agressivo. Sinto que a conversa tem um tom "explicativo", principalmente ela falando da heroína também, mas que isso é a conversa. Disse que fizemos a mesma pergunta um pro outro e tivemos respostas parecidas, nós conhecemos nossos limites, mas também falou da maconha, que mata neurônios, abaixa a cognição etc, em oposição ao uso "esporádico, recreativo", como num tom de alerta. Considera que os jovens estão mais em risco porque pessoas mais velhas não se arriscam, não chegam a esse ponto de causar dependência. Sente que é necessário ter essa conversa em família. Seu filho tem um alto QI, mas "emocional baixo". Disse que não usa drogas porque sabe que se usasse, afundaria nisso. Se sentiria mal, deprimida, impotente numa Cracolândia por não haver como cuidar das pessoas, se sente muito matriarcal. Sente que a autoestima, autoescolha dessas pessoas é tão deformada que o tratamento compulsório, coercitivo, vale a pena.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

o consumo da maconha é sempre negativo; a parte recreativa imediata, momentânea, não compensa o risco do uso crônico ao longo da vida, sem benefício algum, menos como extrato, pura, separando os princípios ativos. Canabidiol não dá o "efeito contrário", que seria o do THC, que dá o efeito de "chapado". Fala da fumaça também. Sente que sendo uma pessoa bem resolvida, feliz, não precisa de maconha. Disse até que plantaria maconha para confeccionar tecido; que conhece o histórico da proibição da maconha, o preconceito contra imigrantes mexicanos, o autoritarismo dos EUA na ONU etc, e considera tudo isso um absurdo, ridículo, e não tem problema algum com a planta em si, mas que considera seu uso maléfico. Me recomendou parar inclusive. Sobre a ayahuasca, confessa que não conhece tão bem, conhece pessoas da União do Vegetal, reconhece seu uso ritualístico, até onde sabe não gera dependência, não chega a dizer que a substância em si pode causar problemas, fala da importância da pureza das substâncias.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

A sociedade precisa acabar com o tabu em relação ao consumo, mas com uma preocupação forte em evitar que os jovens (grupo de risco) façam o uso recreativo, em diálogo com todos os setores da sociedade. Sente que o comércio e a legalização é "assustadora" e não ajudaria as pessoas que já se perderam nas drogas, nem impediria outros de entrarem nisso. Aqui um comentário fica meio contraditório, falando da atratividade de algo ser proibido; mas diz que nunca sentiu isso, mas que pode atrair pessoas. Uma sugestão curiosa foi bolar uma solução internacional para substituir a fonte de renda das pessoas que produzem as drogas no Peru e Bolívia, que não tem outro sustento. Uma hora argumenta que a repressão na ponta final dessa cadeia não adianta, e que o importante é atingir a origem do problema; mas em outro momento argumenta que a repressão ainda é importante, porque os traficantes estão ganhando dinheiro em cima dos usuários. Finaliza com o argumento de que é necessário conversar com as pessoas para tratá-las e responsabilizar a ONU pela "merda" que fez. Então por um lado ela encara a proibição como um problema, mas também não enxerga que a reversão dessa proibição é o caminho.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Conversa normalmente, não tem tabu. Acha o politicamente correto irritante, sente que pode falar de tudo, independente de ser ofensivo ou não. O difícil é ser ouvida, sente que os jovens não gostam de ouvir os mais velhos. Disse que sabe o que está acontecendo com o meu pulmão. "Gosto tanto de mim que não vou me agredir", e gostaria de passar essa experiência pro outro. Pessoas ainda mais velhas que a sua geração poderia ter mais preconceito com "maconheiros", segundo ela. Sente que quem está na Cracolândia não quer saber de mais nada, por nem ter mais autoestima, não seria possível ter uma conversa lá. Poucos aceitariam ajuda, e só a condução coercitiva leva ao tratamento, e com uma chance pequena de cura. Tenta conversar dessa maneira franca e orientadora nas aulas. Comentou que consegue conversar com usuários de maconha, por exemplo, mas se incomoda se vê alguém usando, não gosta do cheiro, e se puder vai querer tentar levar a pessoa a não usar mais. Argumenta que quando eu tiver alguma responsabilidade como um filho, vou virar "careta" também. [dividi que meu pai fuma] ela perguntou se ele é "normal", ou seja, funcional, consegue conversar, tem motivações, controle da vida etc. Ela comemorou que seja esse o caso, mas disse que tem casos que são o contrário. Ela "admite" que é possível administrar esse consumo e ter uma vida boa, mas para alguns tipos: a maconha é muito leve, por exemplo. Poucas pessoas desenvolvem dependência química, pré-disposição genética etc., muito mais psicológica. Me convidou a ver um pulmão "de fumante" num dos museus da FS. [questiono o quanto ao longo da vida a gente só se faz bem, não faz coisas que causam mal etc] comer carboidrato é um problema, chegou a um peso que não queria, mas tomou a decisão de mudar e voltou ao peso normal. Comida em excesso pode fazer mal, beber faz mal, mas é sempre necessário saber os limites, ter controle. Sente que ela tem essa autonomia ainda, e tem pessoas que com drogas não têm mais isso. A

dependência química parece um fator muito relevante para fazer essa distinção. Falou da experiência de ver pessoas em hospitais com os pulmões já muito deteriorados, mal conseguindo respirar, e considera muito trágico e traumático. Acha difícil para o jovem enxergar esses problemas a longo prazo.

Volta a argumentar que nem quem produz as drogas quer fazer isso, gostaria de implementar políticas internacionais para contornar isso. Vê uma conexão indissociável entre o tráfico de armas e de drogas, pois o tráfico se mantém contra a polícia pelo uso e tráfico de armas. Melhorar a vida dos produtores que estão no meio da mata, em condições desumanas, com substâncias tóxicas etc (viu num documentário a produção de coca). Me perguntou o que eu faria se não houvesse mais maconha e se eu sou um dependente químico; disse que provavelmente plantaria, e que me sinto mais psicológico do que quimicamente viciado. Ela argumenta que talvez eu já esteja fisicamente mesmo. Assim como há o vício com chocolate, com açúcar, com Coca-Cola. Volta à questão do custo-benefício e o potencial de escolha, que a droga tira da pessoa por causa da dependência. Falou que tem netas na Alemanha onde se usa muitas drogas e se sente preocupada, disse que lá há diversas cracolândias, inclusive argumentando que o crack causa dependência na primeira tragada. Sente que é tão melhor fazer outras atividades como namorar, fazer teatro etc do que usar drogas. [dividi que quando fumei maconha pela primeira vez, foi quando eu consegui mudar minha percepção pela primeira vez, e pra mim foi um aprendizado em relação ao meu corpo, minha cabeça] Me perguntou se eu conseguiria fazer isso sem a maconha; respondi que não, pois é uma sensação física mesmo, novos pensamentos etc. Mas que ainda consigo ser empático, me conectar com as pessoas, conversar, ela inclusive me chamou de empático, provavelmente pelo que mostrei ao longo da conversa. Ela argumentou que a meditação, o relacionar, a conversa, o ajudar o outro, sofrer com o outro, se botar no lugar do outro (aqui citou Jesus, mas sem proselitismo: ele conversava com prostitutas) consegue fazer isso também, e sem afetar o físico e sem por a saúde em risco: alterar. [comento que a maconha é mais interno e de isolamento, e por isso pode dificultar esse processo] Argumenta que a maconha e até a ayahuasca muda essa percepção de uma maneira individual, para dentro. "Nunca senti algo tão legal quanto foi ajudar outra pessoa; acho que é a minha droga". [essa própria experiência do projeto, de conversar com as pessoas e trocar experiências, é algo nesse sentido também]. Sente que a maconha é muito mais tranquila, ainda acha maléfica mas é mais leve, e tem efeitos medicinais, não tem preconceito. [e preconceito com drogas mais pesadas?] Não conhece usuários de cocaína, não sabe dizer. O máximo que viu foi no filme "O voo", em que ele conseguia trabalhar bem sob o efeito mas destruiu a carreira também.

conversa 15, 23/05 (FS)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Qualquer coisa que entra no organismo e tem uma ação fisiológica, psicológica. [comida poderia ser então?] Sim, açúcar, cafeína, carboidrato. Falar que é droga não significa que é ruim; a definição é muito deturpada, demonizada, como algo que deve ser expurgado do corpo ou da sociedade.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Não existe uma sociedade sem drogas, alguém que nunca usou. Não tem um consumo próprio de ilícita, mas de lícita, toma medicamentos, café, álcool esporadicamente, tem como um ser social. O álcool faz parte da cultura, o organismo permite um uso baixo mas usa um pouco.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Nunca parou pra pensar. Das ilícitas, nunca sentiu desejo, mas já teve várias oportunidades. Das lícitas, demorou muito para beber e nunca sentiu um grande prazer ao beber. Sente que seu ego faz uma barreira, não permitindo ir além de determinado ponto, um controlador, um senso de

preservação. Há drogas que liberam muito, coisas que não se fariam sem o uso dela, e esse ego fala "não", como um alerta, e ela obedece.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Cada indivíduo é um mundo, e cada momento é um pedaço desse mundo, é algo muito multi. Considera um absurdo o que a justiça faz com os usuários de ilícitas, a repressão policial, encarceramento, vê o racismo e classismo institucional, vê como algo muito perverso. "Quem perdeu o controle, alguma razão teve. Se tem sofrimento, precisa de alívio e não repressão". [e das pessoas mais próximas?] Bastante variado, do que não usa nada até o que até exagera. São inserções no mundo, com consequências doídas ou não. Tem de tudo. Vê que a droga não é só prazer, mas também é prazer. Usar maconha na UnB por exemplo, num pôr-do-sol, lugar aberto, verde, é tão compreensível e simples, não é necessário judicializar esse processo.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Em vários contextos. Em alguns se sente muito solidária, percebe o sofrimento; em outros, com naturalidade; em outros, se sente parte. Depende da minha empatia, do que estou vivendo etc. Uma mulher sendo agredida por um homem alcoolizado lhe causa muita empatia; o direito dele de usar álcool não é o problema, e sim não conseguir não ser violento ao usar o álcool.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Cita uma linha divisória: o mundo das drogas (as ilícitas), dos endemoniados, espúrias e marginais, e o das lícitas (ou "não drogas"), como álcool e outras. Essa linha sempre foi muito bem definida e forte, mas foi se desconstruindo com o tempo, ao longo da vida mesmo, sem episódios marcantes, com a convivência com pessoas dos dois mundos, a mediocridade das pessoas em relação ao uso de drogas.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Na própria universidade, mídia etc. Citou uma notícia de que seria votado no Conselho de Drogas no DF uma "privatização" de comunidade terapêuticas, o que considera um uso da dor alheia, uma prisão disfarçada, com o interesse financeiro de certos grupos. Considera que nos meios em que convive isso circula muito. Trabalha na FS há 35 anos. [na FS esse tema é muito debatido?] Vê um consumo muito grande e exagerado por causa da pressão da universidade em cima da produção acadêmica, de dar certo e ser o melhor, e um pensamento cristão religioso pecador muito forte, o que reprime as pessoas. A universidade é um segmento da sociedade.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Não sei te dizer. Citou uma pesquisadora, Jandira Mansur: definir isso é como olhar o arco-íris, onde cada cor começa e termina. Onde termina o prazer e começa o problema? A própria sensação, a inserção social, a forma como ela interage no sistema, tudo isso contribui para essa definição. O que é um risco para uma pessoa não é necessariamente para outra. Pode haver usos inofensivos, como o exemplo prévio da UnB. Agora, o mundo girar em torno do cigarro, não ser mais possível viver sem isso, ser feliz, responsável, se satisfazer, aí é necessário estar alerta. A droga por si é inofensiva, e a relação da pessoa com a droga depende do seu estar-no-mundo. É preciso conhecer a pessoa a fundo para entender o que cada elemento representa na sua vida.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Descriminalização de todas as drogas. Assim é possível controlar mais as drogas que têm mais dano, como os sintéticos. Com a proibição, as pessoas nem se expõem. [cito o exemplo de Portugal] Responsabilizar consequências é uma coisa; criminalizar o uso é outra. O consumo de álcool no Brasil, por exemplo, criminaliza as consequências, e não o uso; isso é um direito, mesmo que autodestrutivo. Quando meu uso interfere no direito dos outros, isso já entra na questão judicial.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Expõe claramente seus pontos de vista, e procura respeitar e compreender o dos outros. Mas ainda luta pela liberdade das pessoas de usar drogas.

Elogiou bastante a iniciativa do projeto.

conversa 16, 23/05 (FS)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Considera um termo imposto e negativo, associado a algo ruim, que dá um medo ou baque quando se escuta. [você utiliza significando o que?] falando algo que é ruim mesmo, como na expressão "que droga". Vê que tem substâncias que são chamadas de drogas mas não necessariamente têm essa carga negativa.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Usa maconha diariamente, conheceu aos 18, antes só ouvia falar como aquela coisa ruim, a pessoa que não é produtiva, mora na rua etc. Sua vivência mudou essa interpretação, no caso específico da maconha, que não cai na definição negativa de "droga" pra ele. Vê países bem avançados nesse tema, usando como medicina etc, e no Brasil ainda vê bem no início da legalização. [como é o uso diário pra você?] Considera o uso o ajuda a se sentir melhor. Já quis parar, mas não vê consequências negativas e destrutivas pra ele, então continua usando, mas gostaria de um produto de qualidade. Para isso, tem que recorrer a traficante e é bem caro, o que acha muito ruim. Defende que plantar deveria ser legal.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Sente que a maconha já lhe traz o que ele deseja, sem ter que recorrer a drogas mais pesadas como cocaína e crack, citadas. Vê que consegue entrar dentro da sua rotina, da sua normalidade, para relaxar, estudar, como um medicamento normal. [por que não usaria a cocaína e o crack?] A cocaína parece apropriada para quem quer estar mais alerta, na balada, e o crack já associa à ruína total, não sendo uma planta com benefícios, já são substâncias manipuladas, ou seja, mais nocivo. Vê no uso de cocaína overdoses, dependência, internamentos compulsivos (ou seja, parece não haver outra opção nesses casos), usos abusivos etc. A maconha é muito associada a quem usa todo o tipo de droga, ou como porta de entrada para as outras drogas, mas cita até pesquisas que mostram a maconha como uma substância que ajuda no vício de crack. Argumenta que a proibição faz com que a maconha seja comprada no mesmo lugar que outras drogas, o que facilita essa interpretação de "porta de entrada". É a favor da regulamentação e controle da droga, substâncias etc. Analisa que o álcool é tão disseminado que em qualquer cidade pequena do Brasil tem um bar.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Só ele usa na família, não gostam muito. Ele tenta não se expor muito, tenta compreender que são de outras gerações e a associação com algo ruim é muito forte. Esconde o uso, mas eles sabem. [você teve que "sair do armário"?] A mãe acabou descobrindo com certos vestígios, já houveram brigas. Sente que não é possível mudar a verdade que as pessoas têm para si mesmas, defende seu

livre-arbítrio de decidir o que vai ou não usar, quando vai ou não usar etc. Os amigos não usam, mas é bem mais tranquilo. Usam álcool. Para ele, álcool não é super interessante. Se sente viciado em maconha, mas também compara esse vício com o das pessoas que bebem cerveja. [compartilho que minha experiência é bem similar, e que nossos corpos podem trazer isso] Cada pessoa tem uma ligação com uma droga, pode ser uma de farmácia ou não.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?
[essa pergunta foi pulada sem querer]

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Na linha do PROERD, e considera que é importante ser informado sobre isso, mas também estar aberto a novas pesquisas, como das propriedades medicinais da maconha, parece estar bem sintonizado com os avanços medicinais e judiciais da maconha. Sente que ao longo das conversas, ao pouco, é possível criar o espaço para a legalização.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

A internet tem de tudo que se quer saber: como plantar, novidades judiciais etc. Cita canais no YouTube parece estar por dentro da "cultura canábica". [e políticas?] citou grupos no facebook, o político Jean Wyllys, e o caso de uma notícia da mãe que conseguiu habeas corpus para a filha usar o CBD por questões médicas, ter passado no Fantástico parece muito relevante para ele, por disseminar o debate e mostrar os benefícios, a disseminação da marcha da maconha.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Negativo é quando a pessoa para de produzir, de trabalhar, de estudar. Se a droga é apenas um extra, algo que acrescenta, é positivo. Cita propriedades da maconha que ajuda na depressão, ansiedade etc.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Valoriza buscar o conhecimento. Faz uma análise de que no Brasil as pessoas não buscam conhecimento, não abrem a cabeça, não veem o que está na frente deles. Propõe separar o traficante do usuário, dar liberdade e autonomia ao usuário. Não sabe o que propor em relação a crack e cocaína, mas vê como substâncias que não estão no mesmo nível da maconha, por ser natural e mais leve. Sente que aos poucos essa legalização deve acontecer, para mostrar que a demonização da maconha não faz sentido.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Sente que as pessoas são muito polarizadas nesse assunto, e dependentes da educação que a família deu sobre o assunto. Sente que as pessoas têm que ter a liberdade de conhecer, de buscar conhecimento, mas só adultos. [e se alguém muito contra fala?] Minha mãe é bastante contra, arrancaria dele se pudesse, mas ela não pode impor a vontade dela sobre ele. Comenta de novo sobre o brasileiro que tenta impor coisas e não vê os fatos, falando de como o PT e o Lula tentam impor que ele deveria estar livre, o que é curioso pois costuma-se associar o desejo de legalizar as drogas com pautas de esquerda. Com sua mãe, tenta argumentar que sua vida está sob controle e que até o ajudou sendo menos agitado e ansioso, tentando mostrar que o que foi ensinado a ela não está certo. Sua postura já melhorou, não acha tão horrível quanto antes. Mostra documentários, vídeos, notícias da internet etc.

Citou no final a inutilidade da guerra ao tráfico, pois traficantes são facilmente substituíveis e punir o usuário não se mostrou eficaz também, encarcerando pessoas que não são violentas, não precisam estar lá, e acabam entrando para a criminalidade de verdade. Acha muito necessário aprender com as experiências dos outros países.

conversa 17, 23/05 (FD)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

interpreta o termo como uma forma de controle criada pelo governo americano no contexto da Guerra às Drogas, principalmente como uma maneira de controlar imigrantes mexicanos e cubanos, muito associados à maconha, ligando a droga a algo essencialmente negativo (ser uma droga), apesar da relação do termo com remédio, cuja dosagem e uso pode ser benéfico. Diz que o conceito de droga depende muito de quem você é e do que você conhece; pessoas do interior do Brasil, por exemplo, teriam mais tendência a discriminar por não conhecer todo esse histórico. Acha que regras e limites são necessários quanto a drogas, mas vê que o termo é muito mal usado. [pergunto se o termo é tão indissociável assim com o histórico] considera que sim, assim como o termo "gay" serviu como uma "etiqueta" para sinalizar pessoas cujo comportamento sexual era muito considerado sujo e associado à AIDS nos anos 90, mesmo já havendo discriminação antes. Hoje vê esses grupos marginalizados ganhando mais espaço e desmistificando essas coisas.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Brincou que não poderia falar por ele, mas por um amigo, "dissociando-se" do uso de drogas que relatou. Aprendeu que nenhuma droga deveria ser usada, mas em um outro ambiente (no caso no Suriname), se a definição e uso de droga era diferente, tudo muda. Começou a definir "droga" como algo que você se deixa consumir, não consegue fazer nada sem. Até o amor seria, definindo pessoas que namoram apenas por namorar como viciadas, e cada vício teria consequências diferentes. No Suriname começou seu uso da maconha, descrevendo vários possíveis benefícios do consumo e suas propriedades calmantes. [perguntei se era uso medicinal ou recreativo; preferiu não responder, mas interpreto como recreativo].

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Tenta pesquisar como o uso pode ser ok, pergunta para usuários (experiência em primeira mão), se/como a substância causa vício, overdose etc. Vê a necessidade de uma educação "narcótica", assim como a educação sexual, nas escolas.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

A família é bastante conservadora (bebem um pouco), ele parodiou a família falando que "maconheiro nem é gente", são religiosos e consideram a droga como algo "do mal". Considera que as dificuldades pelas quais os pais passaram na vida podem ter "regrado" muito eles, e eles não querem que ele passe por dificuldades também. Sente muita influência da cultura e das gerações, considera a nossa bem mais aberta. Amigos relatou um uso extenso de várias drogas, inclusive na FD. Brincou que usa-se até cocaína, mas que na verdade se usa mais essa droga em faculdades ricas como o CEUB.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Sente que o indivíduo usa onde quiser, sendo discreto ou não. Citou nos setores hoteleiro e comercial pessoas usando crack; UnB, maconha; CEUB, cocaína etc, pareceu uma visão meio estereotipada. [depois de eu ter dito que só eu vou escutar o áudio, relatou o uso de várias drogas, e que gostaria de usar, e que era ele mesmo que tinha ido para o Suriname etc]. "Cada um no seu quadrado", cada um com suas decisões e uso.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Falou algumas frases diferentes, variando do bastante positivo ao bastante negativo, e que não há como tirar uma conclusão definitiva: "quem sou eu pra julgar". Talvez também validando como que cada experiência de vida pode acabar tendo essas perspectivas diferentes.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Citou algumas instituições sociais como "igreja", "hetero top" e "família tradicional brasileira". Confia que amigos, quando percebem que há algum vício e/ou comportamento negativo de alguma pessoa, dão um toque em relação a isso, falando de interromper o uso. Já teve essa conversa consigo mesmo, "seu melhor amigo". Citou que usou pó apenas uma vez; falou por ser uma droga muito ruim por ser facilmente viciável, principalmente se a pessoa tiver um ego pequeno (talvez falando dele mesmo). Considera o problema parecido com o da arma, pois não é a arma que mata, e sim as pessoas. Sugere substituir o termo "droga" por "remédio recreacional". Talvez o termo "remédio" deixe a sugestão de que não é algo para exagerar ou usar de maneira leniente, mesmo sendo recreacional.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Considera extremamente complexo essa definição. Avalia que a questão vem dos motivos da própria pessoa; no caso em que precisou ter aquela conversa consigo mesmo (estava num país com língua e costumes diferentes), sentiu que seu uso de drogas era usado para aliviar o estresse e os problemas, mas sem resolver ativamente os problemas. Tenta não exagerar, mas em momentos específicos "mete o louco".

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

A favor da legalização da maconha. Argumenta que o cigarro é muito pior (consequências para saúde) do que a maconha.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Considera que a experiência de ter usado drogas é importante para debater o tema, assim como pessoas negras têm propriedade para falar do racismo, ou como pessoas virgens não têm muito como comentar sobre sexo. Falar sobre o que não se conhece seria uma maneira da opinião virar "fantasia". [questiono se é necessário usar, se ver/conversar com alguém que usa já não seria o suficiente para quebrar preconceitos] concorda, talvez a própria interação já seja o suficiente. Mas cria uma diferenciação com cocaína e crack, por serem drogas que "mudam as pessoas", num sentido bastante pejorativo.

conversa 18, 23/05 (essa pessoa topou participar apenas se eu apagasse a gravação no final caso ele pedisse) (FD)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Qualquer substância psicotrópica que altere sua forma de ver o mundo, sua parte psíquica, ou apenas ser psicotrópico, aceita que o uso pode ser eventual. O vício não necessariamente faria parte disso, pareceu associar essa possibilidade à cafeína. Mas vê a mudança que a cafeína gera, fica mais ligado.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Cafeína "quando precisa" e bebida socialmente, nunca nem provou cigarro. Seu avô fumou durante 40 anos, agora parou, ele mesmo disse ao neto pra nunca nem começar. Essa experiência parece ter influenciado muito ele em não querer nem provar.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Licitude, mas não por acreditar no cumprimento estrito da lei ou uma postura acrítica, mas porque não gosta de financiar grupos com os quais não se identifica, tráfico, violência associada etc. Já até manifesta-se a favor da legalização da maconha para não obrigar pessoas a participar dessa cadeia. O grau do vício também é importante; evita muita cafeína para não ter que tomar todo dia para conseguir produzir, não ter dor de cabeça na abstinência etc.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Ele não gosta de usar, mas tem a compreensão de que essa escolha é individual, fazer seu próprio discernimento. Vê bastante na UnB. Aceita a normalidade do consumo de drogas.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Depende da droga. Algo leve como a maconha, que citou, pode até avaliar que talvez prejudique a pessoa, e vê o problema de incentivar o tráfico, mas acha ok. Se for uma droga mais pesada, muito viciante, que pode desestruturar uma família, caso fosse um amigo, tentaria intervir e reprimir. [que drogas?] As mais "detestáveis" seriam as que mais viciam, como cocaína e crack. Comenta que LSD e ecstasy não tem um grande poder de vício. Comenta que quem usa perde a consciência, mas depois dos efeitos, a recupera e consegue fazer o discernimento de usar de novo ou não. Ser viciado significaria perder esse discernimento, perder o poder de decisão. [o que significa perder a consciência?] Pergunta difícil. Existe uma maneira de ver a realidade e reagir a estímulos, e quando essa reação é diferente, seria perder a consciência. Dormir, sonhar seria isso também, de uma maneira comum, mas também haveria maneiras mais prejudiciais. [compartilhei que eu achava que perder a consciência seria uma experiência de não ter noção de nada, perder completamente o controle, mas que na verdade eu ainda era eu mesmo quando estava sob o efeito de algo] Sim, quando a gente bebe é a mesma coisa, uma forma diferente de reagir aos estímulos, e isso não é necessariamente negativo. Ter poder de decisão em relação a como você vai se divertir. Vê com muito mais naturalidade a maconha, até por achar que é mais fácil ter maconha fora da cadeia de produção do tráfico, por poder ser mais local e natural, ao contrário da cocaína que é industrial. Comenta que não usa maconha também pelo lado puro de ser ilegal.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Analisa a educação como boa e ruim. Acha importante saber os efeitos de cada droga, mas sentia bastante agressividade, extremismo, botando todas as drogas na mesma caixinha. Cita que no PROERD havia a ideia de que fumar maconha automaticamente destrói a vida da pessoa, e existem vários exemplos, até públicos, de que não é assim que funciona. Sente falta de um realismo.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Artigos e publicações na área, mexe com direito criminal. Lê a F. de São Paulo, Jornal Nacional (grande mídia em geral). [o que vem desses veículos? Parece pouco sintonizado em relação ao que você tinha comentado antes] Considera a Folha ok, mais realista em relação aos efeitos de cada droga, abre espaço para debate, mas a Globo considera muito mais clichê. Considera ambos exemplos de bom jornalismo.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Positivo ao se sentir bem usando; negativo ao não conseguir decidir se vai parar de usar ou não, e aí vê sentido na interferência de terceiros. Prejudicar terceiros também justificaria isso. [comento que o álcool faz isso também] Sente que o álcool prejudica mais o coletivo que a maconha inclusive.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Gostaria de liberar as drogas que não tem um alto grau de vício e não deixam as pessoas agressivas, aí as pessoas poderiam discernir por si mesmas. Para as drogas mais pesadas, mudar a abordagem com pessoas viciadas, deixando a hostilidade de lado e encarando-a como uma pessoa doente, que precisa de cuidado. "Cuidar de uma pessoa viciada é dar mais amor quando ela menos merece amor – ou menos transparece merecer amor". Já escutou relatos de viciados em crack que tomam atitudes que nem se acredita que seria possível, mas fazem isso para manter o vício. Apoiar essas pessoas é importante, ter empatia.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Sente que pessoas mais velhas têm muita resistência ao assunto. Se ele conversasse sobre liberação da maconha com o avô, ele assumiria que ele fuma maconha todo dia, o que pareceria algo inadmissível nesse contexto. Nesse contexto, procura expor sua opinião mas de maneira sutil. Com jovens, é bem mais aberto.

No final quis saber como essa entrevista se comparava a outras que tive. Comentei que as entrevistas mais "interessantes" para a pesquisa são as que destoam mais. Se sentiu mais confiante em poder falar tudo que falou pelo termo de autorização.

conversa 19, 23/05 (FD)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Fala do que tira do estado normal, que dificulta o raciocínio, capacidade motoras, cognitivas. Dá um exemplo curioso: se um medicamento não tem efeitos colaterais ruins, é só um medicamento, mas se um medicamento para hipertensão por exemplo dá problemas no fígado, aí sim seria uma droga.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Teve como primeira experiência o álcool com amigos. Julgou que como a família bebe bastante em geral, não seria problema (apesar de não beber com a família, por causa do conservadorismo deles). Aos 14 usou maconha no nono ano (então já bebeu antes disso), falando que veio de um daqueles amigos que é mais "avançado em relação ao mundo". Depois LSD em uma festa. Já usou cocaína uma vez, e teve contanto com cogumelo e MD, mas nunca usou, considera que só usou mesmo a das mais "leves".

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

A pressão social é bastante influente, mais que "consciência interna". Disse que apenas uma pessoa com valores muito arraigados não se flexibilizaria em uma situação de muita pressão social.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Álcool e cigarro com o pai. A mãe é da PF e a família é cristã católica, a tolerância é baixíssima. Mas a família tem uma vinícola. Na universidade já viu bastante coisa, muitos usando maconha, tabaco,

LSD etc, já ouviu falar até de heroína. Nesse caso, a pressão social não foi o suficiente para que ele usasse, por ser uma pessoa só. Também manifestou que a droga parece pesada demais, mas que se quisesse se inserir em determinado grupo e isso parecesse necessário... talvez tomasse.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?
Fica mais perturbado com o uso de drogas ilegais. "Não tenho opinião formada, mas fico desconfortável". Disse que não usa mais nada porque virou evangélico. Sente que Jesus o tocou e nunca mais tomou mais nada para agradar a seu Deus. [Por que isso te afastaria de Deus?] Disse que a Bíblia não teria como citar drogas, pela maconha ser recente, do século 18, mas que por analogia, entende-se que tirar a consciência te afasta de se manter com o Espírito. Pareceu um pouco relutante em contar sua experiência de conversão evangélica, e quando comecei a construir minha pergunta, assumiu que eu queria saber em que versículo estava a proibição de usar drogas. Interpretei isso como algo um pouco defensivo, por ser um argumento possível contra o conservadorismo perguntar "então me fala em que versículo está escrito isso?".

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?
A família conservadora sempre advogou por nunca usar nada em hipótese alguma, menos álcool depois dos 18, e remédios. Se evangelizou em 2016, antes da faculdade. O falecimento do seu avô o levou a desacreditar em Deus e a usar bastante drogas, e um dia começou a frequentar espaços evangélicos e sentiu que essa não era a vida que Deus queria pra ele.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?
Fala do debate ser bem comum, na universidade, no Congresso, em âmbito nacional, mas depois diz que na sua faculdade não acontece muito, por ser um tabu não usar drogas. Se sente isolado por ser lido como chato, careta etc por não usar drogas, ir bem menos em festas, para fugir daquela pressão social.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?
Pode ser positivo quando ainda se tem total percepção cognitiva e intelectual das coisas, não há perda de controle ou bom senso. Aqui, cita que o álcool pode ser dosado para que essa perda de controle não aconteça, enquanto que qualquer dose com outras drogas inevitavelmente leva a isso. Álcool, cigarro e tabaco, dependendo da dose, pode trazer sensações boas, como por exemplo, seu pai fumando pra dormir, ou o álcool com um argumento mais científico dos antioxidantes etc. O uso de drogas que inevitavelmente trazem a perda de consciência é proibido por isso.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?
Gostaria que nenhuma droga ilegal existisse, mas acha a questão da legalização problemática. Parece ter uma perspectiva política liberal de que o governo não deveria se meter nessas coisas, por ser um problema individual, mas enxerga a necessidade do Estado fazer algo quando uma pessoa que cheirou cocaína esfaqueia alguém, ou bater o carro por estar bêbado por exemplo. Sente que é ineficaz criar impostos em cima das drogas, e que não sabe até onde o Estado tem que se meter nesse assunto. Dá um exemplo exagerado de que "uma professora poderia cheirar pó numa escola de ensino fundamental? Por que não, se é legalizado?", ou "dar droga pra criança".

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?
Escuta muito mais do que fala, parece se abster um pouco. Mas fala o que pensa quando fala, não gosta de criar caso ou se impor. [Perguntei se já houve algum debate acalorado] Conversando com

amigos ateus, que associou com uso maior de drogas, disse que já foi chamado de "crente idiota", e aí sente que pode também ser agressivo de volta com termos como "maconheiro", "drogadinho" etc, que podem ser usados em tom de brincadeira mas que sempre deixam o clima tenso.

Foi uma das conversas que mais me deixou curioso e feliz com o resultado, pois julguei que jamais teria uma conversa assim se não fosse esse projeto. Falei a minha interpretação de que o uso de drogas dele era realmente prejudicial por ser claramente uma tentativa de fuga (do falecimento do avô no caso), e ele acrescentou também a necessidade de descontrair depois de estudar pro vestibular. Falei isso por julgar como bom mesmo que tenha parado através da evangelização. Perguntei como ele se sentia em relação a querer usar drogas depois desse processo: relatou que já teve dias em que falava que queria cheirar pó, mas que com o tempo tudo passou, até prazeres imediatos como comer e se masturbar (disse que engordou muito depois de parar de usar drogas, e que depois foi voltando ao estado normal). Gostaria de melhorar ainda seu controle sobre sua raiva.

conversa 20, 23/05 (FD)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Já remete a coisas ilícitas. Tem que haver a possibilidade de gerar vício.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Álcool, já usou mais antes. Cigarro também, tabaco, tem curiosidade de fumar num cachimbo. Nunca usou ilícitos, tem muita curiosidade mas muito receio também. Disse que fica horas na internet pesquisando sobre coisas, e já viu muitas ligações feitas entre esquizofrenia e maconha, cocaína e outras coisas etc. Em geral, tem medo de "ir e não voltar", ter sequelas irreversíveis, despertar algo em si e se perder.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

[já teve a questão que comentou na pergunta anterior] Um conhecimento prévio sobre a substância, saber a procedência e qualidade, como o álcool tem, por exemplo, mas a cocaína, maconha, LSD, heroína (chamou essas drogas de "derivadas") não se saberia. Comenta que o cigarro tem muitas substâncias e não é possível saber tudo delas, mas por passar pelo filtro da legalidade, ser fiscalizado e permitido por um órgão como a ANVISA, o deixa mais seguro. O prejuízo à saúde é inegável, mas é permitido por lei, então não existe insegurança, marginalização por parte da sociedade cristã brasileira etc. Isso especificamente não passa na cabeça na hora de decidir se vai usar algo ou não; o que seria mais importante nesse momento são os pressupostos (não preconceitos) e a moralidade, ou o medo de ser preso. Sente que não tem preconceitos com drogas ilegais, mas tem pressupostos específicos, como o medo de enlouquecer com o uso. [já teve a oportunidade de usar ilícitas?] Sim, mas recusou por esses medos.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Um tio já usou, mas já parou. [o quê?] Não tem certeza mas acha que era LSD. O que se mantém na memória parece mais o fato de ser ilegal do que ser uma droga específica. Tem casos na família de pessoas que fumavam cigarro e bebem, o que considera normal, algo compartilhado com grande parte da população. Com amigos, vê usos eventuais de fumo em geral, álcool também. Em geral uma boa parte não fuma nada. Mas citou um exemplo de um amigo que fuma 1kg de maconha por ano, e esse amigo faz um controle de quanto fuma e quanto gasta.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Vê muito na faculdade, fica muito no eixo casa-faculdade. Apenas o cheiro incomoda, se baforarem na sua cara. Parece mais liberal e entusiasta sobre o álcool, por ele todos estavam bebendo, algo meio Mad Men, anos 60. Já viu consumo de cocaína, LSD, e não se importa.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

A educação familiar foi na linha de sempre ponderar, ir com cuidado, se arriscar pouco. Na escola via coisas mais soltas, uma palestra ou outra, não teve PROERD. [comentei que em geral a educação familiar é bem mais restritiva] Existe a grande preocupação com usar drogas sendo menor de idade (pela questão da responsabilidade cair na família), mas depois disso, foi apenas a questão de não exagerar, não cair no uso constante.

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Internet principalmente, coisas aparecendo no feed, mas o lado científico/aprofundado ele corre mais atrás, artigos, pesquisas etc. Contato com pessoas em geral. Não se importa muito com notícias sobre o tema (apreensões, prisões etc), acha repetitivo.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Ponderação, tudo tem um limite. Considera que quando o uso tem um certo objetivo, é regrado, e acontece de maneira eventual, comedida, é algo válido e pode ser positivo. Mas é negativo exagerar nas quantidades, ou depender sempre desse uso para alcançar os objetivos (comentou da ritalina aqui, precisar usá-la para conseguir estar atento), ou quando acontece pelo nervosismo e necessidade "viciada". Comentou que até cocaína poderia ter um uso controlado, variando muito de indivíduo para indivíduo; falou da cocaína em relação a estar atento e alerta, mas também não conhece muito exemplos. Falou de artistas com maconha e LSD para criatividade, liberar ideias. Valoriza disciplina, regras, prática.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Gostaria que houvesse menos discriminação, estar associado a mau-caratismo, vagabundagem, pode estar falando do racismo e classismo. Sente que a opinião pública "média" é rechaçar sempre o uso, e que as políticas são pensadas para essa opinião. Pensa que a truculência da polícia deveria diminuir, mas ainda defende a criminalização, porque o Brasil acabaria sendo um grande porto de drogas vindas da Colômbia (contexto geopolítico), e porque acredita que a dependência química que "todas" as drogas podem causar são muito negativas. A criminalização seria uma maneira de deixar o consumo nos eixos, mas ele também admite que isso nunca vai ser 100% cumprido. [e em outros contextos geopolíticos, continentes?] Em Portugal, um país muito menor, é mais fácil de administrar (demonstra conhecimento de outras experiências políticas no assunto), ao contrário do Brasil, e argumenta que criminalizar é muito mais difícil que liberar, associando a liberação a facilidade, deturpação e irresponsabilidade do Estado. A deturpação seria que liberar para alguém fumar maconha seria a mesma coisa que vender quilos de pó pro exterior, "aprisionando" os consumidores pela dependência química. Ao longo da argumentação propõe um meio termo: nem 100% a legalização nem 100% a criminalização de tudo, mas a conclusão foi um pouco confusa.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Tenta levar a conversa no humor, com piadas do tipo "maconheiro nem é gente", confessa que até com assuntos mais pesados faz isso. Sente que numa roda de amigos, não é necessária manter uma seriedade, não se responsabiliza 100% pelo que fala. Mas num contexto mais sério, tenta ser mais ponderado, adequar o que pensa, não quer agredir nem quem quer liberar tudo nem quem quer

proibir tudo, quer tentar conciliar, trazer para o centro, num acordo. Diz entender o lado da pessoa "que fuma 3 vezes ao dia para fazer tudo", pois se sente na sua liberdade pessoal, e a pessoas que "quer proteger todos", sente que é imoral, errado etc. Sente que não é imoral usar drogas, porque desde sempre a humanidade usa, acha normal essa necessidade de extravasar. Não dá para viver sempre alheio a realidade, e nem sempre nela.

conversa 21, 23/05 (FD)

Primeira fase

- o que significa o termo "droga" pra você?

Substâncias que alteram o estado físico ou psicológico, é bem acadêmico/científico mas bem abrangente, da maconha ao açúcar.

- poderia me falar da sua experiência em geral com drogas, falando dos contextos em que você já teve contato, quais já usou...?

Maconha, cogumelos e LSD. Usa maconha diariamente, o resto é mais eventual. Defende bastante a maconha, vê que depende muito de cada organismo, de cada pessoa. Sente que é seu porto seguro, consegue pensar mais, racionalizar, põe a cabeça no lugar, gosta do efeito. [e álcool, cigarro, drogas mais populares?] Até tinha esquecido delas, mas não bebe muito, já fumou cigarro, mas não é de fumar também, ou de tomar remédios. Vê muito uma questão de gosto mesmo.

- quais critérios você tem para decidir se usaria, ou não, alguma droga?

Foge de droga que possam causar danos muito fortes, ou permanentes. Sintéticos, químicos, um processo de refinamento, também afastam. O que é natural é bom. Mas ainda defende moderação, nada em excesso é bom.

- como é o consumo de drogas de pessoas do seu convívio pessoal, como amigos, familiares...?

Só alguns primos como ele na família, de resto não existe. Com amigos é bem mais comum, mas também isso não é o cerne das amizades, eles se conheciam antes disso também. Mas é uma paixão em comum.

- em que contextos em que você está presente você vê pessoas usando drogas?

Na Unb, ou com a família bebendo, ou na rua pessoas "fumando pedra". Se sente bem fumando na universidade, mas não bebendo com a família. Destaca as semelhanças entre esses dois ambientes mas os resultados são diferentes. Sente que o contexto e as pessoas ao redor determinam muito como o uso acontece. [por que é desconfortável com a família?] Sente que têm visões muito diferentes das deles sobre drogas. Eles acham socialmente aceitável passar mal de tanto beber álcool, "passar vergonha", mas fumar um baseado não, o que ele analisa como muito hipócrita. O preconceito que eles têm é bastante aberto, repressivo.

Segunda fase

- o que te ensinaram ao longo da vida sobre drogas?

Conservadora, católica, ignorante (sente que foi passado apenas o que eles gostariam de passar; parcial, limitado), assumidamente anti-drogas, distorcida (sente que a definição de drogas era bastante flexível, por não incluir remédios, álcool ou cigarro).

- de que lugares, pessoas, grupos, mídias etc você escuta informações e opiniões sobre drogas e política sobre drogas?

Internet principalmente, não confia na grande mídia, TV, impresso, acha bastante parcial, prefere eleger as próprias fontes. Tem a perspectiva de ler de todas as opiniões e tirar suas conclusões, apesar de ser parcial sendo "pró-drogas" também.

- quando você sente que o consumo de drogas pode ser positivo? E negativo?

Acha que não há um consumo positivo se não há uma necessidade como um desequilíbrio, uma doença etc, pelas consequências serem positivas. Mas não dá para negar os efeitos colaterais etc. É consciente sobre o dano da fumaça que fuma, por exemplo. Mas sente que seu consumo lhe beneficia mais que prejudica. [que benefícios?] Tem a questão de botar a cabeça no lugar, mas o uso é recreativo. Prefere usá-la em momentos de relaxar e descansar, comer, intimidade, música, não em momentos de trabalho, rotina. Vê os danos também, engordou por causa da "larica", tem a tosse de fumante, problemas na gengiva, e não há como não ver a relação com a atividade.

Terceira fase:

- o que você gostaria de mudar na sociedade em relação ao consumo e à política sobre drogas?

Sente que sem a mudança das leis, não é possível mudar como as políticas públicas funcionam; mudar a perspectiva para um problema de saúde pública, e não penal. Considera o uso de drogas extremamente normal e humano, desde o início da humanidade. O que dá pra mudar é o contexto ao redor e a abordagem, e não o fato das pessoas usarem. Não é possível extinguir as drogas, talvez diminuir.

- como você age com as pessoas quando acontecem conversas sobre esse tema?

Há anos atrás, se esquivaria da conversa, ignoraria, riria, se houvesse alguma opinião que considera errada, falsa ou idiota, mas hoje em dia tem menos tolerância, enfrenta muito mais e expõe sua opinião, talvez com a perspectiva de mostrar estatísticas, fatos, argumentos etc. [e com a família?] Quando ele começou a fumar, queriam até interná-lo, parece ter sido uma reação bem forte, mas nada aconteceu. Os pais hoje em dia são abertos e tranquilos, apesar de não querer que o filho fumasse (naturaliza a posição deles, por serem pais), mas com os primos, tios etc sente que ainda é uma conversa impossível de se ter.

Sente que quem não tem um contato direto com drogas ou com usuários raramente quer conversar sobre o assunto.